SILVANA MARTOS SCARPARO

A VOZ AMIGA EM SEU LAR - ANÁLISE DAS FORMAS DE RELACIONAMENTO ENTRE OUVINTES E RADIONOVELAS EM SÃO PAULO NAS DÉCADAS DE 40 E 50

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Alcir Lenharo.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 20/12/94

Dezembro/1994

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: "A EMISSORA DO LAR"..... p. 8

CAPÍTULO I: "NOVELAS DE RÁDIO"..... p. 15

1.1 O CONTEXTO DE SURGIMENTO DA NOVELA RADIOFÔNICA.....p. 15

1.1.1. A INDÚSTRIA DAS NOVELAS..... p. 17

1.1.2. A PRODUÇÃO DO GOSTO POPULAR.....p. 23

1.2. O OUVINTE DO RÁDIO.....p. 30

1.3. RADIONOVELA: FOLHETIM DE RÁDIO?!..p. 40

CAPÍTULO II: "A CONSTITUIÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE OS OUVINTES E AS RADIONOVELAS".....p. 47

2.1. A AMIZADE DENTRO E FORA DO RÁDIO..p. 47

2.2. OUVIR RADIONOVELA: MOBILIZAÇÃO DOS SENTIDOS.....p. 57

2.3. O ARTISTA VIVENDO PAPÉIS DENTRO E FORA DO RÁDIO.....p. 65

2.3.1. OS LARES DA EMISSORA DO LAR.....p. 72

CAPÍTULO III: "AMOR E FELICIDADE COMO SINÔNIMOS NAS NOVELAS DE RÁDIO E NA VIDA".....p. 82

3.1. CONSELHOS DO ARTISTA AMIGO.....p. 82

3.2. REALIDADE: CASAMENTO NA CULTURA DE RÁDIO.....p. 87

3.2.1 ANA MARIA, A HEROÍNA DO LAR.....P. 90

FASE A.....p 90

FASE B.....p 96

FASE C .....p 107

ANEXO I .....p 119

ANEXO II.....p 122

BIBLIOGRAFIA.....p 133

FONTES DE PESQUISA.....p 142

APRESENTAÇÃO

Entrei no "mundo das ondas sonoras" conduzida pela grata literatura de escritores brasileiros como Marcos Rey e Marques Rebelo e estrangeiros, como o peruano Vargas Llosa. A potência extraordinária dos acontecimentos de Rádio, nos anos 40 e 50, em sua capacidade de movimentar o campo social aonde se inseria mobilizaram minha atenção e sensibilizaram-me para trabalhar minhas inquietações, nesta pesquisa que ora apresento-lhes.

Um estudo histórico sobre radionovelas, num país como o Brasil, onde ações esparsas lutam contra a falta de preservação da memória de uma "cultura de rádio" enfrenta problemas de várias ordens. Com este trabalho objetivo incursionar-me pelas questões que tem aprisionado os fenômenos da radiofonia nacional -- à explicações fundamentadas principalmente na produção frankfurtiniana que analisam a atuação dos meios de comunicação de massa, determinantes à produção destes fenômenos, sob uma ótica unicamente negativista.

Meu intuito é estudar a relação dos ouvintes com as radionovelas constituindo-se em consonância com a imensa popularidade dos programas radiofônicos num momento em que o rádio se torna o mais importante veículo de comunicação (décadas de 40 e 50) do país. Desta forma, procuro compreendê-la no meio social onde se dá o fenômeno de popularização do gênero radionovelas. Ou seja, se programas e públicos tinham um caráter específico ao contexto em que se constituiam como tal, entrando neste universo eu poderia produzir conhecimento histórico sobre a sociedade

brasileira que se industrializava e se habituava a participar nos acontecimentos radiofônicos.

Parecia difícil materializar, mesmo uma das facetas de constituição desta "cultura de rádio" resgatando-a: primeiro pela ausência de estudos históricos sobre o assunto e depois porque não imaginava conseguir fontes primárias que o viabilizassem.

Quanto ao primeiro problema encontrei interlocutores na produção dos teóricos da comunicação e sociológos. Entretanto, eram estudos que dimensionavam o objeto de estudo de uma maneira específica às suas áreas de conhecimento e infelizmente pouco se detinham sobre a análise do contexto histórico em que o fenômenos culturais se davam. Por outro lado, embora não houvesse teorias que sustentassem minha visão sobre o tema e a maneira que pretendia desenvolvê-lo, encontrei alento num grupo informal de estudos sobre meios de comunicação de massa, formado por alunos do meu programa de mestrado.

Partí para a pesquisa: localização de "scripts", revistas, entrevistas com o pessoal remanescente da era de ouro do Rádio em São Paulo. Mesmo pensando, a princípio, em restringir o estudo ao estado de São Paulo, aos poucos, fui tomando consciência que sua dimensão era inalcancável, se pensada em termos do que buscava: singularizar o fenômeno para descrever as formas em que este se dava no social. Com algum esforço, reuní um material de pesquisa significativo. Só na Casa das Retortas, divisão do Centro Cultural São Paulo, catalogueí centenas de scripts de novela de dois escritores que atuaram em emissoras da capital. Lí boa parte deles porque sabia que eram nas temáticas abordadas que eu conseguiria encontrar dados que materializassem a chamada "influência das novelas" sobre o público. Conforme fui recortando o objeto e me detendo sobre o percurso da Rádio São Paulo, fui desconsiderando este material e me envolvendo mais com o acompanhamento de Radiolar - revista da emissora em questão. Por isso, deixo a catalogação do material existente no acervo do Centro Cultural São Paulo, como anexo em indicação de material consultado (ANEXO II). Da mesma forma,

reproduzo ao final, fichas técnicas de novelas condensadas e publicadas nas revistas, elaboradas por mim e que não foram utilizadas diretamente, mas que confirmam o caráter moralizador e social das mensagens veiculadas na emissora em questão.

Os valores observados estão especificamente enrolados na questão da Família como instituição chave que deve sobreviver à modernização por que passa a sociedade que se industrializa, como de fundamental importância, em termos morais, para a manutenção do equilíbrio social.

Neste momento, como o papel da mulher está definido por suas funções de mãe e esposa no lar, é ela o público privilegiado para a qual se dirigem os produtores de rádio. Além do que, considerando os interesses dos anunciantes é a "rainha do lar" quem faz as compras, consumindo os produtos anunciados pelos intervalos comerciais entre os capítulos das novelas. Enfim, como produto de massa, concretiza-se as finalidades de vendagem que lhe são anteriores.

Espero também ter quebrado um tabú sobre o gênero, considerado por muitos, como absorvido unicamente por um público feminino, inculto e habituado a descarregar seu sofrimento chorando com as estórias folhetinescas das novelas. Homens e crianças não precisavam necessariamente "sentar para ouvir novela" para estarem mobilizados pelo acontecimento que por muitas vias se realizava. Questões que serão trabalhadas no capítulo II, item 2.1 onde demonstro, dentro da especificidade da "emissora do lar", como muitas eram as formas de contato entre o público e os artistas da emissora. Bem como a questão da vinculação das novelas unicamente ao gênero folhetinesco, analisadas no Capítulo I, item 1.3, novamente ressaltando que se existe a matriz folhetinesca adaptada às novelas de rádio, também muitas são as fontes nas quais o gênero se instrui, enquanto um produto, fruto da cultura de massas que absorve referências de outras fontes diferentes.

Para buscar a compreensão do acontecimento cultural movido pelas radionovelas no meio social aonde se constitui selecionei três vias privilegiadas de acesso

ao acompanhamento da formulação do fenômeno em si. São elas: a relação intimista do ouvinte com o aparelho (Capítulo II, item 2.2), os artistas como um canal de materialização de mensagens - a força do exemplo, calçada numa relação inédita de amizade que o Rádio ajuda construir entre atores e público (Itens 2.1 e 2.3 do mesmo capítulo) e finalmente as temáticas veiculadoras de mensagens inseridas no contexto histórico em que são produzidas e que assumem portanto, uma função definidora de parâmetros estáveis a serem ensinados, numa espécie de didatismo que leva a uma pedagogia do ser, discussão do último capítulo.

AGRADECIMENTOS

De maneira geral, agradeço:

Aos bons amigos de meu curso de graduação - Unicamp, 1982 - porque sem aqueles anos eu não entenderia o necessário respeito à diversidade na História.

Aos professores que tive que justificam uma idéia conceitual de "professor" que inclui troca de aprendizados.

Às pessoas que acreditam no ser humano e no aprendizado e que portanto investiram em mim, como pessoa que aprende.

Aos meus interlocutores, por tudo que trocamos, por tudo que cedemos, e também pelo que retrocedemos.

Àqueles que tentaram se comunicar comigo e não puderam ir em frente, eu compreendo e agradeço também aos que não puderam ficar comigo sempre, porque sempre envolve muito tempo e vontade.

Às vivas vozes do Rádio que apesar da distância no tempo, se fizeram audíveis e chegaram até mim.

À mobilização de meu ser que me permitiu ouví-las.

E de maneira específica, agradeço:

À interessante forma de realizar de meu orientador, historiador atento às manifestações culturais da "Era do Rádio" no Brasil, Alcir Lenharo, que permitiu-me realizar este trabalho.

Aos esforços daqueles que lutam, nos arquivos e órgãos públicos contra o tempo e a falta de recursos, como o Flávio, a Vera e o Paulo da antiga Casa das Retortas e aos arquivistas da Associação Paulista de Propaganda e da Biblioteca Mário de Andrade, que muito me ajudaram.

Às instituições que financiam a pesquisa em nosso país e que concederam-me auxílio, como o CNPq, CAPES e especialmente à FAPESP que me tratou com muito profissionalismo.

À Ilka Ferreira que me confiou seu relicário e outros tesouros como sua coleção da revista Radiolar e os "scripts" de novela escritos pelo marido, Agostinho Aguiar Leitão.

À Cecy de Alencar porque os anos não apagaram da memória dos ouvintes sua voz de estrelinha das novelas de rádio.

À Cristina Meneguello e Marta Avancini porque em muitos momentos, cuidaram de problemas meus como se eles fossem seus. E é isto também que posso dizer sobre meus irmãos Sonia e Silvio e meus pais Assunta e Santiago Luiz.

Aos meus "auxiliares para assuntos de computação", Luiz Linske e Cláudio Luchini, que seguraram o texto na tela para mim.

Ao interesse imediato por mim e meu trabalho que a amiga Elizabeth demonstrou.

Quero registrar também um agradecimento muito especial para minha grande amiga Beni, irmãzinha mesmo, que nunca mediu esforços e muito me ajudou.

E finalmente, ao bom da vida, agradeço ao céu e à terra por me fazerem mãe da Marina e como tal voltar à minha própria história e reescrevê-la diariamente, linha a linha.

Novembro de 1994

"A EMISSORA DO LAR"

INTRODUÇÃO

A "febre das novelas" havia se instalado no Rádio nacional desde suas primeiras transmissões e, repetia no Brasil, o estrondoso sucesso conquistado nos países latino-americanos. Entretanto, seu auge ocorreria nos anos 50, o que explica-nos o fato de algumas emissoras optarem pela especialização no gênero, no final dos anos 40. É o caso da Rádio São Paulo que, em 1949, redirecionou sua programação basicamente para radionovelas. Este trabalho relata um pouco da história das novelas no Brasil,acompanhando seu percurso, em especial, na "emissora do lar - PRA-5", por ser a única da capital paulista, que se especializou no gênero.

A emissora, fundada em 1924 [1], e pioneira no estado de São Paulo, organizou sua programação inicial interligando-a às diversas tendências do meio radiofônico, que duplamente formaram um público e satisfizeram o seu gosto. Assim, nas décadas de 30 a 50 sua programação variada pouco se diferencia das restantes do cenário paulista: ritmos latinos e música clássica, palestras, pequenas transmissões de eventos, textos radiofônicos, notícias gerais e esportivas. O caminho que leva à popularização de histórias contatas pelo rádio começa a ser trilhado em 1941, a primeira irradiação de novela nos moldes importados da Argentina por Oduvaldo Vianna.

For esta época, a cidade contava perto de uma dezena de emissoras. A estrutura para a produção de uma radionovela não implicava em muitos gastos. O fundamental era acreditar na novidade e mobilizar o material humano disponível no seu "cast".

---

1. A Rádio São Paulo foi a 4a. emissora fundada no Brasil. São elas: 1a.: Rádio Roquete Pinto (PRA-2), que em 1950 se chamava Rádio Ministério da Educação; 2a.: Rádio Clube do Brasil (PRA-3) de Recife; 3a.: Rádio Sociedade da Bahia (PRA-4) de Salvador e 4a.: Rádio São Paulo (PRA-5) em São Paulo.

Oduvaldo Vianna foi um dos responsáveis pela importação do gênero para o Brasil. Trabalhando na Argentina até 1940, como contratado para escrever novelas, lançou "Predestinada", peça original, e "Recuerdos de un viejo amor", radiofonização do romance "Senhora", de José de Alencar. Quando regressou ao Brasil foi convidado para dirigir a Rádio São Paulo. Esse convite havia partido de Toledo Passos e Pedro Santoro. Aceitou a direção artística da emissora e lançou as novelas feitas em Buenos Aires.(2) Com o nome de "Recordações de Amor" foi "ao ar" na Rádio São Paulo, em 1941, a primeira radionovela paulista, autoria de Oduvaldo e Deuscília Vianna[1]. A direção comercial da emissora apostou em seus argumentos: novela no Brasil repetiria, uma vez mais, seu sucesso em muitos países vizinhos.

O Rádio consegue dialogar ininterruptamente com o ouvinte. Esta sua capacidade possibilita-lhe adequar sua programação às motivações vindas de parte da audiência. O dinamismo de sua comunicação e a popularidade de seus programas o consolida, nos anos 40, como potência comercial na área da comunicação.

A certeza do seu poder de venda é a garantia para o crescimento dos investimentos no Rádio. Dentre todos os gêneros de programas, o radioteatro mostrou-se investimento seguro para os anunciantes devido a sua grande audiência. Este é um fator que contribuirá na decisão da Rádio São Paulo de especializar-se neste setor em 1949.

Os anos 40 são, pode-se dizer, um momento de opção para a direção artístico-comercial das emissoras, acerca das formas mais adequadas de empreendimento no Rádio comercial. Sendo assim, a tendência de especialização coincide unicamente com

---

2. Informações extraídas da reportagem "Oduvaldo Viana - o famoso novelista brasileiro", RD 13, p. 19.

[1] É na rádio Nacional do Rio de Janeiro que ocorre a primeira de novela no Brasil. Com o nome de "Em Busca da Felicidade"adaptação de Gilberto Martins, a emissora carioca mantém a novela por mais de 2 anos, com o total de 284 capitulos de meia hora. Novela de autoria do cubano Leandro Blanco, tradução de Eurico Silva e produção da Standard Propaganda, transmitida as 2as. 4as e 6as às 20 horas.

os objetivos lucrativos da empresa radiofônica. Desta forma, a novela de rádio, incorporada à programação apenas como uma inovação na transmissão de textos que contam histórias, ao longo da década selecionou um público cativo e empolgado pelos enredos vividos ao microfone, nos breves dois ou três meses de duração de cada peça.

A especialização da "emissora do lar" no gênero radioteatral, durante os anos 50, resultou portanto de um longo processo. Fatores comerciais, como as preferências dos clientes anunciantes, os administrativos e os artísticos serão decisivos para a opção feita pelas emissoras. A partir disso, as PRs especializam-se. Em São Paulo, é o caso da Pan-Americana, que se direciona para a propaganda esportiva ou a PRA-6, Rádio Gazeta, famosa pelas audições musicais de alto teor, da chamada "música fina", porque tinha um "cast" de artistas líricos.

Desde 1947, sob a direção geral de Waldemar Ciglione, o diretor galã [3], a São Paulo entrou na nova década com mais de cem funcionários entre elenco, músicos, locutores, escritores de novelas, redatores, parte técnica e administrativa[2].

Com o público ligado em seu radioteatro, o retorno comercial destes programas é indiscutível, e por isso impõe naturalmente ao departamento comercial da "emissora do lar", a necessidade de se expandir.

"Os milhares de folhetos contendo o elenco da PRA-5 não bastaram para satisfazer a curiosidade dos fans; as centenas de entrevistas concedidas por este elenco à todos os jornais especializados e mesmo às revistas de rádio, também não satisfizeram ao

---

3. Ciglione reingressou em 1942 na Rádio São Paulo, atuando como locutor e por ser habilidoso "corretor de propaganda", revezou-se nas duas funções por longos anos. Como ator, fazia par romântico com Cecy de Alencar, e durante anos leu ao microfone as famosas "Cartas de Amor", de estrondoso sucesso, escritas por Fred Jorge, um redator da PRA-5. Ele atuou também, como galã, nas novelas da emissora.

2 Por esta época, sua potência de transmissão era 5 kw e sua frequência em kc/s, de 1260, bastante abaixo "Da Maior - Rádio Record" que fazia muito alarde quanto a este importante aspecto: capacidade de atingir o ouvinte nos lugares mais distantes. Conf. listagem extraída da revista Publicidade, setembro de1947, p99., Tomo VII, Ano VII. A questão tecnológica está diretamente relacionada ao crescimento paulatino da utilização do rádio como importante meio de comunicação. Ou seja, é o desenvolvimento técnico que acena para um barateamento e consequente popularização deste meio. Portanto, no final dos anos 40 ia uma distância muito grande de seus recursos e alcance, se comparados aos pioneiros aparelhos de galena da década de 20, em que os seletivos ouvintes ouviam as transmissões com fones de ouvido individuais.

completo a vontade do fan que sempre quer saber mais!". Com estas justificativas de seu primeiro editorial a emissora lança sua revista, Radiolar, em abril de 1949. Com tiragens iniciais de 40.000 mil exemplares, Radiolar ocupava um honroso terceiro lugar, um pouco abaixo da potência jornalística mundial que era "SELEÇÕES".(4)

Para se manter atualizada, a revista mudou de formato várias vezes e preocupou-se em não parecer mesquinha, já que tinha como proposta informar notícias gerais do Rádio Bandeirante, embora fizesse muito mais "cartaz" de seus astros e estrelas. Sua duração acompanha o momento de auge da emissora e do gênero novelas; bem como as oscilações no meio radiofônico, causadas não só pela paulatina ascensão da televisão, bem como pelos desgastes sofridos pelas formas já consolidadas de realização de novelas.

O rastreamento em jornais e revistas especializadas revela que o interesse do fã pelo universo dos artistas de novelas e as estratégias comerciais visando saciá-lo fazem parte de um mesmo movimento. O primeiro editorial de Radiolar reproduz uma notória estratégia de consumo: alimentar continuamente a curiosidade do fã, na medida em que promete para o futuro novas revelações palpitantes sobre os astros. Radiolar, ao se proclamar "órgão oficial da Rádio São Paulo" está oferecendo ao leitor, ninguém menos que o próprio ouvinte de novelas, a chance de receber da fonte, e em primeira mão, uma viagem por dentro das ondas sonoras, como costumavam dizer.

Em geral, as emissoras trocavam informações sobre astros e programas, não se restringindo a "fazer cartaz" unicamente de seus contratados. A revista carioca "Radioteatro" publica, no formato de bolso, fascículos dos scripts de maior popularidade (geralmente os irradiados em emissoras cariocas, como "O Direito de Nascer") e reservavam suas últimas páginas para colher entrevistas dos populares artistas do eixo

4. Editorial, "Órgão oficial artístico da Rádio São Paulo", RD 1, abril 1949. Diretor: Waldemar Ciglione, Assistente: José Maugéri Netto, Redator chefe: Cardoso Silva, Departamento comercial: Élbio Pacheco.

Rio/São Paulo, como os da Rádio São Paulo, que opinavam, em suas páginas, sobre assuntos diversos como o divórcio, o amor e o casamento.(3)

O que significava ser artista famoso de radioteatro no início dos anos 50? Como era esta fama? Ela não significava, ao menos no cast da Rádio São Paulo, contratos milionários e vida de star, como acontecia, por exemplo, com alguns cantores e cantoras de grandes emissoras como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Desta forma, a fama se relaciona unicamente com sua projeção pública, e esta, por sua vez, associa-se à concordância do fã sobre seu valor artístico. Ou seja, ter o nome conhecido era sinônimo de reconhecimento das já passadas audições em que o astro participara. O termômetro do sucesso consistia na associação feita pelo fã entre os "papéis" vividos na novela e a pessoa (corpo e valores) do artista em sua vida real, fora do microfone.

A tarefa dos jornais e revistas consiste em dar a posse das preciosas informações ao interessado pelo broadcasting. Quanto mais informações sobre a vida do astro as revistas trazem, maior "cartaz" ela lhe atribui, porque um princípio básico do meio de comunicação, tanto ontem como hoje, é "fazer o artista" no mesmo movimento em que o fã aprecia sua arte ou figura.

A forma como a sociedade paulistana dos anos 50 se relaciona com os famosos e a produção do Rádio Paulista, é intensa.(4) Muitos são os fatores que

---

3. É o caso, por exemplo, de Cecy de Alencar, "biografada" por RT 18, 14 maio 1952, Odair Marzano por RT 19, 21 maio 1952 e Lenita Helena e Maurício de Oliveira por RT 24, 25 junho 1952.

4. A recepção ruim na cidade de São Paulo, dos programas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a líder nacional de audiência, se devia aos ruídos de interferência. A explicação técnica para o fato é que o obstáculo da Serra do Mar e o bloqueio às ondas sonoras feito pelas estações paulistas - no dial, a Difusora e Record eram muito próximas à Nacional - impedia sua perfeita recepção na cidade de São Paulo, enquanto no interior do estado as emissoras paulistas sofriam forte concorrência dos prefixos cariocas. Este dado é um dos argumentos sobre a especificidade do Rádio Paulista em relação à programação de grandes emissoras nacionais. O principal para esta versão é marcar a diferença entre a produção paulista da carioca e confirmar sua autenticidade e caráter ímpar em relação principalmente à majestosa Rádio Nacional.

contribuíram para estreitar os laços entre o ouvinte e as pessoas do Rádio. No caso específico da cidade de São Paulo, afora a audiência massiva da capital e cidades vizinhas, decorrentes dos problemas de transmissões das emissoras cariocas, podemos genericamente detectar uma feição comercial que está mais ligada aos grandes centros urbanos brasileiros. Nestes, o Rádio integrava-se à vida da cidade, e os contratados das peérres (prefixos) formavam, pela ótica do ouvinte, uma grande família, com o objetivo ímpar de distraí-lo e, ao mesmo tempo, enriquecê-lo com informações essencialmente urbanas.

Também deve ser lembrado que a cultura do rádio como fenômeno de massa em constituição absorve a produção de outros meios como o cinema e a televisão, e compartilha essas "novidades" com os ouvintes. Quando a TV materializou o beijo - antes apenas imaginado naquelas cenas amorosas ouvidas no Rádio - criou-se uma nova demanda: o consumo de imagens dos galãs no momento do beijo, clímax representativo das juras de amor ou de confiança no futuro, de acordo com os enredos das histórias.

A relação entre ouvinte e atores, assunto em que me deterei no próximo capítulo, se fazia para muito além do simples ato de ligar o aparelho em casa ou no trabalho para ouvir um programa. Os programas e artistas do Rádio tornam-se assunto corriqueiro na cidade, inspirando-se e integrando-se também às motivações urbanas. A publicidade dos jornais e revistas dão suporte aos eventos radiofônicos, de modo a mostrar aspectos do acontecimento que excediam a mera audição dos programas pelo ouvinte.

Nas páginas das revistas é que o ouvinte "via o rosto" do seu artista preferido, e descobria pormenores sobre seu físico: *"é um moço de 22 anos, imberbe, de olhos claros, cabelos loiros e voz simpática"*, e seus mais íntimos desejos... *"sonhava com a Capital e foi para São Paulo mandado pelo pai, com uma recomendação: "Nada de rádio!" Estudou até o terceiro ano do curso científico, mas não resistiu, e quando uma emissora*

local abriu as inscrições para um concurso de locutores, inscreveu-se. E ganhou".(5)

O processo em que as fãs projetam os "papéis" interpretados pelo artista para o seu corpo e vida real ocorre rapidamente. O ouvinte, através das notícias impressas, vai se familiarizando com o artista que despertou seu interesse e na medida que passa a dominar informações, cria laços de intimidade com o mesmo. Por isso, o sucesso e importância do astro se ligam em muitos aspectos à proximidade que os meios de comunicação promoverão entre ambos. Neste sentido, deter o máximo de informações sobre a "voz misteriosa" é, em última instância, uma tarefa de desbravamento que resulta numa sútil posse de informações antes desconhecidas. *"As ouvintes se retorciam em casa, ouvindo sua voz adocicada, as declarações de amor que êle fazia ao "micro" e começou a chover cartas. Chegou a receber perto de cem por dia. Quando a emissora anunciava uma história nova seu auditório se enchia. Todas queriam conhecer o dono da voz romântica. Odair Marzano ganhou fama. E dinheiro, naturalmente"* (6).

O mundo da fama é aquele das pessoas bem sucedidas. Nas sociedades capitalistas sucesso é sinônimo de riqueza e poder. O Rádio joga muito com imagens do universo de consumo reconhecíveis pelo ouvinte, e alimenta sua expectativa de que com ele as pessoas comuns tornam-se famosas. Apesar da fama, a maioria dos radioatores, assalariados da "emissora do lar", no auge de seu sucesso, habitavam modestas residências em bairros da Capital, exatamente naqueles onde a grande maioria de ouvintes também vivia. Este dado nos ajudará, como veremos adiante, a entender o estreitamento da relação entre ambos.

---

5. "Odair Marzano não pôde casar direito", sessão "Ronda dos Astros", RT 19, 21 maio 1952, p. 1205 (fascículo "O Direito de Nascer").
6. Idem, Ibidem.

RADIOLA
P
R
ENIO ROCHA e MIRTES GRISOL
ASTROS DA RADIO SÃO PAU
DURANTE COMEMOR
DO 30.º ANIVERSÁRIO DA

toso Elênco Radiatral da PRA - 5.

RÁDIO S. PAULO, uma das Emissoras Unidas

Fonte: RADIOLAR

Lenita Helena, Maurício de Oliveira, Waldir [illegible]

CAPÍTULO I -

"NOVELAS DE RÁDIO"

1.1. O CONTEXTO DE SURGIMENTO DA NOVELA RADIOFÔNICA

O projeto de um "Rádio comercial" em andamento desde os anos 30, possibilitado pela aprovação da legislação sobre veiculação de propagandas, provocou amplas discussões no meio radiofônico.(7)

Toda a polêmica girava em torno do feitio que o Rádio comercial imprimia à sua produção. Nele imperavam os objetivos de venda do anunciante, na criação e execução dos programas, porque mantenedor das verbas. Portanto, ao longo dos anos, o Rádio distancia-se paulatinamente, e por vários motivos, do projeto inicial de radiofonia nacional. Roquete Pinto, um de seus pioneiros, visualizou a tarefa do Rádio como de instrução da massa analfabeta. Desta maneira, aos críticos de sua feição comercial, incomodava o fato dele afastar-se de sua missão educativa e se popularizar devido as finalidades do mercado.

As programações das emissoras enfrentavam um circulo vicioso: se adequadas ao "bom gosto" da minoria da população instruída não tinham audiência e, portanto, não interessavam ao industrial como meio de veiculação de produtos; ao contrário, a exploração do seu lado comercial colocava o problema dos tipos de programas e de público atendidos.

Esse raciocínio, com diferentes matizes, é unânime entre os interessados em discutir os caminhos e descaminhos do Rádio, visto que o *"grosso dos radioescutas são os menos favorecidos pela sorte, porque é quase que sua única diversão. E o rádio sempre*

---

7. "A legislação de veiculação comercial através do Rádio começa a se esboçar no governo provisório de Getúlio Vargas, em 1931: O Estado se reserva os direitos de conceder os serviços públicos de radiodifusão às empresa particulares, mediante condições e prazos estipulados, como no modelo norte-americano. Um ano depois, temos a regulamentação do decreto-lei no. 21.111 que definitivamente autoriza a veiculação de comerciais através do Rádio, proporcionando ao veiculo uma estrutura mais sólida em termos financeiros". O rádio paulista no centenário de Roquete Pinto, impresso do Centro Cultural São Paulo, p. 25.

custa mais barato". Desta forma, "os programas populares constituem o prato forte do rádio indígena (se compõe principalmente de música popular e radioteatro)".([8])

Ou seja, popularização e formação de um gosto do público de Rádio são questões próximas para os contemporâneos, teóricos do Rádio, como veremos a seguir.

8. "O rádio na encruzilhada", de Wilson Velloso, RP, maio de 1943, p. 12.

1.1.1 A INDÚSTRIA DAS NOVELAS

Antes das radionovelas ingressarem na programação das emissoras já havia a leitura de "textos" pelo Rádio. Porém, as histórias tinham breve duração, como de pequenos contos. Em São Paulo, nos idos de 1936, havia as "radioletes", pequenas histórias de quinze minutos, apresentadas por Manuel Durães na Rádio Record (9).

No Rio de Janeiro, Amaral Gurgel também lia histórias ao microfone. A diferença entre estas e as radionovelas é de fácil distinção. O ineditismo da novela situa-se na forma, explorando junto às temáticas, os recursos de causação de efeitos auditivos.

"Em busca da felicidade", primeira novela transmitida no gênero, foi gravada nos pequenos estúdios da Standard Propaganda no Rio de Janeiro, pois inexistia uma estrutura de produção nas emissoras. Desta forma, para sua execução em 1941, Victor Costa, da Rádio Nacional, emissora que irradiou a novela, organizou o primeiro cast: Zezé Fonseca, Yara Salles, Isis de Oliveira, Rodolfo Mayer, Saint Clair Lopes, Brandão Filho, Lourdes Mayer, Luiz Tito, Floriano Faissal (10).

Em 1942, a maioria destes atores da voz foram contratados pela Nacional, e se popularizaram através da ascensão do genêro.

Por essa época, Oduvaldo Vianna, homem de teatro, excursionando pela Argentina, se impressionou com o sucesso de uma escritora de novelas e resolveu implantá-las no Brasil. Quando retornou ao país ofereceu para a Nacional, por um conto

---

9. Logo depois, peças de teatro em três atos, são radiofonizadas no pioneiro Teatro Manuel Durães. Diferenciam da radionovela pela estrutura de produção e tempo de duração porque eram completas e encerravam no mesmo dia. Durante trinta anos ia "ao ar" aos sábados e domingos, das 13:00 às 14:30 horas. Conforme Jorge, Wanda. Radionovela: do passado às perspectivas futuras, publicação interna do Centro Cultural São Paulo.

10. Nosso Rádio, nossa alma, RP&N, Anuário do Rádio, dezembro de 1948, p. 168. Victor Costa era ator de teatro mambembe e foi convidado por Mesquitinha para escrever "sketches" para a Rádio Nacional. "A história de Victor Costa se confunde com a história do radioteatro (...) Tudo começou com o "Teatro em Casa", irradiação de peças durante uma a duas horas".

de réis, um pacote fechado de novelas que ele havia produzido no exterior. Diante da recusa desta emissora, rumou para a Rádio São Paulo, vendendo os programas para a emissora paulista ([11]).

Oduvaldo, ainda em 1941, produziu nesta emissora "Recordações de Amor". Irradiada às 2as., 4as. e 6as., às nove horas da noite, meia hora por noite, era identificada nas ruas pelo prelúdio da Traviata, o prefixo das novelas do Oduvaldo, (Teatro de Romance dos Produtos Marca Peixe) e às 3as., 5as. e sábados era La Golondrina, assinatura musical das novelas da Colgate-Palmolive, do Mr. Penn ([12]).

As agências de propaganda, mobilizando maiores recursos que as emissoras, funcionavam como unidades produtoras de novelas, contratando redatores e atores. Neste mercado, o problema de autoria praticamente inexiste em relação aos autores das novelas do Rádio. Sua produção imprime um ritmo exigente aos redatores, na medida que a popularidade torna-se uma devoradora insaciável de scripts.

A estrutura das novelas ajusta-se perfeitamente ao mercado, tanto no que se refere à produção adequada ao rápido consumo, quanto à manutenção do ouvinte preso ao aparelho receptor (hábito que vicia). Desta forma, a produção em série de novelas visa preencher os horários com patrocinador, ocorrendo a multiplicação dos scripts.

Prender a atenção do ouvinte é sua maior finalidade. Nesta tarefa, os recursos técnicos de sonoplastia e contra-regragem atuam decisivamente. A história "viva" é um sucesso porque dá forma ao enredo, adaptando-o à fluência da fala. O novelista se vê obrigado a produzir scripts em grande velocidade, e isto o desagrada, na medida que o esquema de produção impede a lapidação do texto ou exploração temática mais adequada.

---

[11]. Gravação contendo o depoimento de Amaral Gurgel sobre a novela "Em busca da felicidade", Coleção COLECTORS, Comemoração de aniversário da Rádio Nacional.

[12]. CASTELLAR, José. Depoimento concedido ao Centro Cultural São Paulo, pesquisa "História do Rádio", documento TR 846, p.p. 1, 2.

Os capítulos geralmente eram escritos poucas horas antes de sua irradiação. Um mesmo redator, quando contratado da emissora, atuava em vários programas de textos, escrevendo em média, cinco "scripts" para programas de teatro diferentes.

Inicialmente não haviam escritores especializados em escrever para o Rádio. Quando se abre o mercado das novelas, eles se iniciam na arte de escrever para o novo meio, sem maiores delongas.

As experiências com a irradiação de textos, ao mesmo tempo que formavam "artistas da voz", adaptados às exigências do Rádio, também constituiram um chamado para os candidatos à função de redator.

Os "escrivinhadores" (13) se formam inseridos na dinâmica própria a este meio de comunicação e no contexto em que a radiofonia da década de 40 se dá. O escritor de novelas não tinha necessariamente formação de literato e domínio da linguagem escrita nestes moldes. Se os produtores não exigiam formação e experiência específica de escritor é porque a "literatura" aplicada ao novo aparelho apresenta toda uma especificidade. É um dos novelistas quem nos explica: *"novela não é sub-literatura, simplesmente porque pouco tem de comum com a literatura. Poderia ser sub-rádio, como gênero radiofônico que é. Rádio não é literatura, nem o novelista pode ser considerado literato, na expressão mais completa do termo"* (14).

Com o decorrer dos anos, o gênero radionovela formará uma fatia específica do público de Rádio, bem como autores capacitados a explorar todos os recursos técnicos disponíveis que permitirão ao ouvinte "ver com o ouvido". Desta forma, fica evidente que, aliado ao argumento da história, o interesse pela novela residia nos efeitos sonoros provocados. Ela encantava pela força inovadora de seu feitio e não somente pelo conteúdo e da mesma forma que o público vai se acostumando a ouví-las, aqueles que as

---

13. Referência à designação que Vargas Llosa, em seu livro Tia Julia e o Escrivinhador utiliza. O personagem Pedro Camacho, escritor de novelas na Rádio Central, Lima (Peru) recebe do autor do romance esta denominação pelo feitio de sua produção.
14. "Novela não é sub-literatura", RP&N, entrevista com Dias Gomes, 05.04.1956, p. 35.

produziam, ou seja, os redatores nacionais, iam adequando sua capacidade criativa ao produto.

As várias tonalidades de vozes sugeriam os diversos quadros, pintando na imaginação do ouvinte as mais variadas "cenas", como por exemplo, de intriga, suspense, românticas e dramáticas. Herrera Filho, crítico de Rádio, afirmava que *"um programa é tanto mais perfeito quanto melhor o ouvinte vê com os ouvidos"*. Por isso, os autores experimentados aliavam aos enredos das histórias que criavam, efeitos sonoros que transportassem o ouvinte direto para a cena (15).

José Castellar, antes de escrever novelas, nunca havia ouvido nenhuma, mas respondeu ao anúncio de uma agência de propaganda, cujo departamento de Rádio procurava redatores. O que julgou ser um exercício, um treino, logo foi ao ar pela Rádio São Paulo, com o nome de "Regeneração", e só aí *ele passou a* ouvir radionovelas para poder conhecer o gênero (16).

Novelas de diferentes autores eram, para caracterizar os textos de determinada agência, comumente apresentados como sendo todos de um mesmo autor fictício. Por este mecanismo, José Castellar, bem como outros redatores como *José Roberto Penteado, Rui de Amaral e Raimundo Lopes tornaram-se todos, Sérgio Castellar* (17).

Os textos de radionovelas eram comercializados como um produto e transitavam bastante no meio radiofônico, através da prática comum das emissoras de negociá-los.

Segundo a ótica dos investidores no gênero, as donas-de-casa eram o alvo mais evidente para a divulgação de produtos de limpeza, perfumaria, remédios porque ocupavam-se com as tarefas domésticas e as compras. Por isso, idealizadas como um produto capaz de dialogar com as mulheres, é dado um caráter melodramático às temáticas de novelas.

---

15. "Arte e comércio na radiofonia brasileira", de Herrara Filho, RP&N, setembro de 1947, p. 57.
16. CASTELLAR, José. op. cit., p.p. 3, 4.
17. Idem, Ibidem.

Quando o gênero é importado dos países latino-americanos, já vem impregnado destas noções, que mostram-se insuficientes para explicar a abrangência do público de novelas, no decorrer do percurso de sua consolidação no Brasil. Isso ocorria em parte porque os programas que utilizavam o "estilo novelesco" desenvolviam motivações para capturarem, de acordo com o sexo e a idade, diferentes tipos de públicos. Teatro de aventuras para homens, histórias leves, "cor-de-rosa" (18) para moças, dramas para as senhoras, teatro infantil para crianças; além do teatro religioso.

Para os corretores de propaganda das emissoras era fácil vender os programas de radioteatro, em seus diferentes formatos (novelas, contos, histórias radiofonizadas) para os anunciantes. A propaganda consistia em convencer o público sobre o melhor produto existente no mercado, aconselhando-o acerca das vantagens de seu consumo. Assim, o radioteatro dos bichos, destinado ao público infantil e patrocinado por um banco, visava difundir o hábito da poupança para toda a garotada, não fugindo, portanto, do âmbito da sessão "conselhos".

O fato da propaganda se mesclar à história irradiada é um dado que também interfere na produção dos "scripts". Primeiro porque o anunciante procura o programa que se adequa melhor ao seu produto, às vezes até determinando ao redator a exploração de temáticas alusivas à mercadoria. Além disso, não podemos esquecer que a tática para a veiculação destes produtos usufruia da relação de intimidade e confiança entre apresentador da novela - ouvinte, o que lhe conferia o papel de bom conselheiro.

Os horários das novelas adaptavam-se aos momentos laboriosos ou não do dia-a-dia, levando assuntos e abordagens diferentes para cada hora do dia e para públicos específicos. Portanto, a dona-de-casa que ouvia o horário noturno também experimentava, em seu momento de descanso, a novela já com um outro sabor.

---

18. Referência aos folhetins açucarados, principalmente de autoria de Madame Delly, que faziam enorme sucesso entre as jovens.

Os mecanismos de promoção de produtos ou horários de radioteatro da emissora via Rádio incitam, de muitas maneiras, a participação do público. Assim, ao mesmo tempo que formam opiniões sobre um produto, vendendo-o, acionam formas de participação do público em eventos na cidade, promovidos pelo Rádio. Eles tem, naquele momento, uma grande capacidade de criar fatos e levar o ouvinte à participação efetiva.

No caso específico da Rádio São Paulo, Waldemar Ciglione, seu diretor comercial na década de 50, revela as muitas estratégias da arte de vender bem: casamentos em massa no "Mês das Noivas" (maio), onde os radioatores serviam como padrinhos, reforma de igrejas ou obras assistenciais (veiculadas nos radioteatros religiosos); promoção de encontros de "supostos" parentes ou amigos que não se viam há tempos, e que cediam, depois do "reencontro" ao vivo (pelo ar), os direitos de transposição de suas histórias para o horário de radioteatro.

Se os anunciantes não discriminavam os programas que usavam o "estilo novelesco", não podemos dizer o mesmo dos críticos de Rádio, unânimes em seus piores comentários. A duração (dois a três meses) e os seus recursos de sonoplastia e contra-regragem irritavam profundamente à crítica. Ou seja, é a estrutura de produção envolvida na confecção do capítulo que aborrecia os críticos que, em geral, não se conformavam com o número de ouvintes das novelas.

Elas tinham virado mania nacional e isto os assombrava, preocupados com a formação cultural do povo brasileiro; a seu ver, cabia às novelas a responsabilidade pelo afastamento das propostas educacionais para a utilização do Rádio.

1.1.2. A PRODUÇÃO DO GOSTO POPULAR

A proliferação de textos falados, que ganhavam números comprovadamente maiores de adeptos, acirra a antiga discussão sobre a função do Rádio junto à massa de ouvintes: transmitir programas com qualidade. Novamente o meio radiofônico agita-se, indignado com a quantidade de radionovelas e os números assombrosos de sua popularidade: *"Já é de todos conhecido o caráter verdadeiramente calamitoso que está assumindo entre nós a radiofonização de novelas, romances, dramas, o diabo. O assunto já serviu de tema para um samba que Joel e Gaúcho gravaram. Até o presente a única emissora carioca que não tem programas desse gênero é a Rádio Ipanema"* (19).

O modelo de radiofonia nacional inspirava-se no Rádio Americano, começando pela legislação para a veiculação de propaganda. Quando se trata de discutir a qualidade dos programas do "rádio comercial" novamente seus contemporâneos tomam a radiofonia americana como referência.

A radionovela surge entre nós como um produto importado. Nos países latinos, ela confirmara-se como investimento seguro, junto aos diretores das emissoras e de agências de propaganda que cuidavam de sua produção. Na Rádio Nacional, o gênero chegou através de articulações da Standard Propaganda e Richard Penn, antigo gerente da Colgate Palmolive em Cuba e outros países da América Latina.

O inegável sucesso de "Em busca da felicidade" motivou a agência a negociar com Vitor Costa, diretor do radioteatro, a contratação do elenco como sua atração exclusiva, garantindo para si o monopólio do faturamento com o gênero (20). Vitor Costa

---

19. Notinha, RP, maio de 1943, p. 14.
20. "Os patrocinadores da novela prometeram fotografias dos artistas e um álbum com o resumo da mesma aos ouvintes que enviassem um rótulo Colgate. No primeiro mês chegaram 48 mil pedidos e as perspectivas eram de aumento. Cessou o oferecimento". Conforme SAROLDI, Luiz e MOREIRA, Sonia. RÁDIO NACIONAL -o Brasil em sintonia, Rio de Janeiro, Funarte, 1984, p. 51.

permaneceu na Nacional e *"a vertigem das novelas levou consigo, para as alturas, o seu pioneiro"*, pois este ganhou porcentagem no faturamento de todos os programas em que o elenco tomasse parte (21).

As novelas começam então a compartilhar seu prestígio popular com as emissoras que apostam no gênero e organizam-se para as transmissões, dispendendo recursos (materiais e humanos) adequados à realização dos programas.

O sucesso das novelas atingiu números vertiginosos, como na Rádio Nacional que, entre 1943 e 1945, transmitiu 116 novelas, num total de 2.985 capítulos. Progredia a indústria das novelas, acompanhada passo a passo pelos anunciantes e agências de publicidade (22).

Em São Paulo ocorre o mesmo movimento: sucesso rápido, aumento de patrocinadores, grande retorno em vendas dos seus produtos, mais investimentos em programas que utilizam o "estilo novelesco" ... enfim é um círculo vicioso. Em 1947, seis anos após "Recordações de Amor" pela Rádio São Paulo, os números denunciam:

..."À luz dos dados do IBOPE surge a tremenda força de penetração destas programações. Aqui estão os impressionantes resultados de alguns radiatros de emissoras paulistas: a Rádio São Paulo com o seu teatro das 10 horas da manhã, às 2as., 4as. e 6as. tem 33,64% de ouvintes! O teatro de Walter Forster, nos mesmos dias, porém às 13:30 horas, na Tupi, comparece com 36,47%. O de Sarita Campos, na Difusora, diariamente, às 17 horas, possui 56,37%. O de Manoel Durães, aos domingos, às 13 horas, na Record, com 33,72%. Um dos teatros de Oduvaldo Vianna, o de 3as., 5as. e sábados na Difusora, com 22,70% e o de Ivani Ribeiro na Bandeirantes, aos domingos, às 20 horas, apresenta 34,97%. Esta é a voz forte dos algarismos! Logicamente estes programas são os melhores mensageiros de vendas, principalmente para produtos adquiridos pelo mundo feminino, que sustenta esse

21. Anuário do Rádio, "Nosso Rádio, nossa alma", RP&N, dezembro de 1948, p. 168.
22. SAROLDI, Luiz e MOREIRA, Sonia, op. cit., p. 51.

tipo de audições. Os anunciantes sabem disso. Tanto assim que muitas emissoras de São Paulo estão com todos os seus radiatros patrocinados" (23).

As potencialidades do gênero - principalmente em se dirigir ao público feminino - eram conhecidas enquanto fórmulas testadas pelos países latino-americanos que antecederam ao Brasil na produção de novelas, e que serão portanto, repetidas aqui.

Na década de 40 o padrão bom gosto é buscado na difusão invulgar de cultura e no divertimento sadio, o que significava excluir, na manifestação de sentimentos, a forma exagerada (considerada vulgar) e transmitir mensagens que proferissem ensinamentos pedagógicos. Assim, a maneira "latina" (o dramalhão) de tratar os sentimentos, embutida na radionovela importada, incomodava brutalmente aos críticos, preocupados com a qualidade artística da nossa programação de Rádio.

..."O rádio pode aliar essas duas qualidades: ser comercial e ao mesmo tempo para-educacional. O que é preciso é selecionar os ouvintes pelos gostos, pelas horas, pelos poderes aquisitivos. Ciência, miolo..." (...) Outra chapa de assustar: para ser popular não é necessário descer ao nível cultural dos que menos sabem, falar errado, dizer sandices, limitar o vocabulário a meia dúzia de palavras-chave, esgoelar-se ao microfone, declamar pieguices e "adaptar" ao rádio massudos dramalhões, em que o único trabalho do redator é eliminar alguns personagens e reduzir a extensão, pois o resto fica, inclusive o cenário. Se as condições econômicas limitam cada vez mais a cultura popular, não é o caso de dar ao povo apenas aquilo que sabe e já conhece. Os programas interessantes, instrutivos, mas divertidos, ganham a predileção pública: isso se tem evidenciado mais de uma vez. A chulice pela chulice e o radioteatro choramingas, completo em cada episódio ou em série, não podem nunca se justificar: são rotinas, são "fórmulas", cômodas é verdade, mas que revelam pobreza de espírito e falta de agilidade mental (e quem sabe, ordenado pequeno)" (24).

---

23. "Os teatros continuam na ponta!", RP&N, outubro de 1947, p. 28.
24. "O rádio na encruzilhada", de Wilson Velloso, RP, maio de 1943, p. 12., grifos meus.

É interessante como o dramalhão foi rapidamente associado a mau gosto e populacho, por utilizar uma maneira apelativa de tratar os sentimentos e considerada, pelos instruídos, de mau gosto. Causava polêmica também entre a "elite intelectual" dividida: uns horrorizados com as novelas e outros preocupados em discutir seus problemas e as formas que pudessem modificá-las. Primeiro, no momento de seu surgimento, por copiarem a fórmula dramalhão. Em entrevista à Revista Rádio-Teatro Mário Lago, naquele momento escritor de novelas, opinou: *"o mal não está na novela em si. Todo o mal da novela reside na forma pela qual esse tipo de entretenimento radiofônico foi apresentado, desde o início, ao público radiouvinte. Ela começou como o folhetim de antigamente, aquelas histórias descabeladas, de princesas russas e cossacos cruéis..."*(25).

Posteriormente, quando os autores nacionais imprimem sua marca às novelas, elas continuam irritando e assustando aos "instruídos" porque impediam aos incultos ouvintes, alijados do universo cultural e portanto, das manifestações de "bom gosto", sairem da condição de desgraça em que, com as radionovelas, se encontravam. Diante do sucesso irreversível destas, a discussão ganha novos contornos: como desenvolver os programas do gênero, contornando as formas tendentes à mediocridade, a exploração de emoções baratas?

"Os anunciantes (...) preferem os programas mais ouvidos, mesmo sabendo que a grande massa arregimentada por esses programas é de capacidade aquisitiva quase nula. Assim, pois, as audições dessa classe se multiplicam e a cultura do nosso povo, já por si deficientíssima, se torna cada vez mais deplorável porque o rádio, na atualidade se está tornando desedificante, podendo ser considerado em alta porcentagem, uma verdadeira escola de maus costumes e de mau gosto. (...) Chegamos a esta conclusão verdadeiramente paradoxal: a melhor estação não é a mais ouvida. E isto é uma dolorosa

---

25. Entrevista com Mário Lago, RT, 02.04.1952, Ano I, n. 12, p.p. 766, 767 (paginação acompanha fascículos.

confissão da incultura e do atraso do nosso povo. De quem a culpa? Dos diretores de rádio? Não. Dos anunciantes? Também não. A culpa cabe, exclusivamente ao nosso governo, que não impõe, às estações de rádio, obediência para a finalidade para a qual foram criadas: educação e cultura" (26).

A questão cultural nos anos 40 e 50 absorve as preocupações tanto de intelectuais quanto de produtores do rádio que vão, com o passar dos anos, testando no radioteatro formas para encontrar a medida certa do gênero: vender produtos, continuando com sua popularidade mas, fugindo entretanto da mediocridade ao transmitir bons ensinamentos. *"É o problema do homem de rádio que queira fazer do seu programa não apenas uma coisa chã, de exito fácil e barato e não somente uma cátedra do alto da qual vá deitando sapiência sobre a cabeça dos pobres e incautos componentes desses 75% de que o Brasil dificilmente se livrará, o problema daquele homem é encontrar a justa medida, o exato equilíbrio, a dosagem certa entre aquilo que se convencionou chamar de "concessão ao ouvinte" e aquilo outro que se resolveu dizer que é missão precípua do rádio: instruir"* (27).

Na "cultura de rádio" que vai se constituindo operam-se filtragens de referências extraídas de outros meios de comunicação. Tanto a produção que envereda pela exploração de temas, utilizando-se do padrão de bom gosto da época, quanto a produção "chula" integram a dinâmica do consumo, própria a esses meios de comunicação, onde coisas consideradas de "bom gosto" caminham, lado a lado, com as de "mau gosto".

Neste momento, o escritor do Rádio se faz como ponto de conexão para a captura das referências em circulação, ajudando a compor e recompor continuamente, no desenvolvimento de temáticas da novela, valores comportamentais e morais, constituidores da sensibilização do público para o gênero. O escritor, respondendo à pergunta: é difícil escrever para o rádio?, comenta:

---

26. "Vamos concertar o Rádio?", crônica de Armando Bertoni, RP, dezembro de 1943.
27. OLIVEIRA, Thalma de. Coluna "O rádio por dentro das Emissoras Unidas", no jornal "O TEMPO", 11.03.1951.

"Esse negócio de fácil ou difícil, moço, está na pessoa não no negócio. (...) Talvez ele ache dificílimo apanhar uma anedota de três linhas e desenvolvê-la em vinte e cinco capítulos, como estamos habituados a fazer. (...) Se você escrever muito "literariamente", o povo não gosta e a maioria não "capisce", se você escrever muito "macarronicamente" a maioria "capisce" mas os críticos não gostam, se você escrever muito romanticamente, as mulheres começam a chorar e os homens xingam você; se você escrever muito cinicamente, as mulheres ajudam os homens a xingar você; se escrever pornograficamente, meia dúzia dá risada e o resto quererá lhe dar pancada. Por aí você vê que é fácil escrever para o Rádio; basta tirar a média disso tudo e pronto" (28).

A novela retoma um filão aberto pela literatura folhetinesca, explorando-a de acordo com as exigências do mercado radiofônico. Aos poucos, autores, público e atores da radionovela moldam-se ao feitio que sua produção vai tomando.

Desta forma, como mercadoria que é, a radionovela não pode ser estudada como uma obra pronta, na qual seu criador, no caso o autor, é o responsável pelo seu sucesso ou insucesso... *"A tese da valorização do escritor de rádio é válida desde que se considere que a esse elemento fundamental de nosso rádio estão intimamente ligados os intérpretes, a aparelhagem técnica das emissoras, o patrocinador e o público"* (29).

A novela se efetivava somente no momento em que ia "ao ar", na representação artística do "cast" de radioteatro das emissoras. Ela se concretizava pela audição de cada ouvinte, e seu lugar de permanência é a memória deste. Desta forma, é impossível compreendermos o fenômeno desatando-o de seu público, ou seja, falar de radionovela sem falar do público. Produto e público vão, com o passar dos anos, se modificando. Estas mudanças fazem parte de um mesmo movimento e não podem, portanto, ser desconectadas.

---

28. Idem, Ibidem, op. cit., 14.04.1951.
29. "Arte e comércio na radiofonia brasileira", RP&N, setembro de 1947, p. 56.

O império das radionovelas perdurará até meados dos anos 50, momento em que o Rádio ainda não tinha sofrido o abalo da incipiente televisão, que ganhará anos mais tarde, a migração de suas campanhas promocionais (30).

Para resgatarmos as ressonâncias histórico-culturais do contato do público com as radionovelas, um dos programas mais populares da cultura do Rádio, não podemos localizar seu sucesso unicamente vinculado ao atendimento dos objetivos comerciais pelo qual o gênero foi importado para o Brasil. As definições sobre o público ouvinte devem partir da análise de seu contato histórico com os programas e não o contrário, ou seja, a fatia de público visada pela novela como um dado pré-estabelecido, antes do acontecimento.

30. "Em 1958 as verbas aplicadas na televisão atingem aproximadamente 8% contra 22% do rádio e 44% nos jornais". Dados extraídos de ORTIZ, Renato. op. cit., p.p. 41, 42.

1.2 O OUVINTE DO RÁDIO"

O Rádio se fez como potência comercial porque desde a década de 30 aperfeiçoava-se, cada vez mais, em consultar diferentes segmentos populares. Nas emissoras, os produtores descobrem cedo que não é possível fazer Rádio encerrados num gabinete, sem pedir sugestões aos interessados em suas audições radiofônicas.

Com a Rádio São Paulo nada disso foi diferente: mesmo quando centrou sua programação nas radionovelas, a partir de 1949. Ao contrário do que muitos pensam, o consumo dos programas de radioteatro não se restringia unicamente a audições para mulheres, a quatro paredes, na privacidade do lar. Por isso, nos preocupamos em traçar o perfil do público e mostrar as maneiras pelas quais sua relação com os programas de radioteatro foi se constituindo.

O primeiro passo para desfazer a imagem de que o público de novelas era formado unicamente por mulheres incultas e pobres que ouviam deliberadamente os distantes dramalhões para escapar a sua condição, imposta pela realidade objetiva, é mostrar que nem só de novelas vivia uma emissora especializada neste tipo de programa. Quando se limita a atuação do público tanto na produção dos programas quanto numa participação apática dentro do lar, perde-se de vista o dinamismo que tomava conta da cultura radiofônica.

As novelas integravam a programação diária de muitas emissoras paulistas. Sua produção e estratégias de divulgação não se dissociavam dos demais programas. Ao contrário, havia integração entre eles para o aproveitamento dos recursos "humanos", ou seja, o cast e os técnicos ali disponíveis. Um exemplo disto é o programa "Sob a luz do meu bairro", popularíssimo até meados dos anos 50 ([31]).

---

[31]. Informações sobre o programa: Todas às quintas-feiras, às 21:30 horas. O primeiro programa foi ao ar, sem patrocinador, em janeiro de 1949, com serenata na histórica rua Tabatinguera, da São Paulo antiga.

A PRA-5, Radio São Paulo, orgulha-se de apresentar todas às terças-feiras às 10 horas da noite

"Sob a Luz do Meu Bairro"

Seresteiros – Romantismo – Melodias inesqueciveis

Um programa de radio apresentado em plena rua para um colossal auditorio. Vejam! Esta é a prova de sua popularidade. Foto do programa realizado na Lapa em 15 p. p.

Uma apresentação de Valdemar Ciglioni !
Uma realização de Cardoso Silva !
Um programa-sucesso da "MELHOR DE 1949"

PR A5 RÁDIO São Paulo

É uma voz amiga em seu lar

Propaganda da emissora sobre um de seus programas.
fonte: RADIOLAR

Idéia original de Cardoso Silva, consistia em irradiar da rua, serenatas como aquelas do passado, que *"vivem na saudade e na memória de todos. Serenatas que percorriam os bairros, sob a luz do luar... Do luar, não! Não! São Paulo crescera depressa demais e na minha cidade a luz elétrica espantara o luar das ruas escuras..."* (32) Daí o título do programa, uma alusão à nova serenata, aquela feita no rádio e cantada "sob a luz dos bairros da cidade".

Nessas serenatas apresentavam-se os galãs-cantores como Carlos Henrique e Newton Sá e *"declamando versos de Vicente de Carvalho, Castro Alves, Fagundes Varela, Guilherme de Almeida, todos os nossos poetas românticos"* (33) , Odair Marzano, Ònio Rocha, Maurício de Oliveira e outros famosos galãs de novela.

Os músicos da serenata eram os mesmos que compunham melodias para as novelas da emissora: Maugéri Sobrinho, Milton Mascari... *"A turma da serenata está assim organizada: Pierre, Carlinhos, Paganini, Nino e Mauro Silva, à flauta. Na harmônica encontramos Milton Mascari. E entre os seresteiros vemos Orlando de Alencar, Maugéri Sobrinho, Roberto Fioravanti e Pedro Celeste"* (34).

Uma verdadeira multidão ia à praça pública do bairro assistir aos seresteiros instalados num palanque, com cenário de sobrados e lampiões. Uma outra novidade é reservada ao público: junto aos astros da emissora apresenta-se um seresteiro representante do bairro visitado pelo programa.

Idéia feliz do rádio paulista, pois consegue unir *"num grande abraço de fraternidade, o rádio ao público"* (35). Seu sucesso foi tanto que inspirou outros programas de serenata ao vivo, no Rio de Janeiro.

A diretoria comercial da emissora busca formas, sempre interessantes de colocar seu pessoal na rua, junto ao público. A febre dos concursos (de beleza, do melhor

---

32. Na semana seguinte, os irmãos Miotto, fabricantes do sabão Tesouro, tornam-se os patrocinadores oficiais do evento, apresentado na Rua Piratininga.
33. idem, p.p. 25, 26.
34. idem, p.p. 24, 25.
35. idem, p. 27.

O Grande Concurso

da Casa Marcondes... na Rádio São Paulo

Em dois mêses...
127.346 cartas.

Waldemar Cigliani, entre o Sr. Miguel e Sr. Cruz, examinam as cartas, ao lado do numeroso publico que compareceu ao sorteio.

Sorteio de concurso promovido pela emissora.
fonte: PADIOLAR

ODAIR MARSANO

o famoso "astro" da rádio paulista

prefere

JANDRA

tecidos que

imprimem

personalidade

tropicais

casimiras

e

lãs

Companhia de Tecidos

JOSÉ ANDRADE

MATRIZ:

Rua Florencio de Abreu, 242

JANDRA

Propaganda Volante

cantor, do melhor intérprete e novelista...) toma conta também dos patrocinadores de programas. As estratégias para vender mercadorias são cuidadosamente criadas no departamento comercial da PRA-5.

O Rádio possibilita ao patrocinador envolver o público consumidor com eventos articulados na emissora (com propaganda veiculada pelos programas) e na rua, como no concurso promovido pela Casa Marcondes, "a defensora da economia popular", em teatros patrocinados por esta loja. *"Os galãs da emissora estiveram presentes na Casa Marcondes, em um programa concorridíssimo e dentro de um dos modelos de calçado da loja esconderam um cheque. Chiquita Bacana, Brotinho, Holandeza ficaram expostos na vitrine e a concorrente deveria opinar sobre em qual dos modelos estava escondido o cheque. Entre os que acertassem seria sorteado o prêmio. Em dois meses de concurso, a emissora recebeu 127.346 cartas. A loja alugou o Salão Royal para a final com entrega do prêmio"* (36).

As comemorações nacionais como Natal, Carnaval, Páscoa serviam de pretexto para que promoções como a descrita a pouco se repetissem durante todo o ano. Para vender produtos, as emissoras criavam fatos que atiçavam a participação do ouvinte, porque se valiam da curiosidade do público em relação ao "mundo do ar" e seus astros e estrelas.

A chegada do reinado de Momo, no carnaval de 1951, trouxe a ocasião para criarem o "Grande Concurso da Casa Colorado", loja de tecidos. Dulce Santucci, novelista, escreveu uma história de Carnaval para "Pobre Colombina" (37), marcha de sucesso, que relembrava um personagem inspirador para um "tema delicado" de novela.

O enredo do conto (38) girava em torno de um encontro casual entre o galã e a heroína, no primeiro dia de carnaval. Ela estava fantasiada de Colombina e usava a

---

36. "O Grande concurso da Casa Marcondes... na Rádio São Paulo", RD 13, p. 8.
37. Autoria de Maugéri Netto, Maugéri Sobrinho e Hubaldo Silva.
38. Apresentado no Teatro de Romance, às segundas, quartas e sextas das 21:00 horas às 21:20 horas.

clássica máscara de cetim. O galã apaixona-se, mas não consegue descobrir quem é a Colombina misteriosa. Ela foge e ele casa-se, mas é sempre perseguido pela lembrança da mascarada, que julga ser o seu verdadeiro amor. Passam-se os dias e no carnaval seguinte ele descobre que a Colombina misteriosa é sua atual esposa (39). *"O sucesso desse argumento desenvolvido em torno da música "Pobre Colombina" foi completo. A fantasia de Colombina, há muito tempo esquecida em todos os carnavais de hoje, voltou ao cartaz"* (40).

"Quem é a misteriosa Colombina... da gargalhada cristalina?" era a pergunta feita ao final de cada capítulo. "Em um mês chegaram a emissora "perto de 16.000 mil cartas ... *"E no dia da apuração, foi quando a Colombina misteriosa retirou em público a máscara do rosto. E a Lenita Helena que viveu o papel apareceu triunfante com todo seu talento e beleza"* (41).

Por esta descrição de estratégia publicitária podemos notar como a feição comercial da produção radiofônica conseguia amoldar seu programa às necessidades de consumo. Desta forma, além das mensagens contidas na novela, daquele seu didatismo, a relação de amizade com o público ajuda a criar também comportamentos de consumo no ouvinte.

Portanto, importa menos sabermos se a divulgação dos dados sobre o alcance dos programas e concursos (em número de cartas) confere rigorosamente com a realidade, do que percebermos a anterior existência da proximidade entre os envolvidos no processo de consumo (de mensagens e produtos), que é a própria tônica do acontecimento. Jamais os patrocinadores adotariam o Rádio como veículo de propaganda se já não estivesse confirmada sua capacidade de vendagem.

A invenção de maneiras para incitar o ouvinte ao consumo, desenvolvidas pelas emissoras, sucedem a hábitos de compra já consolidados pelo seu público. Este,

---

39. "O Grande Concurso da Casa Colorado", RD 13, p. 43.
40. Idem, Ibidem.
41. Idem, Ibidem.

naquele momento, estava completamente adaptado ao universo de consumo capitalista, e por isso, eram qualificados como consumidores em potencial. Desta forma, o desenvolvimento do rádio comercial, iniciado nos anos 30, coincide com a descoberta de sua facilidade em vender, justamente por falar diretamente ao público, por cativá-lo e mobilizá-lo em torno de seus eventos. Eles não só incitam o consumo da sociedade, mas podem também integrar-se perfeitamente a ela, atuando junto as suas demandas, quer como definidores de programas de lazer e cultura, quer como simples filantropia, exemplificada na idéia da "Caravana Flamour".

Dentro do programa "A família se diverte" foi organizada uma caravana para Sorocaba, no interior do estado, com fins beneficentes. A idéia do programa - apresentação de artistas do rádio fora de seu setor de atuação-, se manteve para a exibição "ao vivo".

A Caravana Flamour da PRA-5 partiu de trem para Sorocaba, e lá chegando, foi recebida com entusiasmo. As revelações do programa como Plínio Camargo, um exímio tocador de gaita e Dalva Costa, uma ótima intérprete de boleros puderam ser vistas no "O Sorocaba Clube" junto à apresentação de astros locais.

"As apresentações de seus artistas dirigidos e orientados por Augusto Barone não comprometeram. A caravana, ao contrário, brilhou. E para engrandecer mais ainda, elementos de Sorocaba deram mais graça e beleza às festividades" (42). "Após o "show" foi realizado um baile e toda a renda foi revertida em pról da Bandeira Paulista contra tuberculose.

Nos anos 50, dentre as facções de público, a mulher confirma-se como ouvinte de Rádio e consumidora, por excelência. Embora num momento de desenvolvimento industrial, a função das mulheres na sociedade paulista permanece marcadamente doméstica, cuidando de casa, do marido e dos filhos.

---

42. "A Caravana Flamour partiu da Rádio São Paulo rumo à Sorocaba", RD 19, p. 2.

Desde os anos 40, os promotores de vendas das emissoras aprendiam no seu dia-a-dia de trabalho a veracidade desta informação. Por isso, a novela de rádio já surgiu investida da tarefa de se comunicar com esta fatia de público, como acontecia nos países do qual o gênero fora importado.

No entanto, mesmo as novelas se dirigindo de início especialmente à mulher podemos constatar como no processo de constituição de sua relação com o ouvinte, ela inovou nas abordagens e temáticas, conquistando novas fatias do público. Sua concepção inicial, inspirada no gênero folhetinesco, adaptou temáticas peculiares do folhetim a assuntos de interesse geral. Dando-lhe novas abordagens, ela passou a dirigir-se aos adolescentes e ao público masculino. Por isso, mesmo depois do processo de especialização em novelas, a Rádio São Paulo continua ampliando o gênero e produzindo-a em diversos tipos: a novela religiosa, a romântica, a de aventuras, o drama, a cômica, a de mistérios... tudo *"para atender aos reclamos dos ouvintes"* (43).

Além dos diversos tipos citados acima, uma outra tendência do gênero no início dos anos 50 foi adequar sua ambientação e temáticas para a comunidade de imigrantes que viviam em São Paulo. "A Sombra de Fátima", criação de Cardoso Silva contava a história sacro-romântica da santa. A maior parte dos artistas, *"é de portuguêses que vivem no Brasil atualmente; a coadjuvação necessária foi realizada com alguns capacitados elementos do cast da PRA-5"* (44).

Outra possibilidade era o "Radiatro Nipônico da Rádio São Paulo", apresentado todas as noites, no encerramento da programação habitual da emissora. *"(...) Anuncia ótimos produtos japoneses e conta com o patrocínio de mais de 20 firmas*

---

43. "A História de um galã - Waldemar Ciglione", RD 10, p. 47.
44. Apresentado às 22:00 horas, às terças, quintas e sábados. Direção geral: Augusto Barone. Artistas portugueses: Nuno Madeira, Ramiro d'Oliveira, César Leitão, Domingos Terras, astro da televisão e cinema, Maria Alice Nunes e seu marido Augusto d'Oliveira. Coadjuvantes da emissora: Leonor Navarro, Laura Luâna, Sônia Regina, Ênio Ferreira, Zary Oliveira Costa. Locutores: Elza Faria e Barone. Informações extraídas de "A sombra de Fátima - radiatro português na PRA-5", RD 34, fevereiro 1953, p.p. 20, 21.

importantes. Isso daria a impressão de que o programa é formado apenas de anúncios. Mas não acontece isso. Apresenta sempre grande quantidade de músicas interessantes. Os japoneses nascidos aqui no Brasil preferem música. Os que nasceram no Japão preferem novelas, e estas são apresentadas pela Rádio São Paulo em todos os gêneros: amor, comédia, crime" (45).

A possibilidade de novelização de situações cotidianas de vida, inaugurada pelas novelas de Rádio, casava-se perfeitamente com a busca de atrativos para outros gêneros de programa, uma questão importante na luta pela audiência.

Desta forma o "estilo novelesco" contido nas novelas de rádio disseminou-se para outros gêneros. Mesmo a Rádio São Paulo, *"ao contrário de que dizem, não é só novelas, pois estas ocupam apenas 35 a 40 por cento da programação normal"* (46) . À título de exemplificação, ver tabela de programas de radioteatro da emissora (ANEXO 1), contendo uma semana no ano de 1950, com elenco, dias da semana, horário e patrocinador (47).

Nos anos 50, as novelas da "emissora do lar" começavam às segundas, quartas e sextas às 10:00 horas, e terças, quintas e sábados às 9:30 horas, com grandes intervalos que respeitavam os horários do ouvinte: almoço, fim de tarde, jantar. Vejamos os intervalos:

- às segundas, quartas e sextas:

10:00 - 11:00 horas

13:00 - 14:00 horas

14:30 - 15:00 horas

---

45. Programa apresentado das 23:00 às 23:30 horas, durante a semana e aos domingos, das 7:30 às 8:00 horas. Responsável pelo programa: Yassuo Otani, redator: Hiroshi Fujimoto, atores: Yayoi Kikuti e sua irmã Marie Kikute, locutores: Yassuo Otani e Teruko Omura. Informações extraídas de "Radiatro Nipônico da Rádio São Paulo", RD 34, fevereiro 1953, pp. 30, 31.

46. "A História de um galã - Waldemar Ciglione", RD 10, p. 47.

47. Informações compiladas na coleção da revista Radiolar (de 1949 até meados dos anos 50), cedidas à pesquisa pela radioatriz Ilka Ferreira.

16:30 - 17:30 horas

20:00 - 22:00 horas

- terças, quintas e sábados:

9:30 - 10:00 horas

10:30 - 11:00 horas

13:00 - 14:00 horas

14:30 - 15:00 horas

16:00 - 16:30 horas

19:00 - 19:30 horas

20:00 - 20:30 horas

21:00 - 21:30 horas

A partir de junho de 1952 o programa "Momento religioso de Santa Isabel", irradiado diariamente às 5:55 da manhã, abria a programação. Ele consistia apenas em uma oração e a leitura da vida da milagrosa Santa Isabel. Este programa recebia milhares e milhares de cartas, solicitando orações da mensageira da paz nos Lares, e campanhas de novenas de Santa Isabel (48).

Os valores religiosos difundidos na sociedade brasileira da época não se dissociam dos morais, e portanto, tem lugar garantido dentro e fora das novelas da "emissora do lar", como no programa de Santa Isabel. Depois dele, entrava às 6:30 horas o "Programa Despertador", de Nelson Arruda. Segundo a sugestão de seu nome, dava a hora certa, além de noticiários, curiosidades, notas sociais e piadas, terminando às 8:15 horas (49). Este não era o único programa de "utilidade pública". "Turfe N'A-5, *"programa de Osvaldo Nascimento informava e dava dicas sobre "as barbadas" do esporte, em cima da*

48. "Um programa que bate o record de distância - Momento religioso de Santa Isabel na PRA-5", RD 34, p. 23.
49. "Nelson de Arruda - O locutor que desperta São Paulo", RD 18, p. 12.

14.378 OUVINTES PEDIRAM A REPETIÇÃO no

TEATRO RELIGIOSO

DA

PRA 5 RÁDIO São Paulo

é uma voz amiga em seu lar

DO ENREDO EMPOLGANTE DE

"O EMBAIXADOR DE DEUS"

(Vida, Glorias, Milagres e Martírio de São Judas Tadeu)

Uma produção de CARDOSO SILVA com o maior elenco radio teatral de São Paulo, estrelado por ANTONIO DE FREITAS e que será irradiado pela

RÊDE RADIATRAL PAULISTA

capitaneada pela

PRA 5 — RADIO SÃO PAULO

com as emissoras de Araraquara, Bauru, Jundiaí, Limeira, São João da Boa Vista, Sorocaba e Taubaté.

ÀS SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS, ÀS 21 HORAS,
SOB O PATROCINIO DE

"A FEIRA DO LAR"

Propaganda de programa da emissora, veiculada em jornais da Capital.
fonte: FOLHA DA NOITE

hora, diretamente de Campinas, Vila Guilherme, Cidade Jardim, Barretos e Gávea no Rio de Janeiro" (50).

Programas de fundo social, como "Amai-vos uns aos outros" destinado a socorrer aos necessitados através de contribuições dos ouvintes, *"permaneceu seis meses no ar, tendo que ser retirado da programação, paradoxalmente, em razão de sua própria repercussão. A continuar como o mesmo, teria a emissora que criar um departamento de assistência social"* (51). Idealizado por Macedo de Andrade, doou pernas ortopédicas a aleijados, máquinas de costura a viúvas necessitadas, aparelhos ortopédicos a crianças paraliticas, leitos de hospitais a doentes, além de distribuir estreptomicina e outros medicamentos a indigentes. Pautava-se em novelizar a história do desafortunado e pedir a colaboração do ouvinte para atenuar seu problema.

Entre os programas dificeis de realizar, apontados por Macedo de Andrade, figura *"o "Tribunal do Amor Valery", que constava de respostas e orientação aos problemas sentimentais, morais e por vezes, psicológicos, das ouvintes"*. O programa atraia intensa participação feminina, o que denotava a plena confiança de seu público feminino no seu sigilo, ele aproveitava a entrevista para registrar (...) *"o muito obrigado, sincero e comovido, do Conselheiro Valery"* (52).

Outros programas, como o "Teatro de Urbano Reis" radiofonizavam argumentos enviados pelas próprias ouvintes. Lançado em 1948, era transmitido de segunda a sexta-feira, às 16:00 horas. Às quartas-feiras apresentava a "Mala Postal" com participação do público, in loco, no estúdio da Rádio São Paulo. Ali podiam ver e ouvir de perto seus artistas preferidos. No quadro "Entrevista Relâmpago" as presenças de grandes cantores do rádio, como Orlando Silva e Isaura Garcia falando sobre suas vidas,

---

50. Aos sábados à partir das 14:00 horas e domingos às 13:00 horas. De segunda à sábado, das 22:30 às 23:00 horas. Informações de propaganda da PRA-5.
51. Todos os sábados às 20:30 horas. Com apoio da Legião Brasileira de Assistência. Informações de propaganda da PRA-5. "Macedo de Andrade - o primeiro jornalista formado militando no Rádio, no Brasil", RD 23, p. 32.
52. Idem, p. 29.

encantavam a platéia. Essa qualidade do programa lhe valeu o apelido de "Programa Encantamento".

Outros, de apresentação similar às novelas, divertiam a família ao ironizar fatos do cotidiano da cidade e do lar. A "Família Braga" e o "Papinho de Dona Genoveva" estão no rol dos humorísticos ([53]).

Os eventos da emissora conclamam o ouvinte a participar. Em casa ou no espaço público da cidade, nas praças e teatros de bairro, nos quais a cultura do rádio se fazia neste envolvimento entre produtores e receptores de mensagens. Transformar o fenômeno das novelas simplesmente em "programa feito para mulher que gosta de chorar" é empobrecê-lo por destituir-lhe toda sua amplitude e os meandros pelos quais outros gêneros de programa reproduziram sua feição e estilo de comunicação.

[53]. Diariamente às 15:00 horas na PRA-5. Os pais: Mary Caldeira e Antonio de Freitas e os filhos: Eduardo Cury, Ernesto de Oliveira e Talita de Barros.

1.3. RADIONOVELA: FOLHETIM DE RÁDIO?!

O roteiro estabelecido por Ortiz, em estudo sobre a radionovela, a respeito da continuidade de um gênero (o folhetim) que muda de forma ("soap-opera", radionovelas, telenovelas), apenas na superfície, porque no fundo todos estão organicamente atrelados à mesma origem, é passível de contestação ([54]).

Neste livro, o folhetim do século XIX é apresentado como situando-se na origem e motivação de um gênero que será transposto, com mudanças no espaço e no tempo, para a "soap-opera" americana, os dramalhões latino-americanos e as radionovelas nacionais, quando adaptadas ao rádio, e posteriormente para as telenovelas, com a implantação da televisão no Brasil. Ortiz preocupa-se em resgatar os seus antecedentes históricos, no intuito de compreender o fenômeno em questão:

"É conhecida a filiação da (tele)novela ao romance-folhetim. Vários estudos reconhecem este tipo de narrativa como uma espécie de arquétipo da telenovela; neste sentido a denominação "folhetim-eletrônico" é sugestiva; ela indica a persistência de uma estrutura literária herdada do século XIX. No entanto, se é verdade que existe uma continuidade entre o gênero folhetinesco e a telenovela, não resta dúvida de que também ocorrem rupturas, descontinuidades. A reconstrução do passado da novela nos coloca na presença de um movimento não linear que, para se aclimatar ao solo brasileiro, teve que passar por outros continentes, desde a soap-opera americana até a radionovela latino-americana" ([55]).

Quando o autor fala em rupturas está pensando em termos espaciais e de adequação cultural porque, como veremos adiante, tem em mente retomar a influência do folhetim nacional, do fim do século XIX, sobre um tipo de (programa nacional) no

---

[54]. ORTIZ, Renato. Cf. Capítulo I "História", Telenovela - História e Produção.
[55]. idem, op. cit., Introdução, p.11.

gênero (telenovela). E assim, no meio da linha reta traçada do folhetim à telenovela ocorrem rupturas espaciais que trazem novas influências ao gênero.

Se a matriz do gênero folhetim é a mesma para os diferentes "afilhados", todos explorando dramaticamente os sentimentos, angústias, enfim emoções de seu público é porque estas motivações são uma fonte inesgotável para públicos diversos, mas semelhantes na essência.

Geralmente a avaliação sobre a popularidade dos diferentes gêneros herdeiros do folhetim reside numa explicação negativa sobre a atuação dos midia na formação da consciência crítica individual do público. Neste sentido, e em relação ao público de radionovelas, percebemos como ele é avaliado por uma lógica da falta, ou seja, na maneira como os produtores de mensagens, ao imporem ao ouvinte programas com padrão comercial -- sua finalidade suprema -- desenvolvem uma motivação em torno daquilo que lhe falta, como forma de assegurar o consumo.

O público, despreparado culturalmente, porque formado eminentemente por mulheres pobres, sente necessidade em descarregar angústias cotidianas e o faz através do mecanismo de projeção/identificação com os personagens das histórias. Seria o público para este tipo de programa sempre o mesmo?

Na medida em que o público é encarado como fator aleatório à aceitação e desenvolvimento do gênero radionovelas percebemos as dificuldades em que se esbarra a análise de Ortiz:

"Tudo indica que as condições sociais para o florescimento do folhetim como literatura popular no Brasil foram adversas. Se levarmos em consideração que já no final do século XIX ele deixa de "ser moda", sem nunca ter sido popular, e que a radionovela surge entre nós na década de 40, temos um longo interregno de rompimento com a tradição francesa inspiradora dos diários da época do Império. Tempo suficiente para que ocorra um esquecimento relativo, no qual novas contribuições são agregadas à antiga

forma de se contar uma estória em pedaços. Mas para compreendê-las é necessário fazermos um desvio, deixarmos o solo europeu e viajarmos para as Américas" (56).

A menção sobre "o longo interregno" clarifica meu ponto de discussão na citação anterior a esta: a questão, mencionada por Ortiz, das rupturas e descontinuidades do gênero como sendo um problema espacial, ou seja, de um país a outro, fornecendo novas matrizes para serem agregadas à mesma tradição francesa.

Há, sem dúvida, um privilegiamento do pólo produtor na análise, ou seja, observa-se o fenômeno como imposição de certos grupos que controlam as mensagens. Estas são reguladas pelos imperativos do mercado, pelo seu aspecto comercial. Desta forma, o pólo produtor atua na determinação do público, padronizando um gosto. Revela-se assim sua abordagem sobre o papel da cultura de massa onde busca-se sua ação, como disse anteriormente, sobre o desenvolvimento da consciência crítica individual, definidora dos efeitos (positivos ou negativos) causados por ela.

Zenilda Belli dedica, em sua dissertação de mestrado, um capítulo ao ouvinte de radionovelas. Sua ênfase reside nos aspectos de evasão provocados pela novela, pois ela *"afastava os problemas do dia-a-dia fazendo com que houvesse a liberação da consciência do indivíduo no trabalho diário que acarretava uma exaustão psíquica. Através dos novelistas, as pessoas se distanciavam de sua época e de seus problemas reais e se transferiam para uma realidade mágica onde as coisas aconteciam exatamente como elas queriam"* (57).

Existe aí um caráter de necessidade fundamentando a relação público-radionovela. A autora coteja, de maneira mais pontual que em Ortiz, os conceitos de projeção/identificação , aplicados por Edgar Morin, para analisar os mecanismos de cultura que capturam o indivíduo em sua intimidade, fornecendo pontos de apoio a sua vida prática e imaginária.

---

56. Idem, op. cit., pp. 17, 18, grifos meus.
57. Belli, Zenilda. RADIONOVELA: ANÁLISE COMPARATIVA NA RADIODIFUSÇO NA DÉCADA DE 40, tese de mestrado, ECA, USP, 1980, p. 127.

Na dinâmica da relação público-radionovelas podemos acompanhar o movimento no qual a vontade de participar das histórias foi sendo criado e não como um a-priori, como quer Belli, fundamentada no despreparo do público, incapaz de evitar uma espécie de "dominação psicológica" exercida pela radionovela (58).

Preferimos levar em conta os meios pelos quais a relação do ouvinte com a novela vai se constituindo, apreendendo-a em sua singularidade. Por isso é importante penetrar na estrutura das radionovelas, inventariar os possíveis efeitos causados nos ouvintes e traçar as linhas de formulação do fenômeno de sua popularidade e atuação para a definição de um determinado gosto.

O intuito é resgatar a dimensão processual e produtiva do contato dos ouvintes com as radionovelas, pois os efeitos que provoca no público das décadas de 40 e 50 é absolutamente único. As novelas veiculam valores consoantes com o desenvolvimento de sua linguagem, específica ao meio radiofônico.

Desta forma, é importante para a demarcação das diferenças, compreender os contextos em que o folhetim e a radionovela se farão como referências culturais, contrariando a linha argumentativa utilizada por Ortiz. O rádio, funcionando dentro da dinâmica própria aos meios de comunicação, mantinha a população da década de 40 massivamente integrada. O folhetim constituía, junto com o cinema, as estórias em quadrinho, o teatro e ainda outros gêneros literários como o melodrama, fontes de referência que, cruzadas e rearranjadas, foram constituindo o campo exploratório das radionovelas.

Embora não tenhamos nos proposto investigar sobre a penetração dos folhetins, em que época estes param de circular, se isto foi um movimento ocorrido somente nas

---

58. "O ouvinte automaticamente se deixava persuadir e a radionovela entrava nos lares, ele ouvia e confundia a verdade com o que era falso e muitas vezes procurava ordenar o que tinha percebido sujeitando isso a qualquer raciocínio." BELLI, Zenilda, op. cit., p. 128.

grandes cidades, sei porém que, na década de 40, ainda eram publicados em jornais como "A Tribuna" (de Santos) e vendidos pelo sistema de subscrição aos assinantes.

A incontestável filiação da radionovela ao folhetim se dá ao nível do conteúdo das histórias; porém, a transposição das temáticas folhetinescas em audições radiofônicas se constituirão em outro produto.

Perez Escrich, um dos mais conhecidos folhetinistas da década de 40, já na versão latino-americana (dramalhão) escreveu a respeito do folhetim: *"Muitos leitores crêem que o autor de uma novela interessante vai dispondo as coisas de maneira que por qualquer parte que se queira começar a leitura, tenha interesse. Isso não é verdade. O autor que tem imaginação (sem o que não é possível escrever um livro que entretenha) sucede-lhe o mesmo que ao menino que, vendo um açafate de cerejas, quer colher uma e detraz desta saem outras e outras enredadas"* (59).

O que o autor chama de "interesse" no livro é o que mantêm o leitor acompanhando passo a passo as tramas que vão se enrolando e desenrolando no folhetim. É aquilo que não permite que seu leitor feche o livro, silenciando-o. Teria a radionovela a mesma estrutura?

Se na radionovela os ingredientes (emoção, suspense, ação) que dão substância ao produto eram iguais aos contidos nos folhetins impressos, a maneira de arranjá-los diferia completamente. Quando a primeira novela foi ao ar o rádio já era uma força em termos de comunicação e os ouvintes tinham incorporado as audições radiofônicas ao seu cotidiano.

Quem controlava o tempo de audição do capítulo de novela eram os programadores; portanto, a emissão em capítulos, geralmente de 30 minutos, ocorria à revelia da vontade do público. As radionovelas atingiam, se comparadas ao folhetim, um público diferente do folhetinesco e de forma também inédita. São ouvidas não só pelas

---

59. ESCRICH, Henrique Perez. "A PROMESSA SAGRADA", p.72 folhetim publicado em 1941 no jornal "A Tribuna" de Santos.

pessoas que gostavam do folhetim, mas pelos ouvintes de um modo geral que ligavam seu aparelho, diariamente. O Rádio ganha, via onda sonora, em amplitude de seu alcance, fato possível somente com sua invenção, e contorna inclusive, de forma inédita, o problema do analfabetismo. Neste sentido, podemos dizer que o analfabeto do começo do século não pode ser comparado àquele do momento de inauguração da "contagem" de estórias, pelas radionovelas, via aparelho radiofônico.

O que ressaltamos aqui é que estórias que tinham ingredientes desenvolvidos pelos folhetins, ao serem transpostos para o veículo Rádio se tornam um outro produto, com uma arquitetura completamente distinta do folhetim. Os motivos do interesse dos radiouvintes pelas novelas se diferenciavam do público anterior de folhetim simplesmente porque o contexto em que esses dois fenômenos ocorrem são também muito distintos.

Na radionovela os recursos para criar suspense, emoção, ódio, eram outros. As interrupções diárias determinavam que, em cada capítulo, houvesse a combinação de elementos consensualmente aceitos: muitas coisas deveriam acontecer na direção do desfecho sem contudo deixarem de ter importância em si mesmos. Seus acontecimentos não podiam, como no folhetim, ser dispostos como num jogo de damas - avanços e recuos - dando ao leitor uma visão global (e uma pressuposição) do que ainda estava por vir, ou seja, ao desfecho que estava pronto desde o início, no momento em que o leitor principiava sua leitura.

No folhetim há uma maneira específica de fazer com que o leitor reconheça nos personagens aqueles que são "pessoas" ficcionalmente aceitas como de boa ou má índole. Em relação ao ouvinte de novelas, o leitor dos folhetins "sente" o personagem com um certo distanciamento, e eles são mais facilmente julgados em suas atitudes, moralmente conduzidas pelo escritor e reconhecidas pelos leitores, movidos, como apontei há pouco, pelo tipo de distanciamento de seu convívio com o personagem como o melhor presente ou castigo merecido. Assim, o leitor não pode protestar contra a ordem do mundo

retratada no folhetim, visto não ter a menor capacidade de interferência no que se passa num plano considerado puramente ficcional.

Esta "ordem natural" onde os bons e justos devem ser felizes e os maus punidos pela justiça dos homens ou divina, não pode ser mantida, se comparada à radionovela. Aqui, o desfecho importa menos do que o acompanhamento, passo a passo, da exposição de fatos (via diálogos e narrativa), o envolvimento dos personagens uns com os outros e os seus ardís, empregados cotidianamente, para alcançarem seus objetivos.

Os personagens da novela ganham voz e são corporificados pela imaginação do ouvinte. As músicas ajudam a compor climas e a embelezar, dar força ao que está sendo dito. Já a sonoplastia interfere nas cenas com ruídos precisos para aproximar o ouvinte ao que está ocorrendo no plano da ficção. É por esses meios que, ao ouvir os passos do bandido que se aproxima do aposento de "Miss X" o coração do ouvinte se sobressalta como se o bandido estivesse à sua porta, com uma noção de realidade e proximidade nunca antes experimentados. A cumplicidade que se estabelece, aos poucos, entre o ouvinte e a voz que lhe chega ao ouvido é um acontecimento à parte, em que nos deteremos adiante.

CAPÍTULO II -

"A CONSTITUIÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE OS OUVINTES E AS NOVELAS"

2.1. "A AMIZADE DENTRO E FORA DO RÁDIO"

"A vozes do rádio são vozes amigas, como as dos companheiros de oficina, de escritório, de trabalho. Estão perto de nós, estando longe ou remotas. Elas nos falam que o mundo não é grande, que não há razão para que não estejamos unidos, já que podemos estar tão juntos no espaço".

Comentários como os do trecho acima revelam por si a intenção dos produtores de rádio de saciar a curiosidade do ouvinte e desnudar, sem mistérios, o "mundo das ondas sonoras". Ele integra as muitas sessões que objetivavam *"levantar uma ponta do véu que cobre o parcial anonimato destes amigos invisíveis, dos que estão mais próximos porque nos falam da própria pátria"* (60).

A curiosidade do ouvinte pelas vozes do Rádio é o fator determinante para o aprofundamento de sua afeição e inusitada amizade pelos donos delas, os artistas do Rádio. Buscando gozar da intimidade deles, o ouvinte colecionava fotografias e autógrafos dos seus artistas prediletos: cantores, atores e atrizes, das emissoras locais e de alcance nacional, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

A forma de conseguir a "lembrança" do artista implicava na gradação de sua importância. Uma fotografia autografada significava ter ficado próximo a ele, mesmo que por breve instante. Conhecer aspectos da vida particular do ídolo é retribuir em atenções para com ele. Gostar do artista, aprová-lo em suas "performances" da voz levava o ouvinte a buscar informações a seu respeito. Desta maneira, o Rádio inaugurou, enquanto meio de comunicação, além de uma maneira inédita de se conhecer pessoas, formas do público desfrutar da intimidade dos seus "ídolos", peculiares à linguagem radiofônica.

No que se refere aos astros da Rádio São Paulo, o seu público teve inúmeras oportunidades de contato direto com seus "ídolos", em eventos da emissora; ou

60. "Pelo mundo do ar", sessão de Dilma Lebon, RD 12, p.28.

informando-se através de sua "ficha completa", noticiada ao microfone, ou em revistas especializadas e jornais de circulação no eixo Rio/São Paulo.

Mesmo por telefone conseguia-se saber preciosidades: horários e dias de programas com participação pública, além da escalação diária dos seus preferidos. *"Tanto a atenciosa Leonor Costa, como a simpática Josefa Alongo ou a encantadora Vitoria Halter, são esforçadas e prestimosas. Recebem correspondência, dão recados, atendem telefonemas, dão informações"*, esclarecia o exemplar comemorativo dos 30 anos da PRA-5 (61). Ao dirigir-se pessoalmente à *"emissora do lar" o fã encontra, próximo à sala do PBX, o "Clube do Fã". Ali, Maurício de Oliveira, Waldemar de Morais ou o Waldir de Oliveira conseguem o milagre de um fichário bem organizado sobre todas as sociais, e atendem a todos os interessados"* (62).

Folhetos propagandísticos dos programas eram distribuidos à população e publicados nos jornais da capital. Sem contar Radiolar, mensalmente noticiando, além das biografias e fatos sobre os programas, particularidades da vida dos artistas. Na sessão "Diálogos telefônicos" tinha-se a sensação de ouvir incógnito o telefonema entre dois populares astros da emissora: *"Noeli - O Waldemar de Moraes completou seus estudos com alguma distinção, sabia? Na festa de formatura a Lenita Helena foi a madrinha. Victor Tenho outra prá contar, Noeli"* (63).

Na revista oficial da Rádio São Paulo registra-se a intenção de sempre abordar novidades sobre o mundo artístico, visto que *"não há "astro" ou "estrela" inteligente que despreze a publicidade ou não queira permitir uma devassa indiscreta na sua carreira, bem como um mergulho no seu passado"* (64). Em todos os eventos da emissora, na rua ou nos estúdios de gravação, o diálogo com o ouvinte vinha instruído das noções de amizade, respeito, admiração e agradecimento.

---

61. "A Rádio São Paulo por dentro", Edição Comemorativa do 30º aniversário da PRA-5, RD 45, junho 1954, p. 2.
62. idem.
63. Diálogos Telefônicos, RD 5, p. 22.
64. Aviso aos leitores, RD 9, p. 20.

Em situações de diversão e lazer, ouvintes e radialistas se integram, seus olhares materializando seus corpos: a figura do artista e "a cara" da multidão ali aglomerada para vê-lo e ouví-lo. Nestes encontros, o acontecimento Rádio unía-os num grande abraço fraternal. Afinal, de corpo presente, o artista precisa transmitir as mesmas impressões provocadas no ouvinte, quando este o ouve na intimidade de sua casa.

O filão aberto à exploração dos seus redatores mostra-se inesgotável, na medida que a revista é programada para aguçar, mais e mais, a curiosidade dos leitores em torno do "mundo das ondas sonoras". Penetrar na intimidade dos lares dos seus contratados é o alvo principal das matérias jornalísticas da revista, e é a própria finalidade pela qual ela foi criada, correspondendo diretamente ao desejo dos ouvintes.

Todo o empenho dos redatores, frequentemente, mostra-se insuficiente para satisfazer ao fã, que sempre quer mais. Por isso, na revista fica o apelo: *"Se você amável e gentil leitora, desejar conhecer a vida de outras "estrelas" e "astros" do nosso rádio, escreva-nos com a máxima urgência, dizendo da sua preferência, que o repórter sairá à campo a fim de satisfazer sua justa curiosidade"* (65). Judith Salte, da capital, formula sua pergunta, respondida na sessão "Alo, Fan", oferta da Casa Fidalga Loterias:

"Você quer saber qual a cor dos olhos de Odair Marzano, onde ele nasceu, porque ainda não trabalhou no cinema, se estuda e se manda fotografias às fãs. Pois bem... seus olhos são azuis, ele nasceu..." e as cartas nunca param de chegar, seja por motivos similares a este ou de outra natureza.

Quer dizer, num movimento de mão dupla o fã se aproxima do radialista e este também se aproxima do fã, pois o preço da fama é a necessidade de manter sua popularidade em alta. E popularidade no Rádio significa estar bem próximo ao público que o admira, e por isso deseja ouví-lo e vê-lo, desfrutando de sua presença.

---

65. idem

As emissoras lançaram uso, para consumo interno, dessas mesmas noções de amizade e fraternidade entre os "elementos do Rádio". A ABEARRE [66] deixa em 1952 para que a ACRESP [67] passe a escolher os melhores do Rádio e da TV agraciando-os com o Prêmio Roquete Pinto, o conhecido "Papagaio" ([68]). O concurso é uma forma de agitar o meio artístico e aumentar o "cartaz", quer dizer, o sucesso dos laureados. Depois da eleição havia a divulgação destes nomes feita pela emissora do astro roqueteado. A São Paulo, por exemplo, produziu uma novela só com os agraciados com o "Papagaio": *"Escrita por Nara Navarro, a novelista do ano, tendo na sonoplastia Benito de Nardo, figurando como intérprete Waldemar Ciglioni, Leonor Navarro, Nélio Pinheiro, Sonia Maria e Antonio de Freitas, prêmio Roquete Pinto de 1951 "* ([69]).

A integração do pessoal de Rádio também se fazia com competições de futebol, cada emissora com seu time ou times oponentes internos. O fato é que todos se beneficiavam com a imagem de que no ambiente radiofônico reinava a amizade e harmonia entre os contratados; além do profissionalismo e respeito, no qual seu dia de trabalho se pautava.

A Rádio São Paulo promoveu *"um amistoso jogo de futebol entre solteiros e casados. No gramado do seu transmissor, no bairro do Butantã. Todos os elementos da PRA-5 estiveram presentes nessa linda tarde, em que houve a completa e cordial união entre redatores, radioatores, técnicos, diretores e locutores"* ([70]). Ou seja, amigos dentro e

---

66. A "Associação Beneficente dos Empregados e Artistas da Rádio Record" reunia elementos de outras emissoras da "Unidas" como a Rádio São Paulo, Panamericana e outras do interior que integravam a "Cadeia Unidas", além dos Tablóides - (imprensa) da Capital.

67. Associação dos Cronistas Radiofônicos do Estado de São Paulo.

68. A banca da ACRESP, que elegeu "os melhores de 1952, era formada por jornalistas especializados que estavam sob a direção de Mário Julio Silva. Os demais eram: Airton Rodrigues, Denis Brean, Arnaldo Camara Leitão, Newton Mendonça, Grací Machado, Eduardo Pinto, Tirso Pires, Arí Machado e Urbano Reis. Dos 2.500 radialistas, apenas 44 foram premiados (39 da Rádio e 5 da TV). Informações extraídas do jornal Tablóide - 11.01.53 e "Roquete Pinto de 1952 - O mais cobiçado prêmio do Rádio Paulista", RD 35, abril 1953, p. 16.

69. "Os melhores de 1952", editorial, RD 34, fevereiro 1953, p. 1.

70. "Casados X Solteiros", RD 15, p. 25.

Principalmente tratando-se do capítulo culinária, pode-se conversar e discutir muito...

Desta vez, não há duvidas: é sobre modas, mesmo, a conversa.

Mary Caldeira e Sandra Lia, amigos dentro e fora da emissora.
fonte: RADIOLAR

O casal Nara Navarro e Benito de Nardo, artistas da emissora.
fonte: RADIOLAR

NOIVADO

1 — Água da fonte, pura como o coração dos que amam.

2 — Uma inscrição no tronco da árvore. Nomes enlaçados. Destinos ligados para sempre

3 — Olhando o céu, êles acreditam na felicidade. Porque trazem o paraizo do amor nos corações.

4 — Dois corações simples, que o amor uniu para sempre...

5 — Na luz dos olhos de Nara, Benito vê o reflexo da própria felicidade.

Fotos anunciando, com o noivado, a promessa de felicidade próxima para o casal enamorado (Nara Navarro e Benito de Nardo)
Fonte: RADIOLAR

fora da emissora como Sandra Lia e Mary Caldeira que estreitam os laços de sua antiga amizade atuando juntas, *"num ambiente são, de trabalho e franca camaradagem" (...) na Rádio São Paulo são comuns as grandes amizades, podendo se dizer que os artistas da emissora são um bloco uno e coeso"* (71).

Amizades sinceras, nascidas do trabalho nunca se rivalizam *"apesar de serem ambas damas centrais não tem preocupação absoluta ou ciúmes quanto aos papéis que lhe são entregues para interpretar, e sentem-se felizes quando podem atuar no mesmo programa"* (72).

Com certeza, este tipo de informação circulava entre os ouvintes; mesmo que não lessem as notícias diretamente de Radiolar podiam informar-se no "bate-papo" introdutório aos capítulos da novela que ilustravam os acontecimentos vindouros. Por exemplo, "Maurício e Ernesto de Oliveira atuarão como inimigos mortais. Ainda bem que é só na novela porque na vida real todos sabem que são irmãos e muito amigos" ou como na novela "sonhos cor de rosa" onde o personagem Zaarof lamenta desencantar os ouvintes que o imaginam com barba, já que na vida real ele estava imberbe (73).

No jogo de ficção/realidade o resultado final é favorável aos dois lados, pois ao estimular o interesse do ouvinte, consegue envolvê-lo nos assuntos do "sem fio". Então, a amizade entre as atrizes descrita pela revista mostra *"como os artistas do rádio são humanos, como qualquer mortal, tendo suas preferências e amizades, vivendo, enfim, a vida comum que todas vocês vivem"* (74).

---

71. "Vida de artista... Mary Caldeira e Sandra Lia - são duas grandes amigas, RD 29, 29 agosto 1952, p. 4.
72. Idem. As duas pertenciam à "velha guarda" da emissora. Sandra Lia fazia papéis caricatos, principalmente de italiana mexeriqueira, e Mary Caldeira destacava-se nos papéis de mulher má e fascinante. Informações extraídas da reportagem citada.
73. "Sonhos cor de rosa" novela de Thalma de Oliveira, script do acervo do Centro Cultural São Paulo. Dirceu Guimarães interpretou Zaarof, um espião misterioso.
74. "Vida de artista... Mary Caldeira e Sandra Lia - são duas grandes amigas", RD 29, 29 agosto 1952, p. 4.

Explorar o lado humano dos "famosos" permite ao ouvinte aproximar-se deles. E estando assim, tão próximos, pelas coisas em comum que os envolvem, familiarizam-se uns com os outros.

A atriz que representa os papéis do plano ficcional vem, agora como outra mulher, falar com a ouvinte, participando de seus problemas pessoais.

É na qualidade de conselheira que a atriz se coloca à disposição para ouví-las: *"Você amiga leitora, que é moça, sonhadora, digna, se está em dificuldades sentimentais, se ama alguém e não é compreendida, se tem um noivo e por qualquer motivo não se entendem bem, se tem um namorado e não sabe como fazer para convencê-lo a se definir, falando com seus pais, não tenha acanhamento, não faça cerimônias, escreva-me ainda hoje contando o seu caso e eu a auxiliarei a resolvê-lo da melhor forma possível"* (75).

A prova de amizade se revela por suas intenções: *"Neste mundo mau existe muita gente pronta a condenar, muita gente disposta a criticar e bem pouca gente que nos estenda a mão, que nos ouça com bondade, que nos auxilie e oriente num momento de aflição, não é mesmo?"(...) "é tão bom quando encontramos alguém que ouça com bondade as nossas queixas, que nos sabe aconselhar com franqueza e justiça não acham? (...) despeço-me avisando-as de que, a partir de hoje, vocês aqui têm uma amiga sincera, na qual poderão confiar sempre"*... por isso, escrevam-me! (76).

A divulgação sobre os aspectos da vida particular dos "famosos" os humanizam perante seu público e funciona como produtora de uma personalidade-modelo para os artistas. Mostrados a princípio junto à família (como esposa, mãe, marido e pai) serão mostrados depois na sua relação com o mundo. No lar e na sociedade o artista é retratado por uma ótica que procura revelá-lo em comportamentos exemplares. O ouvinte, que já corporificou as vozes do Rádio, tem acesso agora também ao caráter, à moralidade do artista.

---

75. "Consultório Sentimental" de Nara Navarro, RD 7, p. 32.
76. Idem.

Em dezembro de 1952, o jornal "A Hora" publica uma reportagem de Nilton de Mendonça, relatando a infeliz história de uma negra velha, moradora do cortiço do Canindé, que se dizia mãe de um famoso radioator do rádio paulista. No dia seguinte, outra reportagem sobre o encontro de Carlos de Araújo, o radioator famoso, com a negra. Ele piedosamente não a desmente. Radiolar relata toda a história e comenta o gesto nobre do seu ator: ... *"Ele poderia quebrar o encantamento da situação com uma única palavra. Poderia ter recusado os beijos daquela preta velha num gesto de repugnância. No entanto, não o fez. (...) E permitiu que ela o julgasse seu filho. Tratou-a como sua verdadeira mãe"* (77).

A história foi radiofonizada no "Grande Teatro Dramático", e incitava o filho ingrato a voltar para Maria. A peça deu resultado e toda a verdade veio à tona : a humilde senhora enlouquecera depois da morte do filho e na sua demência vira em Carlos de Araújo, o filho perdido.

É na grandeza de seu gesto que o público reconhecerá a hombridade, o caráter reto do ator, que *"com sua piedosa mentira, alimenta uma ilusão no coração da pobre mulher que o chama de filho"* (78).

Os artistas são mostrados na sua relação com o mundo, e seu comportamento serve de exemplo em situações padronizadas, como por exemplo, a moça intelectual que, debruçada sobre os livros, se esquece de preparar-se para assumir o papel de esposa. *"Não faz muito tempo, esta mesma revista publicou uma reportagem dizendo que a graciosa estrelinha Talita de Barros era o brotinho intelectual da Rádio São Paulo! Isso poderia dar a impressão de que a mesma passa os dias lendo livros de filosofia e alta literatura, sem prestar a menor atenção aos verdadeiros problemas femininos, que são os problemas caseiros. E o resultado da reportagem poderia ser calamitoso, espantando os futuros pretendentes à mão da linda garota. E para dissipar dúvidas, a reportagem foi*

77. "Piedosa mentira - Carlos de Araújo é meu filho", RD 32, dezembro 1952, p. 13.
78. idem.

surpreendê-la em seu lar (...) e mostrar que Talita será uma perfeita esposa", revelando assim que o "brotinho intelectual" é também uma emérita cozinheira (79).

Desta forma, os astros e estrelas passam a compartilhar momentos cerimoniosos de sua vida privada com o amigo ouvinte, inimagináveis antes do Rádio, visto restringirem-se somente a amigos íntimos e parentes. O dia de seu casamento é um momento privilegiado para que os fãs possam participar, como público, de sua intimidade. É claro, para uma emissora que prioriza o lar não pode haver momento mais glorioso do que o dia de seus astros ouvirem, aos pés do altar, o "conjugo-vobis" ou celebração das núpcias ou enlace nupcial ou casamento (80).

A participação do ouvinte torna-se fundamental, sua presença abrilhanta os eventos. Por isso, em dia de casamento de artista, a multidão à porta da igreja pode afigurar-se como termômetro da sua importância pública, justamente por ser numericamente ilustrativa da popularidade que goza junto aos ouvintes.

A repercussão sobre o concorrido casamento de astros era tão grande que entrava para seu "curriculum". Após anos do sucedido, ainda servia de assunto em entrevistas, fosse para mostrar o assédio das fãs ao irresistível galã (*"Quando o galã chegou na igreja da Consolação havia uma pequena multidão esperando-o. As fãs já haviam "depredado" outros noivos por engano. Tiraram o casaco de um, rasgaram a gravata de outro e arrancaram o véu de uma noiva."*), (81) fosse para reforçar o carinho do ouvinte que compareceu... *"em massa às bodas do feliz par, que viu assim comprovada sua popularidade e aumentado seu cartaz"* (82).

---

79. "Profecia - A esposa que será Talita de Barros", RD 43, abril 1954, p. 24.
80. São sinônimos para cerimônia de casamento. Designações extraídas do depoimento de biografados por Radiolar.
81. "Odair Marzano não pôde casar direito", sessão "Ronda de Astros", RT 19, 21 maio 1952, p. 1206 (fascículo "O Direito de Nascer").
82. "Lenita Helena - A "ingênua" famosa da Rádio São Paulo e a esposa feliz de Mauricio de Oliveira", RT 24, 25 junho 1952, p. 1524 (fascículo "O Direito de Nascer").

Em 1953 existe uma verdadeira febre de concursos no Rádio: concurso de novelas radiofônicas (83), de "Rainha do Rádio Paulista" (84), II Concurso de Resistência Carnavalesca (85), o grande concurso "Noivas de Maio" (86) promovido pela "emissora do lar". Dentre as obrigações das concorrentes estava a de realizarem seus casamentos no dia 30 de maio às 18:00 horas, todas ao mesmo tempo, em igrejas mais próximas ao bairro onde moravam (87). Casamentos em massa que reuniam multidões, tão concorridos quanto aqueles dos ídolos, que o ouvinte de Rádio já participara.

A promoção visava enaltecer o "mês das noivas" e agitar as fãs pelo "brilho de artista" proposto para sua cerimônia religiosa. Invertem-se as funções: no casamento do ouvinte, o astro do Rádio é coadjuvante. Este é o clímax de sua vida porque *"toda esperança e anseio de felicidade, acompanha as noivas, que jubilosas e trêmulas, se apresentam aos pés do altar, conduzidas pelo homem escolhido pelo seu coração e pelo seu amor, para companheiro de tôda sua vida"*, dizia a propaganda de vestidos de noiva (88).

---

83. Promoção da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, a banca examinadora era formada por Paulo Mendes de Almeida, Raimundo Magalhães Junior e Tulio de Lemos. Ao vencedor coube o prêmio de cem mil cruzeiros. Informações extraídas de "PR Noticias", RD 35, p. 24.

84. A votação foi popular, através de cupons distribuídos pelas emissoras das concorrentes. Algumas estrelas da competição: Isaura Garcia, Neide Fraga e Nair Belo da Record, Wilma Bentivegna, Márcia Real, Sonia Greiss e Guiomar Gonçalves das Emissoras do Sumaré e Myrthis Grisoly da Rádio São Paulo, "Grande Concurso", RD 35, p.p. 30, 31.

85. Iniciativa da Rádio Record, animou o carnaval de rua. Os vencedores dançaram 58 horas seguidas. Receberam o prêmio de CR$ 8.000,00 cada um. Eles eram José Benedito Pena e Nivaldo Mota. "Ecos do Carnaval- A maior iniciativa do Carnaval foi da Maior", RD 35, p.23.

86. Observe os prêmios oferecidos: 1º viagem ida e volta para o casal Rio/São Paulo, ou distância equivalente, de avião ou ônibus, 2º Um cheque entregue imediatamente após o casamento, 3º Todas as despesas, como cartório, juiz de paz, igreja... 4º Se o primeiro filho nascer até 30 de maio de 1954, um enxoval completo para o garotinho, 5º Todas as "Noivas de Maio" da Rádio São Paulo serão madrinhas de um determinado programa ou novela da emissora, 6º Poderão as "Noivas de Maio" escolher, entre os artistas da emissora, uma dupla que figurará como Padrinhos de Honra. "Concurso "Noivas de Maio" na Rádio São Paulo", RD 35, p. 8.

87. As igrejas matrizes eram limitadas aos bairros da Penha, Brás, Ipiranga, Santana, Casa Verde, Barra Funda, Móoca, Lapa, Indianópolis e São Caetano. Idem.

88. "Homenagem ao mês de Maio", RD 15, p. 41.

E o que dizer da novela "Marcha Nupcial" (89), cujo capítulo de encerramento vê os atores principais se casando, de verdade, dando à novela um desfecho emprestado pela vida? "Sempre te amei", música tocada nos momentos românticos dos capítulos de "Marcha Nupcial", estava na lembrança do público que assistia ao casamento-desfecho de novela de perto, quando Lenita Helena dirigia-se ao altar (90).

Depois do casamento, os atores agradecem à homenagem prestada pelas fãs com seu comparecimento à cerimônia. O casal coloca seu lar *"à disposição dos fãs e amigos. Em nosso sonho de amor há lugar para a amizade. E acreditamos que no seu carinhoso gesto, vindo abrilhantar nosso casamento, houve sincera amizade"* (91).

Como vimos aqui, o exercício de aproximar as duas pontas (produção/recepção) do "sem fio" ganha motivos e maneiras inéditas, de continuamente ir se processando. Agora, desenhados os personagens, convém ouvir seus diálogos e compreendermos suas mensagens, mostrando como estavam colados ao contexto social no qual tais personagens se constituíram como tal. É o que veremos no capítulo a seguir.

89. "Marcha Nupcial", romance radiofônico baseado nas vidas de Maurício de Oliveira e Lenita Helena, intérpretes do papéis principais. "Os primeiros acordes da misteriosa marcha nupcial da PRA-5 - uma idéia que humanizou a novela", RD 18, p. 3.
90. Fox canção de Maugéri Netto e Maugéri Sobrinho, gravado por Orlando Silva. Idem.
91. "Carta de Maurício e Lenita às fãs", RD 23, 1952, p. 19.

2. OUVIR RADIONOVELA: MOBILIZAÇÃO DOS SENTIDOS

A eficácia quanto à realização de uma novela de rádio dependia de uma somatória de fatores que, ao combinarem-se na medida certa, promoviam a sua boa receptividade junto ao público. O trabalho de equipe dava a liga entre os principais ingredientes: o "script", o elenco, a sonoplastia, a contra-regragem, a parte técnica, os ensaios e a realização em sí dos capítulos ([92]).

A parte técnica combinava os ruídos produzidos pelo contra-regra (para criar na imaginação dos ouvintes a ambientação das estórias) com a música (desde acordes musicais até sua execução instrumental) adequada à criação de climas. A trilha musical imprimia um colorido às cenas pois complementavam as emoções despertadas pelos diálogos - momentos de romantismo, de hesitação, trágicos e divertidos[93]. O trabalho do sonoplasta ou sincronizador consistia em juntar, sequencialmente, a produção de ruídos e sons às falas dos radioatores.

É comum encontrarmos nas revistas especializadas e "scripts" a associação do trabalho de direção radioteatral com a de regência de uma orquestra porque, para a perfeita combinação dos ingredientes que faziam a novela, eles deveriam estar na mais fina sintonia. Ao diretor de radioteatro, geralmente o próprio autor da novela, cabia "reger" o espetáculo, ou seja, controlar o exato momento de dizer ou calar com a entonação correta, no intuito de alcançar os efeitos desejados. O sucesso do espetáculo

---

[92]. OLIVEIRA, Thalma de. Carta dirigida à Mc Cann Erickson Publicidade S.A., na década de 60. O missivista elenca esses fatores citados no intuito de demonstrar como as novelas, segundo sua experiência e percepção, poderiam retomar sua época áurea. Para mim, o "saudosismo" do escritor advêm da sua vivência em dois momentos da radiofonia: auge (décadas de 40 e 50) e decadência (momento em que redige esta carta), demonstrando, segundo sua experiência, o que fez da novela um produto de sucesso.

[93] As músicas ouvidas nas novelas, muitas vezes eram compostas por artistas da emissora que as adaptavam aos enredos das estórias. Representavam outra fonte de lucro já que vendiam-se partituras das composições mais famosas. Em São Paulo havia, por exemplo a editorial Mangioni que imprimiam as partituras das coleções "A Melodia" e a Fermata do Brasil.

dependia inclusive do "casamento das vozes" (em diferentes tonalidades), que harmonizavam-se em sincronicidade com o tempo de cada fala.

Thalma de Oliveira, no capítulo de encerramento de uma de suas novelas, conversa com os ouvintes: *"Sabem porque gostaram de Senzala? Porque a nossa orquestra estava afinada! Exatamente por isso! Já lhes disse uma vez, e repito! Um elenco radiatral, trabalhando, é uma verdadeira orquestra executando! Nenhum elemento pode falhar! Dos artistas ... não se precisa dizer, não é? Se um falhar ... os ouvintes pegam ... o diretor pega ... e os demais artistas não pegam nada!*

O contra-regra (...) esse então precisa estar com os cinco sentidos atentos! Imaginem se é hora do galã aproximar-se elegantemente da heroína ... e o contra-regra faz passos de cavalo a galope! Estraga tudo, não estraga?! A mesma coisa acontece com o operador, na mesa do controle! Estamos em plena Senzala, escravos trabalhando, Nhô Quim berrando ... e ele põe como fundo musical um "boogie-hoogie" daqueles bem gingados? É o diabo! Pois então, é como eu lhes disse! A orquestra estando afinada ... tudo vai bem! (94).

O ouvinte mobiliza sua atenção e seus sentidos para captar os sons, os "cheiros", os estados de alma dos personagens da novela. Vargas Llosa, escritor peruano que trabalhou numa estação de rádio na década de 50, recria através do romance "Tia Julia e o Escrivinhador" a cena da mobilização dispendida pelo ouvinte para acompanhar um capítulo de novela, seduzida pela voz do radioator Pedro Camacho: *"Aparecia na casa de tia Laura e ela, mal me via no umbral da sala, me ordenava silêncio com um dedo nos lábios e permanecia inclinada sobre o rádio como se quisesse não apenas ouvir, mas também cheirar, tocar a (trêmula ou ríspida ou ardente ou cristalina) voz do artista boliviano"* (95).

---

94. "Script" de novela. OLIVEIRA, Thalma de. Capítulo de encerramento de "Senzala", apresentada em 21.08.44, Rádio São Paulo. O autor da novela vem, em pessoa, "ao microfone para encerrar mais uma de sua vitoriosa criação no Teatro para Moças."
95. LLOSA, Mário Vargas. "TIA JÚLIA E O ESCRIVINHADOR", Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, p. 72.

A novela alcança os ouvintes em estado de solidão, pois o silêncio torna-se indispensável no momento em que ouvem os diálogos. A consequência do tipo de mobilização provocada nos ouvintes pela radionovela é que estes acabam envolvidos pela trama urdida para prender sua atenção. As pessoas participam simultâneamente, na qualidade de ouvintes das histórias e - na medida que os acontecimentos fictícios evoluem, mobilizando num crescendum sua vontade (sentidos e mente) - tomando parte da realidade dos personagens.

É importante ressaltar o ineditismo que residia em ouvir uma estória contada pelos seus próprios participantes. Existe aí uma mudança na forma como o público se relacionava perante o personagem. Antes das radionovelas, quando somente havia duas maneiras de participar de uma estória: lendo um livro ou através de um contador delas e neste momento, em que a prática de ouvir estórias pelo Rádio está se constituindo.

O aparelho receptor trazia as vozes da novela "de fora", um lugar abstrato porque só se materializava pela e na imaginação de quem as ouvia. Para os ouvintes havia algo de inusitado que do minúsculo estúdio de transmissão, aonde os sons do exterior estavam impedidos de entrar, pudesse sair algo - os programas - que viajando nas ondas sonoras entravam pelos campos e cidades, nos lugares mais recônditos, amplos, abertos ou mesmo nos cubículos que serviam de quartos nas pensões.

As vozes dos atores, sua única parte física da qual o ouvinte se assenhorava no momento em que os artistas interpretavam os "papéis" davam o caráter de realidade dos fatos. Os "papéis", embora representação no "teatro da voz", eram percebidos pelo ouvinte com profunda comoção, devido ao componente de proximidade propiciado pelas transmissões ouvidas. Os personagens viviam situações que poderiam ocorrer "na realidade" e respondiam aos infortúnios da vida, expressando vivamente sentimentos próprios aos mortais (rancor, alegria, ódio, inveja, esperança...).

A plausibilidade da ocorrência de certos fatos na novela era justamente o que comovia o ouvinte porque, embora mirabolantes e incríveis, eram apresentados pelo

autor como algo próximo duma realidade que ninguém duvidava - porque dentro de uma mera história - ao mesmo tempo que, via novela, viravam assunto nas conversas e ganhavam o "status" de coisa realmente possível de ocorrer pelo imprevisível ato de viver. Desta forma, todas as emoções sentidas pelos "vivos personagens" eram compartilhadas, passo a passo, com aquele que predispunha-se, ao ligar seu aparelho de rádio, a ouvir sua história.

A nova maneira de acessar, via novelas, estórias mundanas, envolvia o possível ouvinte nas angústias, alegrias e tristezas dos personagens, tornando-o confidente dos seus mais íntimos segredos e partícipe de suas venturas e desventuras. Uma noção diferente de intimidade com o universo ficcional está se dando entre ouvinte, que via radionovela se solidariza com os dramas de uma pessoa/personagem que ele não vê, mas ao chorar com suas desventuras, se alegrar ou se enfurecer com as ocorrências na vida destes estará dando provas de seu partidarismo e até amizade. Neste instante opera-se uma junção entre os planos ficcional e real.

O ouvinte passa a conviver com as vozes do radioteatro, e os assuntos a ele relacionados incorporam-se à suas motivações diárias. As revistas especializadas criam fatos com a vida do artista de Rádio, intérprete de muitos "papéis" de novelas simultaneamente, como no caso de Paulo Gracindo, Albertinho Limonta em o "Direito de Nascer", Paulo em "O Crime de um Homem Bom" e Cesar em "Maria do Céu", só no mês de abril, em 1952 (96).

Muitas pessoas dirigiam-se aos prédios onde funcionavam as emissoras para acompanhar de perto um dia-a-dia de trabalho no meio radiofônico. "Plantados" na portaria, os fãs de rádio esperavam pelo momento de ver entrar ou sair algum artista famoso, produtores, cantores ou até mesmo ver "em pessoa" o galã/ator de sua novela predileta. Com sua presença, os fãs ajudavam a compor, como espectadores, um ambiente

96. Entrevista com Paulo Gracindo, RT 15, 23.04.52, p. 957.

que tornava-se cada vez mais integrado às novidades urbanas que davam ares de modernidade à cidade.

Aos poucos, os verdadeiros donos das vozes imaginariamente corporificadas pelo ouvinte tornam-se conhecidos do grande público, através ou de aparições públicas em promoções da emissora com as quais tinham contrato, ou de reportagens sobre suas vidas com dados biográficos publicados pela imprensa. Neste caso, a relação de proximidade do ouvinte com a voz do artista se transferirá automaticamente para a pessoa dona de tal voz, ou seja, o radiator.

Como os horários radioteatrais, todos com patrocinadores próprios, perduram década afora, o trânsito de artistas pelas emissoras também ajuda a movimentar tanto o interesse por suas vidas pessoais como pela recomposição dos "casts"pela substituição de radioatores ([97]).

As emissoras, ao contratarem novos valores, investem não só em seu radioteatro mas também na receptividade do ouvinte, pois estará investindo também em sua imagem, na medida que o ouvinte *"para identificar a estação procurará identificar a voz do locutor ou radioator (pela voz do cantor não será possível porque poderá ser disco). Quer dizer, a identificação se processa pelo elemento voz, que é a matéria-prima do rádio"* ([98]).

A primeira radionovela "Em Busca da Felicidade" não foi "ao ar, ao vivo", maneira que se tornou usual posteriormente. O mercado radiofônico resistiu bastante à alternativa de utilização de textos gravados. Por quê?

As emissoras e agências de publicidade de São Paulo e Rio de Janeiro foram as maiores produtoras de novelas pois tinham condições de reunir os recursos indispensáveis à realização de boas novelas como: um bom "cast", aparelhagem,

---

[97]. Por exemplo, na Rádio São Paulo havia: Teatro para Moças, Rádio Teatro Regência Imperial, Cia. Rádio Teatral Serenata, Rádio Novelas Toddy, Rádio Teatro Colgate-Palmolive, Teatro de Romance Marca Peixe, Teatro de Aventuras, durante anos e anos "no ar".

[98]. "Arte e comércio na radiofonia brasileira", de Herrera Filho, RP&N, setembro de 1947, p. 57.

patrocinadores para os programas. Para as emissoras menores, do interior, era muito difícil concorrer com as novelas da capital. Entretanto, em março de 1950, José Scatena, diretor da Rádio Gravações Especializadas R.G.E. Ltda, de São Paulo, escreve artigo chamando a atenção sobre as vantagens da utilização de programas gravados para o mercado radiofônico interiorano. (...) *"Acreditamos que já é tempo dos diretores das nossas emissoras do "hinterland" pensarem em melhorar a programação de suas estações, visto como as difusoras das capitais dia-a-dia roubam mais ouvintes das estações locais (através da boa cobertura (potência) das transmissões)"* (99). Quer dizer, mesmo havendo possibilidades técnicas para a realização de programas gravados, as emissoras menores resistiam em alugar, a baixo custo, para retransmissões locais, as novelas apresentadas pelos maiores prefixos do rádio. O público era, em parte, o maior responsável pelo impecilho imposto à gravação de programas. *"Alguns diretores das nossas emissoras objetam que o público, acostumado a sintonizar as emissoras de São Paulo e do Rio, não se acostumam a ouvir na sua estação, as vozes das estrelas e galãs das grandes emissoras"* (100).

No Brasil, da década de 40, diferentemente do que ocorria por exemplo nos Estados Unidos, não havia a formação de redes para a transmissão e nem o emprego massivo das gravações de programas. Castellar escreve artigos recriminando a persistência no pais da política do desperdício de talentos (101). Num deles dizia: *"Ao invés de permitir a um cantor, um Vingador, uma orquestra, um radioteatro, um comentarista que sejam irradiados duas, dez, cinquenta vezes, simultaneamente ou em gravações, o que se faz aqui é o contrário: obrigam-nos a trabalhar, para uma audiência reduzida 2, 10, 50 vezes a viva voz sem a repercussão merecida, como se fossem na verdade, todos*

---

99. Entrevista com José Scatena, RP&N, março de 1950, p.76.
100. idem, p.75.
101. CASTELLAR, José. "Desperdício de talentos" de 17.04.1945 e "Ainda o desperdício de talentos" de 18.04.1945, Jornal "Folha da Noite".

eles - pobres lutadores por um ideal artístico - uns grandes perdulários da inteligência, valor, graça e emoção!" (102).

Embora movidos por interesses diferentes (Scatena tentando vender programas gravados para as emissoras menores e Castellar lutando pela melhoria na qualidade dos programas e dos salários dos contratados pelas emissoras) a "sensatez" não vingou, nesse momento da radiofonia nacional. Desta forma, na década de 40, o "Vingador" e "Tarzan" são as únicas experiências, que vão ao encontro do intercâmbio de talentos (103).

Esse problema em relação aos programas gravados ajuda a sustentar minha argumentação de que a relação inédita de amizade entre o ouvinte e o ator é fundamental para a explicitação do fenômeno de popularidade das radionovelas. Certas "coisas" interessantes que ocorriam com o ouvinte em relação à novela se libertam das constatações que percebem-nas como curiosidades da ação interativa do ouvinte.

Zenilda Belli, em seu capitulo dedicado especificamente ao público de radionovelas aponta que estas "influenciavam" o ouvinte. Um dos muitos exemplos apresentados é este:

"Dr. Hugo, personagem da novela "Uma vida de mulher" recebeu uma carta de uma ouvinte no seguinte teor: "Dr. Hugo, os seus desaforos para com a pobre Maria Cândida já estão me deixando por demais nervosa e irritada. Não suporto mais, por isso quero acabar com o sofrimento daquela infeliz e isso só é possível, dizendo-lhe francamente: Ela é sua mãe. Esperando que o filho ingrato e mau se transforme num filho dedicado e amoroso, subscrevo-me, uma ouvinte indignada" (104).

Na análise que busco empreender estes fatos curiosos que "pipocavam" no período em que algo inédito está ocorrendo na radiofonia nacional demonstram que existiu um

---

102. CASTELLAR, José. "Desperdício de talentos" de 17.04.1945, Folha da Noite.
103. Programas gravados e transmitidos por 18 emissoras nacionais, iniciativa de Richard E. Penn, que os trouxe de uma agência de publicidade americana, no momento em contrato com a Rádio Nacional.
104. BELLI, Zenilda. op. cit., p. 133, apud HERD, Erika Franziska. "O AMIGO DA MADRUGADA", Petrópolis, Vozes, 1978, p.120.

processo de constituição da relação do ouvinte com a radionovela. No momento da ocorrência desta carta acima mencionada e na mente da ouvinte que a enviou, o personagem (Dr. Hugo) estava corporificado no radioator que interpretava tal "papel". Desta forma, personagem e ator compõem, pela percepção dos seus ouvintes, uma mesma pessoa que está cometendo um grave erro ao desprezar sua própria mãe.

O ouvinte, na qualidade de confidente que vive um drama junto com seus protagonistas, sente-se na obrigação de

interferir no rumo dos acontecimentos. Dr. Hugo desconhece que Maria Cândida é sua mãe e age mal com ela. Isto, segundo a ouvinte, não está correto, pois um filho não deve jamais desprezar sua própria mãe.

2.3. O ARTISTA DENTRO E FORA DO RÁDIO

A "emissora do lar" chegou em 1956 com uma equipe de trabalho de 110 pessoas, que sustentavam a apresentação de 22 novelas às segundas, quartas e sextas e 19 outras às terças, quintas e sábados (105). A exemplo do diretor de radioteatro, Augusto Barone, muitos deles estavam contratados desde o início dos anos 40. Por isso acompanharam, passo a passo, as reformulações da emissora tanto na programação, como no trabalho de manter o sucesso do gênero no qual a emissora se especializou.

Muitos vinham do interior do estado, estudantes ainda; casaram-se com "colegas de trabalho", tornando-se "mamães ou papais" até meados dos anos 50: *"Mais dois destinos são ligados dentro da Rádio São Paulo. O familiarissimo ambiente de trabalho dos artistas, oferece chance para que romances de amor se desenvolvam e encontrem solução feliz, dentro da própria emissôra. Isso vem provar cada vez mais, que ela é um lar...e sua equipe, uma família completa"* (106). Como Cupido dos romances de seus astros e estrelas, a emissora do lar explorou esta função. Muitos foram os casais que se conheceram ali ainda jovens (na faixa dos vinte anos) e chegaram nos anos 50 casados. Apenas citando alguns: é o caso de Ilka Ferreira (radioatriz) e Agostinho Aguiar Leitão (novelista), Cecy de Alencar (radioatriz) e Roberto Carvalho dos Santos (direção comercial), Odete Lys e Carlos Araújo (radioatores), Nara Navarro (radioatriz e novelista) e Benito de Nardo (contra-regra), Nicea Soares e Waldir de Oliveira (radioatores), Lenita Helena e

105. RP&N, TV/Rádio, 20.01.56, p.44.
106. Propaganda sobre reportagem completa da lua de mel de Nara Navarro e Benito de Nardo, RD-26, 26 Maio 1952, p. 32.

Maurício de Oliveira (radioatores), Maria Aparecida Alves (radioatriz) e Javert de Oliveira (locutor) (107).

A emissora enaltece, através das novelas, a função dos papéis do homem e da mulher no lar e ao mesmo tempo projeta para si a imagem de um lar. *"Justificando seu lema que diz - "uma voz amiga em seu lar"- essa emissora escolheu um prédio que em seu aspecto geral lembra uma suave mansão mergulhada em deliciosos jardins. E esse aspecto coaduna plenamente com seu caráter: familiar, amigo e romântico. Desprezou os modernos arranha-céus de ríspidas retas e vertiginosas alturas, para fixar moradia num verdadeiro lar"* (108). No momento em que a São Paulo resolve ampliar sua programação de novelas (1949) começa seu esforço em fazer-se como um lar. Suas instalações vêm de encontro a esta idéia, bem como seu "material humano", os atores e atrizes, retratados como uma única e grande família (109).

Pela mão de seu "corpo de redatores" , responsáveis pela divulgação das matérias jornalísticas sobre os fatos da emissora, seus contratados ganham forma de personagens (110). A arte da voz lhes confere grandeza, e por isso, com as "portas do Rádio" abertas para seu talento, o cidadão comum sairá do anonimato.

O princípio básico do meio - conversar com o ouvinte - inaugurou maneiras, antes impensáveis, para se conhecer pessoas e lugares. Ligar o rádio e ter alí um "conhecido" constituia um apelo irresistível ao aprofundamento deste

---

107. Levantamento com base nas reportagens de Radiolar (1949-1956).
108. Em 1950, a emissora instalou-se neste endereço (Av. Angélica, 430 - esquina com a Alameda Barros), Propaganda da revista, RD-6, p. 26.
109. Além dos pares saídos dalí para os altares das igrejas paulistanas, muitos parentes atuaram lado a lado, reforçando ainda mais a feição familiar, que a emissora alardeava. Apenas para citar alguns: mãe e filha como Leonor e Nara Navarro, pai e filho como Armando e Waldemar Ciglione e irmãos como Noeli e Mariolina Mendes, Maurício e Ernesto de Oliveira.
110. Os principais redatores até meados dos anos 50 eram: Fred Jorge, Ciro Pompeu do Amaral e Macedo de Andrade. Eles escreviam as reportagens para as edições de Radiolar, bem como programas curtos que dividiam espaço com as radionovelas. As "cartas de amor", a leitura de cartas românticas na voz de Waldemar Ciglione eram de autoria de Fred Jorge.

contato. Embora alijados, num primeiro momento, de um encontro direto, as estratégias inventadas pelas emissoras promoverão a aproximação entre o amigo ouvinte e o homem de Rádio. No espaço público da cidade - praças, teatros, cinemas de bairro - e na própria emissora, muitos eram seus lugares de encontro.

A comunicação radiofônica como evento não se restringiu ao ato isolado de ouvir rádio. Ao contrário, para que o contato se completasse foi necessário tornar os fatos do broadcasting de domínio público. Portanto, a mágica da comunicação trouxe popularidade aos homens de Rádio e disseminou o conceito de astro ou estrela, de acordo com sua produção artística. Ou seja, era a sua atividade artística que lhes conferia esta função; a força de sua emoção, transmitida pela voz, alterou sua condição na sociedade da época.

A amizade se nutre da confiança. Durante os anos que Radiolar circulou em São Paulo, várias seções como "Recanto Feminino" de Haydée Ciglioni, "Consultório Sentimental" de Nara Navarro e "O que diz sua letra", do professor Karana partilharam das dúvidas e segredos do ouvinte, estreitando os laços de confiança mútua e amizade (111). A revista objetivava suprir a curiosidade dos fãs sobre a vida particular das vozes que eles conheciam tão bem. Esta tarefa de corporificação cria dubiedades porque alia a biografias reais, perfis que os enredos das novelas ajudam a desenhar na imaginação do ouvinte. Na revista, Ernesto, o moço que veio do interior e triunfou na capital é, na vida real *"Ernesto de Oliveira mesmo e é um rapaz modesto, simples, parecendo tímido, e que continua ainda brincando de "mocinho", como quando era garôto, pois é solteiro"* (112).

---

111. O prof. Karana teve programas com o mesmo título nas rádios São Paulo (3as. e 5as. às 15 horas), Excelsior (diariamente das 17:30 às 17:45 horas) e América (3as., 5as e sábados das 10:00 às 10:15 horas). Iniciou os estudos de grafologia em 1936, na cidade de Natal. Por volta de 1938 só fazia o retrato do caráter para, logo em seguida, partir para a análise da psicometria, da psicanálise e numerologia. Dados extraídos de RD-5, p. 12.

112. "Mais um locutor do interior triunfa na capital", RD-11, p. 16.

Sua história, como a de tantos outros desconhecidos, desperta interesse no ouvinte no momento que integre a Rádio São Paulo e empreste sua voz aos personagens ali criados. Ernesto deixa de ser mais uma história do moço que veio do interior procurar trabalho para tornar-se aquele que veio à capital triunfar como artista, pois tinha um encontro marcado com o sucesso e a fama. O estrelato o diferenciará dos outros jovens "Ernestos". Pela fama ele ganhará importância pública, e será motivo de curiosidade e interesse para o fã.

O fã quer saber sobre os bastidores das emissoras, a vida particular dos astros e estrelas, como são, o que pensam e querem; em última análise, o fã deseja gozar do prestígio do seu artista predileto. Conhecer o meio radiofônico é uma das maneiras de compartilhar da fama, estando próximo dos artistas da voz. *"O dono da voz bonita que sóa no programa "Turfe na PRA-5", que se ouve em novelas, que vibra nas serenatas de "Sob a luz do meu bairro", também grava "gingles" para a R.G.E. (...) E o dono dela é um rapaz moreno de 1,80 de altura, olhos verde-azulados e cabelos pretos, esbelto e insinuante, delicado e irradiando simpatia"* (113).

Cada fã tem, em sua memória, um arquivo onde figuram as vozes dos programas e estas adjetivações das reportagens ajudam-no a compor para cada voz, uma imagem humanizada. São célebres os casos de decepção dos fãs ao conhecerem o rosto do artista porque imagem e voz não se combinam em nada. A demanda do fã não se restringe à fotografia do astro mas também a sua personalização: *"Ele queria ser padre... Era o desejo de sua mãe. Chegou a ser coroinha, por uns dois anos, na igreja de Itapetininga, quando veio de Itapeva, onde nasceu aos dez dias do mês de novembro do ano de 1929"* (114).

---

113. "Carlos Henrique - Ele queria ser padre...e acabou sendo locutor, galã e cantor", RD-7, p. 21.
114. Idem, p. 20.

No caso do ouvinte decepcionar-se com a aparência do astro, ao deparar com seu "close" alí estampado, cabia à entrevista cativar o leitor, pleiteando simpatias para o astro. Para tal, os entrevistados expunham suas preferências e maneiras de ser em relação a assuntos variados, como vimos no item "A amizade dentro e fora do Rádio".

A habilidade dos redatores em romancear histórias é determinante no sucesso destas entrevistas. Pelas suas mãos, informações "cruas" ganham cor pelo poder de aproximar os "desconhecidos" astros do seu ouvinte. *"Marino Netto quase não viaja. Conhece apenas Santos, Itú, Bernardino de Campos, Bragança, Rio de Janeiro e Buenos Ayres. Prefere explicar as coisas sem apelar para o sobrenatural. Aprecia a bebida e basta beber um pouco "prá ficar que nem perú na véspera de morrer na hora da ceia. Gosta de poesia"* (115).

As entrevistas apresentam o dono da voz ao ouvinte mais aficcionado pelas notícias das emissoras. O repórter atento acompanha a vida social dos famosos e noticia o prenúncio de um "namoro firme", detalhando as cenas do noivado, casamento e viagem de núpcias. Na parte social cabe também a cobertura do nascimento de seus filhos, sem se esquecer de todos os aniversários, de astros e parentes em primeiro grau.

Revestindo as vozes de corpo e alma lhes atribuirão, para cada situação citada, uma atitude correspondente. Este comportamento padrão é sempre reconhecível, é uma espécie de eco, devido a repetição do mesmo tipo de emoção provocada por estímulos com os quais o fã está familiarizado. Como no dia de um casamento, quando os códigos afetivos, sociais ou religiosos que revestiam essa cerimônia nos anos 50 poderiam ser facilmente decifrados: a emoção da noiva, a serenidade do casal em relação ao passo definitivo que representava casar-se, a

---

115. "Marino Netto na intimidade", RD-1, abril de 1949, p. 5.

comoção com a singeleza da cerimônia, da igreja toda enfeitada, as demonstrações de afeto dos parentes e amigos.

A revista cria uma história feliz que justifica a cena de casamento de seus artistas, como num enredo de novela. A história dos noivos e do seu amor, o momento de se apresentarem aos pés do altar, da confirmação dos votos de núpcias, de deixarem o altar juntos e buscarem a felicidade que se desenha em sua vida conjugal. Cada detalhe deste acontecimento é registrado ali. Muitas fotografias dão a imagem correspondente a cada momento narrado. Do casamento de Ònio Rocha,"o galã aventureiro" (116), flagram para deslumbramento dos fãs: *"Não é um capítulo de novela e sim um fato da vida real: Ònio Rocha ajoelhou-se aos pés do altar, na tarde de 14 de outubro deste ano santo de 1950, para proferir o "sim" quando o padre lhe perguntou: "Aceita Zelinda Tôta por esposa? (...) A noiva, um poema em branco, com seu maravilhoso vestido, dirigiu-se para o altar, pelo braço de seu pai, Sr. Luiz Tôta. (...) Juntos para sempre, agora casados, deixam o altar da igreja de São Bento (...) despediu-se também de sua imensa legião de fãs, declarando que partia mas seu coração ficava em São Paulo, com suas admiradoras, às quais devia as maiores alegrias de sua vida. Prometia logo voltar a viver os personagens aventureiros... Apenas uma leve pausa (...) para que eu possa viver a minha mais linda aventura de amor..."* (117).

A vida real dos radialistas transmutava-se, aos olhos do ouvinte, na glória de serem apenas marido e mulher, papéis idênticos aqueles desempenhados pelos ouvintes na sociedade. Esta nivelação acontece independentemente do entrevistado ser muito ou pouco famoso, dele ser especificamente de radioteatro, mais ou menos belo, culto ou humilde em relação aos outros. Quer dizer, nas reportagens, aquele

116. Referência aos papéis que interpretava nas novelas de aventuras. Ídolo do mundo mirim por suas apresentações como: Simbad, D'Artagnan, Pardaillan e outros do gênero "capa e espada".
117. "O casamento de Ònio Rocha, galã aventureiro", RD-10, 1950, p. 2.

aspecto organizacional do "cast", que separava seus atores pelo tipo de voz ou preferências do diretor radioteatral, perde sua razão de ser. Por isso é tão difícil recuperar os tipos nos quais eles se especializaram, visto praticamente inexistirem registros sobre este aspecto da produção radiofônica (118).

Para que o leitor possa visualizar: O tipo de voz de Ilka Ferreira torna difícil, mas não impossível, sua escalação como heroína nas novelas. Entretanto, cabe a ela os papéis femininos próximos à heroína como irmã, amiga ou meio-rival. Entretanto, pela abordagem de Radiolar, Ilka é a esposa, dona-de-casa, recebendo o mesmo tratamento dado à todas as atrizes casadas.

118. Alguns dados levantados: Alfredo Todaro, Leonor Navarro, Mary Caldeira e Sandra Lia faziam geralmente os personagens mais maduros (as mães, os pais, as tias), considerados como de centro-dramático. Nesta designação cabiam os caricatos como Sandra Lia que, por exemplo, sempre fazia papel de italiana espalhatafosa. Já citei algumas atrizes que faziam heroínas e os galãs principais eram: Odair Marzano, Nélio Pinheiro, Waldemar Ciglione e Mauricio de Oliveira.

Num recanto poético, primitivamente simples, brilha na atitude de Odayr e Stella tôda a poesia do amôr que os une.

2 A gente pode sonhar também de olhos abertos, quando o amôr nos acompanha. É o que parecem dizer os olhos do casal feliz.

3 Uma árvore frondosa, de ramaria muito verde, é o trono idílico onde Odayr e Stella descansam, felizes, confiantes.

4 Samambaias, símbolo da felicidade, emolduram esta pose sonhadora de dois seres que o amôr tornou felizes.

5 Corações pulsando unidos, mãos e vidas entrelaçadas. Assim é a vida de Odayr ao lado de Stella.

6 Nos filmes, o namorado sustenta nos braços a namorada. Na vida real, Odayr Marzano, sustenta nos braços, Stella, a espôsa bem amada.

7 Um regato, correndo entre pedras lisas. Odayr e Stella olham para a distância. Pensam no futuro pleno de felicidade.

As CASAS PERNAMBUCANAS oferecem sempre qualidade insuperável, preços baixos, côres firmes e seriedade absoluta. Agóra, o maiór, o mais variádo e o mais bonito estóque de Flanelas e Cobertores do Brasil! CASAS PERNAMBUCANAS, onde todos compram.

Fotos da viagem de núpcias do astro Odayr Marzano,
fonte: PANTOLAP

2.3.1. "OS LARES DA EMISSORA DO LAR"

O setor de divulgação da "emissora do lar" cria papéis exemplares ao enfocar a vida particular de seus contratados, enquadrando-os, no caso das mulheres, aos personagens: a jovem moça, a noiva, a esposa e a mãe e dos homens: o bom partido, o marido dedicado e o pai extremoso.

É claro, a discussão aqui versa sobre a produção de perfis femininos e masculinos e não para criar dúvidas sobre o desempenho de seus atores como mães, pais, enfim o que foram, de verdade, em suas vidas particulares.

O retoque da vida real dos radialistas aproxima-os do ouvinte, e é isto o que nos interessa. Quer dizer, o "elemento humano" da emissora, construído da maneira que acabei de apontar, media os planos da ficção (a audição das estórias) com a realidade (vida do ouvinte). Este é mais um meio de manter intenso o contato entre ambos, pois a familiarização entre eles é como uma forma inédita de amizade.

O didatismo da novela mostra numa repetição infinita de tipos e situações, como o amor entre a heroína e o galã só é concretizado, depois de tantas lutas, quando suas almas se unem e prometem-se eterna felicidade. Por isso *"nas novelas de rádio, é justo e natural que no dia do casamento, a História termine. Nas novelas bonitas da vida real, o dia do casamento marca segunda época da História de nossa vida"*[119]. Então é na cotidianidade, no dia-a-dia das atrizes e atores como noivas, mães, esposas que reside a exemplificação humana. Os produtores do Rádio utilizam o artista como um canal transmissor de uma certa pedagogia do ser. Embora a popularidade diferencie o artista do ouvinte, é justamente por ser uma figura pública que sua vida, seus exemplos, interessam a todos. A fama, esclarece Radiolar, não é, em si, motivo de afastamento, de endeusamento por parte do

---

[119]. "A vida escreve uma novela de amor-Lua de mel de Odair Marzano", RD-6, p. 25.

radioator. O fato da atividade artística lhe conferir glória não muda seu papel na sociedade, onde o artista deve desempenhar, na vida real, um papel como homem ou mulher comuns. *"Um artista de Rádio, mesmo depois de atingir os pináculos da glória, continua sendo humano como qualquer outro mortal... Há idéias erradas a esse respeito. Muita gente julga que o "consagrado" permanece inativo, dormindo sob os louros da vitória. Mas não é verdade. Exemplo vivo encontramos em Maria Aparecida Alves. A linda estrelinha da PRA-5, dentro do lar é uma verdadeira dona de casa, prestimosa e ativa"* (120).

Para completar a plausibilidade do lado humano do artista, nos termos acima referidos, é importante lembrar que a remuneração no radioteatro impediria uma vida glamourosa, como a de poucos artistas do Rádio e Cinema nacionais. Eles moravam nos mesmos bairros do seu fã, por assim dizer. Esse fato não era omitido; ao contrário, nas reportagens no lar, mostravam as casas onde eles viviam e registravam ali o endereço. Algumas residências mais humildes que outras, a todas porém o mesmo tratamento: a ordem ali reinante, sua limpeza e comodidade.

À dona de casa compete administrar o lar de modo que os horários das refeições sejam respeitados e o marido nunca se atrase para o trabalho. Dificilmente têm-se a impressão, folheando a "revista do lar", que as atrizes executam o trabalho pesado como lavar, passar e encerar. Elas são clicadas principalmente na cozinha, executando um bom prato e atiçando com ele, o apetite dos filhos e do marido. As únicas a esfregar e lavar o chão e as roupas são as lavadeiras, como nas propagandas do sabão Tesouro... o sabão que vale ouro! Uma negra, descalça, com avental e lenço amarrado na cabeça, desenhada ali na revista, trabalhando e cantando feliz a marchinha: *"no chão, nas panelas/ na mão das lavadeiras / Sabão Tesouro / não tem rival!"*.

---

120. "O reverso da medalha: Maria Aparecida Alves no lar...", RD-23, 1952, p. 17.

Que trio maravilhoso...

Acrobacias...

É hora da mamadeira

Mas isso não para aí. O "brotinho" ainda tem outras raízes mais profundas. Os bisavós vivos e saudáveis. O major Francisco Carvalho dos Santos e a bisavó Almerinda Valente de Carvalho dos Santos.

Tudo no novo rebento inspira amor e ternura. Atualmente é o senhor absoluto do lar. Manda e desmanda. Não é manhoso e dorme regularmente, como poucas creanças sabem fazer. Tambem não é nenhum tirano... e so chora quando está muito embrulhado em roupas... ou quando tem fome, o que nunca acontece.

Durante todo tempo que a reportagem-visita demorou, ele nos olhava quasi maliciosamente. Parece que estava lendo nos olhos de todos os presentes a admiração e o respeito e a inevitavl frase que tinhamos vontade de dizer: — Acho-te uma graça...

A reportagem da revista apresenta o primogênito do casal Cecy/ Roberto de Carvalho, em Radiolar.

Enlace da atriz Cecy de Alencar com Roberto de Carvalho, a-

NO CIVIL

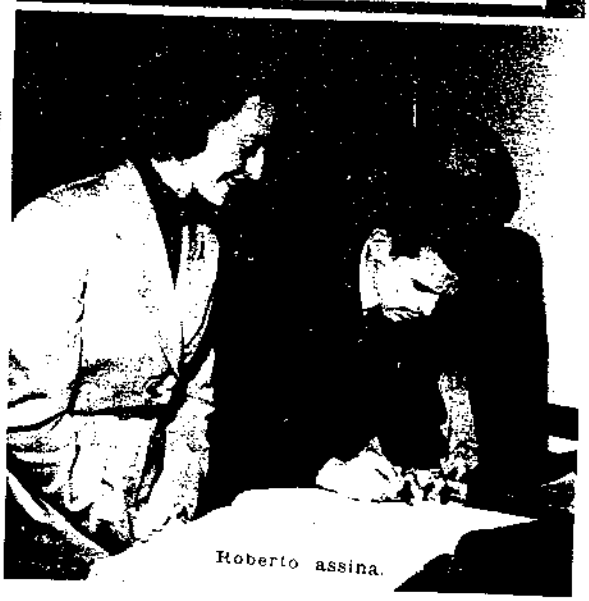
Roberto e o pai da noiva

Agostinho A. Leitão e Senhora foram os padrinhos no Civil. José Sobral veio trazer seu abraço amigo.

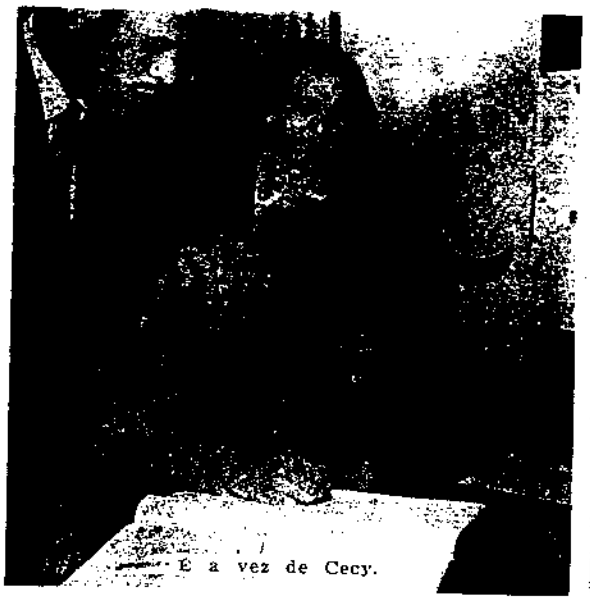
Cecy, ainda solteira, conversa com Ilka Ferreira.

Cerimonia no registro Civil. Nas mãos de Roberto a "Certidão de Casamento".

Ambos ouvem a leitura do editorial.



Roberto assina.



É a vez de Cecy.

Casados legalmente deixam o cartorio.

Um brinde do enlace.

Os amigos comemoram.

concretisação de
nto em que
melh
iva
Rua

Quando a noiva caminha para o altar, deve representar ao eleito de seu coração, a concretisação de todos os sonhos. E para isso, deve vestir-se com arte e capricho, para que ao momento em que Deus os abençõe, ele tenha a impressão de estar desposando um verdadeiro anjo. Nada melhor que um lindo vestido de noiva, para dar mais encanto ao momento sonhado por todas as noivas. E os tecidos da CASA COLORADO são os melhores para confeccionar lindos vestidos de noiva. Rua Direita, 263.

abençõe
findo vesti
da CASA

As comemoraçoes informais do enlace de Cecy/Roberto de Carvalho.
fonte: RADIOLAR

Em frente a igreja, a multidão aplaude.

Roberto espera Cecy, entre Toledo Passos e Senhora, e Evaristo e D. Emilia, seus pais.

Entre os convidados, Alfredo de Carvalho e Senhora.

Lenita Helena e Mauricio de Oliveira aparecem entre os convidados.

Surge o cortejo. A noiva e seu padrinho.

Roberto conduz Cecy ao altar.

Sequencias da cerimônia no religioso.
fonte: RADIOLAR

Ajoelhado ante o padre.

O primeiro beijo na esposa.

Ao sair da igreja, Cecy acena a multidão.

No interior do carro

Cecy entre damas de honra

O pequeno casal foi nota de destaque no cortejo nupcial.

O casal posa para fotos que ilustr

São Paulo, 5 de Janeiro de 1952.

Ao atencioso fã.

Esta carta é especialmente dirigida a você, que graciosamente nos homenageou comparecendo à cerimônia do nosso enlace matrimonial, fazendo dêsse gesto de grande significação, uma dessas atitudes que não podem ser esquecidas jamais.

Eu e Lenita ficamos comovidos e satisfeitos vendo que a cerimônia do nosso casamento, havia se transformado num acontecimento realmente festivo e alegre, concorrido por milhares de fãs atenciosos.

Agora voltamos dennossa viagem de lua-de-mel. Apenas a viagem terminou. A lua-de-mel prossegue dentro do meu lar... e só agora compreendo o significado de uma frase que li tantas vezes: " O mundo não vale o meu lar! "

Nosso modesto ninho de amor foi primorosamente arrumado por Lenita, a mais adorável das esposas. Em cada pequeno objeto, nota-se o toque gracioso de suas mãos de fada. E é êste lar que quer o colocar à disposição dos fãs e amigos. Em nosso ninho de amor há lugar para a amizade. E acreditamos que no seu carinhoso gesto, vindo abrilhantar nosso casamento, houve sincera amizade.

Obrigado, amável fã...

Mauricio e Lenita

O barometro marca sempre bom tempo para os dois...

Tudo deve brilhar... os objetos... e os olhos de Lenita.

Hora da limpeza... e Mauricio da um geito no escovão...

Uma linda estátua para enfeitar um ninho de amor...

Agradecimento dos astros aos fãs que prestigiaram o enlace.

A dona de casa preparada deve cultivar o espírito com leituras, poesia e música: *"Nara Navarro, no recesso de seu lar: entre as plantas do jardim e ao piano, na execução de uma de suas músicas prediletas"* (121). Por isso, também aparecem no jardim e na sala de estar, ao piano, lendo ou bordando. Os trabalhos manuais fazem parte do aprendizado. Preparar o enxoval personalizado revela seus atributos de futura esposa: zêlo, capricho, paciência e dedicação. Lia de Aguiar *"gosta de... bordar, de fazer tricô, de cozinhar, de lêr, de noivar e... de sonhar"* (122).

As utilidades domésticas tem figuração garantida ao lado dos artistas porque mostram a comodidade daquele lar. Fotos de atrizes abrindo sua geladeira ou preparando uma receita com a batedeira são comuns porque *"Em casa tudo deve brilhar... os objetos... e os olhos de Lenita"* (123).

Os "hobbies" da esposa estão sempre ligados ao seu papel como dona-de-casa: arrumar os enfeites, preparar pratos gostosos, dedilhar melodias ao piano. *"Seus bibelôs, num móvel artístico a um canto... E a limpeza semanal..."* (124). *"É emérita cosinheira, sendo perita na preparação de uma deliciosa pizza"* (125). A mulher que cozinha bem revela-se à observação de amigos, pela satisfação do marido... ou de seu peso. *"Seu marido, se é magro, é por natureza, porque tendo em casa uma esposa tão notável na confecção de pratos, deveria ser o mais gordo dos homens"* (126).

No caso dos corações solitários, "brotinhos" à espera de um amor, funcionavam as mesmas prerrogativas. Mostrar ao provável pretendente os dótes da solteira. Descrevendo sua figura: *"Maria Tereza é alta, loira, de olhos negros e brilhantes. Um tipo assim meio "vamp", meio ingênua, fazendo lembrar a Marylin*

---

121. "Nara Navarro-Duas vezes artista: na imaginação e nas interpretações", RD-6, p. 5.
122. "Lia Borges de Aguiar sonhou ser artista", RD-7, p.4.
123. "Convite aos amigos", RD-23, p. 19
124. "Dulce Santucci-A última descoberta da Rádio São Paulo", RD-7, p. 25.
125. "As estrelas também cosinham-Nara Navarro acha tempo para tudo...!", RD-43, p. 28.
126. idem.

Monroe, melhorada, naturalmente" (127) e principalmente, registrando seus planos futuros: *"Não sou comprometida, mas pretendo me casar. Tenhos os sonhos normais de toda moça de minha idade. Sonho com um lar, com filhos e um bom marido naturalmente. Se Deus quiser um dia eu encontrarei o homem dos meus sonhos"* (128).

Como as casadas, também mostram seus dotes de dona-de-casa, pois eles são o resultado da educação feminina, uma longa tarefa sob os cuidados das mamães. No fundo, um círculo que se fecha completando uma missão: a boa mãe prendada que educa bem a filha para assumir as tarefas de dona-de-casa (esposa e mãe).

Nesta preparação o estudo é importante porque ajuda a lapidar a alma feminina; o apuro de sua sensibilidade, como quando lêem livros ou ouvem e aprendem música, desviando seu pensamento de *"Namorado? Bem... sempre estive muito ocupada com os estudos, com o meu piano e com a arte. Tenho o meu tempo todo, dividido entre o lar, a escola e o rádio, e não me sobra tempo para namorar. Não prescindo da companhia de meus pais, às refeições. Almoço às 11 e janto às 19 horas. E confesso que o meu prato predileto é maionese de camarão"* (129).

Aos olhos do pretendente, a moça "ganha pontos" quando demonstra indícios de sua apurada alma feminina. No ambiente de trabalho *"milhares de vezes Roberto de Carvalho passou ao lado daquela retraída heroína de novelas que matava seu tempo fazendo bordados ou então lendo (...) ele a via no jardim da*

---

127. "Maria Tereza...é uma revelação estonteante!, RD-31, p. 30. A foto da moça sentada no colo de seu pai e irmão, numa "cadeirinha de braços", deixa dúvidas sobre a ironia maldosa ou simples brincadeira do redator.
128. idem, p. 31.
129. "Sonhei com uma escolinha no interior-Myrthis Grisoly", RD-7, p. 39.

Rádio, admirando a simplicidade colorida das flores, ou então dispensando atenções às crianças" (130).

Sua feminilidade é avaliada pelo seu porte e seu caráter de moça recatada e "trabalhadeira". O leitor pode sentir curiosidade em saber como se desenham perfis tão domésticos para moças que trabalham fora, na emissora. A versão para o fato é de que em nenhum momento as duas atividades se chocam, porque tanto a dona-de-casa quanto a atriz devem desempenhar com esmero ambas as tarefas, sem prejuizo para nenhuma delas. As casadas dão o exemplo: *"- A Rádio toma-lhe todo o tempo?/ - Não, sempre sobram-me algumas horas para o lar. / Hoje, por exemplo, sexta-feira, saí de casa às onze horas porque tinha ensaio às 12 e meia"* (131).

"Nara acha tempo para tudo. Para escrever suas novelas, para interpretar seus capítulos ao microfone da PRA-5 e para cosinhar para o seu esposo Benito de Nardo" (132).

A atividade artística harmoniza-se com os papéis que devem assumir em casa e na emissora. Este conceito é igualmente verdadeiro no que se refere aos homens. O sustento de sua família se dá graças a sua vocação, pois no desempenho das funções, utiliza seus dotes artísticos. Embora a mulher não tenha o dever de sustentar a casa, é no trabalho de Rádio, quase sacerdócio, que ela aprimora sua emoção criando papéis femininos inesquecíveis, exemplos de bondade e dedicação.

O bom partido revela-se principalmente no seu desempenho profissional, como homem trabalhador (133). Depois que os radialistas realizavam-se na

130. "O casamento de Cecy de Alencar-a querida heroina da R.S.F.", RD-15, p. 2.
131. "Ilka Ferreira-24 horas na vida de uma estrela", RD-9, p. 16.
132. "As estrelas também cosinham-Nara Navarro acha tempo para tudo...!", RD-43, p. 28.

profissão, aflorava, segundo a versão da revista, a necessidade de realizarem-se no amor, como no caso de Agostinho Aguiar Leitão *"moço, entusiasta e cheio de valor, que alcançou o ponto culminante de sua carreira como novelista(...) Após a estabilização deste aspecto tão necessário a um profissional, resolveu construir o seu lar. E o seu coração escolheu Ilka Ferreira, a estrelinha da PRA-5, para contracenar na longa novela da vida"* (134) ou de Odair Marzano que *"tornou-se um dos mais aplaudidos e capacitados galãs (...) Mas, ainda faltava alguma coisa na vida real, encontrar um amor de verdade, um amor que ele pudesse viver além do microfone. E a partir desse dia, inicia-se outro capítulo na vida de Odair (...) em que o moço artista procura encontrar um caminho de sua existência, a estrela tutelar do amor"* (135).

Unido em matrimônio com a "estrela tutelar" de sua vida, o marido aguarda o momento de glória que é ser pai, expresso pelo poema de um pai/galã de Rádio: *"(...) Olhei em torno, e mudo de surpresa, / senti que mãos amigas me afagavam! / E havia em tais afagos tal pureza... / que minhas dores todas se aplacavam! / Era afinal... a vida me acenando / ao fim de clara e luminosa trilha! / Era o sorriso teu, simbolisando / a GLÓRIA, refletida em NOSSA FILHA."* (136)

A glória de ser pai é experimentada também por Odair Marzano, que cintilava no cast da PRA-5. *"Ele viu aumentado o êlenco de sua vida, (...) quando a cegonha, esvoaçando sob os céus de São Paulo, depositou dentro de seu lar a graciosa Vera*

---

133. É interessante que nas novelas os bons partidos tem sempre profissões liberais como advogados, engenheiros e médicos, com o "status" portanto de serem seus próprios patrões.
134. "Lua de mel", RD-3, p. 6.
135. "A vida escreve uma novela de amor", RD-6, p.p. 24, 25.
136. "A verdadeira glória -aos meus dois grandes amores: Nicea e Sonia Regina", poema de Waldir de Oliveira publicado em RD-13, p. 6.

Lucia (...) Esse foi o ponto culminante da carreira artística dele... Galã, esposo... e agora pai" (137).

O bom pai é, como o radiator Geraldo Cunha, aquele que *"sabe viver exclusivamente para a esposa dedicada e para suas duas filhas. Ele pode não ter grandes depósitos no banco. Mas em casa tem dois tesouros de inestimável valor: Eneida e Deborah"* (138). Ele auxiliará a mãe dos seus filhos na educação e a esmerar na aparência dos filhos. *"As primeiras letras são sempre ensinadas pelo próprio pai"* (139) *"O bom pai sabe sempre como pentear os cabelos da filha"* (140). *"É preciso ajudar a calçar os sapatos de minha filha..."* (141) *"Pai paciente e amoroso, Ciglione ensina coisas úteis aos filhos. Ei-lo mostrando como se rega um jardim"* (142).

O fruto de seu trabalho no Rádio traz conforto para sua família. Um dos símbolos de comodidade e prosperide numa casa é ter um carro à porta, servindo-os. O homem, dono do automóvel, é fotografado ao volante: *"Eu moro na Casa Verde. Antigamente eu achava um pouco longe. Mas agora, graças a Deus e ao Rádio, tenho um automóvel que me ajuda muito"* (143).

Deus presente no lar é recorrentemente lembrado. O médico e radialista Marino Netto é fotografado com a filha nos braços - na parede da sala uma enorme

---

137. "Odair Marzano é pai-nasceu Vera Lucia", RD-10, p. 22.
138. "Um radialista completo no trabalho...Um pai extremoso no lar...", RD-35, abril 1953, p. 29.
139. "Vocês conhecem o famoso Urbano Reis?... na vida real, apenas Braz Sposito", RD-35, p. 5.
140. "Um radialista completo no trabalho...Um pai extremoso no lar", RD-35, abril 1953, p. 29.
141. "Antonio de Freitas-O artista que todos admiram!...O homem que pouca gente conhece...", RD-19, p. 13.
142. "Waldemar Ciglioni-A vida fora do Rádio", RD-26, abril 1952, p. 30.
143. "Vocês conhecem Urbano Reis? ... na vida real, apenas Braz Sposito", RD-35, p. 5.

pintura de santo e ao lado, seu retrato pequeno de formatura. A legenda da fotografia diz: "O santo, o médico e o pai! Trilogia da Vida!" (144).

A profissão de Marino Netto e de outros poucos "doutores do Rádio", advogados principalmente, é noticiada com orgulho. Seu exemplo, como homem de cultura, deve ser seguido: *Marino "lê uns dez jornais por dia e revistas nacionais e estrangeiras. Lê ainda ficção e ciência. Por isso que é doutor dos bons. Tem folego de cultura. O mal de nossa terra é que pouca gente lê. Tomem-no como exemplo, fãs queridas"* (145).

Já dos rapazes solteiros, ainda estudantes, comenta-se que serão futuros contadores, técnicos de Rádio ou terão algum outro diploma de escola técnica. De todos eles porém, é destacado o esforço, que não mede sacrifícios para "subir na vida". Vitor Lopes é um *"modesto rapaz que subiu... e mesmo lá em cima não deixou de ser modesto. É amigo de todos, sempre afável, bondoso e esforçado"* (146).

Assim, sem estrelismos, os rapazes solteiros estão ao alcance do contato com as fãs, e a revelação de suas preferências gastronômicas poderá ser uma sugestão às moças que procuram um amor. Através delas, podem preparar o prato e levá-lo à emissora, ou até imaginarem-se como anfitriãs de um almoço ou jantar. Eduardo Cury é *"torcedor do São Paulo Futebol Clube. Aprecia muito a leitura, principalmente livros que versem sobre viagens e gosta, ainda, de macarronada e quibi. Tem 1,76 de altura, pesa 76 quilos e possui olhos azuis e cabelos castanhos.*

144. "Marino Netto na intimidade", RD-1, p. 11.
145. Idem, p. 12.
146. "Vitor Lopes- intérprete e contra-regra da Rádio São Paulo", RD-18, p. 26.

Responde às cartas das fãs e costuma enviar fotografias. (...) É solteiro, mas não inimigo do casamento" (147).

A qualidade de filho responsável e esforçado qualifica-o como "bom partido", daquele que será bom marido e pai. Carlos Henrique, locutor, radioator e cantor *"(...) gostaria de vencer completamente na sua carreira e ter um bom ordenado, para não deixar faltar nada em seu lar. Nunca dorme de dia e o seu prato predileto é o cús-cús que seu pai sabe fazer como ninguém." (...) E aí o suspense sobre seus afetos... "E por falar em casamento, dizem que o Carlos Henrique não ficará muito tempo solteiro. Maldade ou sabedoria? Digam-no os que o conhecem..."* (148).

De qualquer maneira, para todos os papéis descritos há pouco, assumidos na vida real pelos astros e estrelas, é sempre a carreira artística que interliga sua vida privada à pública, ou seja, o sucesso no Rádio que lhe confere popularidade.

Para manter sua fama, o astro necessita dialogar incessantemente com o ouvinte, porque é a aprovação deste ao seu desempenho que alimenta a relação. *"As fãs são o motivo porque todos os artistas procuram triunfar, encontrar o caminho da glória. Não havendo fãs, não haverá glória. Não havendo glória, não haverá artistas procurando triunfar, encontrar o caminho"* (149).

Com certeza, o ouvinte deixava bem claro suas preferências, enviando cartas para a emissora. Podia-se medir a popularidade do radialista pelo número de cartas enviadas pelos fãs. *Há épocas em que recebo mais de mil cartas, outras... em que não chego a receber cem. Isso depende, sempre, da repercussão das*

147. "Eduardo Cury-um astro que todos admiram", RD-6, p. 7.
148. "Carlos Henrique-PRA-5", RD-7, p. 41.
149. "Sonhei com uma escolinha no interior - Myrthis Grisoly", RD-7, p. 39.

audições em que tomo parte" (150). O grande número de correspondência para a emissora do lar impressionou os contemporâneos, e criou até fatos inusitados como atender à requisição do correio: um carro especial para retirar suas cartas. Segundo o depoimento de seu diretor comercial Ciglione eram perto de cem mil cartas (151). Em 1956 estimava-se que a correspondência da PRA-5 era *"de 15 a 20 mil cartas, mensalmente e que elas animam seus responsáveis a melhorar sempre suas programações"* (152). Ou seja, pelo sistema de cartas, "a voz do povo" podia ser plenamente satisfeita.

Os homens de rádio apelam ao ouvinte: *"quando gostar de determinada voz ou interpretação, de um simples número ou de todo um programa, cumpra um dever de gratidão: escreva duas linhas de estímulo a quem as merece de direito".* Escreva- nos, mesmo que *"tenha restrições a fazer, desde que sejam justas, observe-as ao artista, ao redator, ao patrocinador ou à estação em falta, certo de que estará, assim, rádio-ouvinte, prestando um bom serviço ao destinatário e a si próprio"* (153).

Percebe-se ai a dinamicidade do envolvimento entre ouvintes/radialistas. Enquanto o ouvinte participa do "mundo do Rádio" opinando sobre suas produções, ele estimula os patrocinadores a melhorarem os programas ou inová-los. Com isso, quem ganha é *"sem dúvida o ouvinte, que obtem por conseguinte audições bem mais cuidadas, em maior número"* (154).

150. "Cresça e apareça-A felicidade é feita de simplicidade e pequeninos nadas", RD-6, p. 38.
151. "O Rádio paulista no centenário de Roquette Pinto", Centro Cultural São Paulo, p. 37.
152. RP&N, TV Rádio, 20.01.56, p. 45.
153. "As suas cartas, ouvinte"- RP, Rádio 9, p. 11.
154. idem, p. 10.

CAPÍTULO III -

"AMOR E FELICIDADE COMO SINÔNIMOS NAS NOVELAS DE RÁDIO E NA VIDA

3.1. CONSELHOS DO ARTISTA AMIGO

"E que diz do amor? - é a pergunta indiscreta que acode ao repórter.
- Sim, sinto-me feliz no casamento - declara Dulce Santucci, com ar grave - o casamento é o alicerce de cada vida, e o amor é a razão da própria existência. Alguém já disse, algures, que só o amor constrói para a eternidade" (155).

Entrevista de Dulce Santucci - escritora

"Crê que ninguém poderá viver sem amor e que todo homem deve se casar. Por isso mesmo, talvez, não tenha querido ser padre. Sempre o cercou, na vida, o amor e o carinho, e julga que só esses sentimentos podem tornar o mundo melhor e construir algo de estável, no futuro, futuro que encara sorridente e confiante" (156).

Entrevista de Carlos Henrique-
locutor, galã e cantor

"E por fim, sua opinião sobre o casamento:
" É a melhor coisa do mundo, quando existe amor. Faltando o amor, o casamento deve ser um cárcere bastante amargo" (157).

Entrevista de Cecy de Alencar - atriz

---

155. "A última descoberta da Rádio São Paulo", RD-7, p.43.
156. "Ele queria ser padre... e acabou sendo locutor, galã e cantor", RD-7, p. 41.
157. "Recordações - Cecy de Alencar", RD-7, p. 38.

"(...) Acredita no amor e no casamento, Myrthis?
Um riso e a resposta pronta:
- "Sim, creio no amor. O amor verdadeiro é sempre uma cadeia de rosas, simbolizando a pureza, que aprisiona dois seres dentro de um castelo de felicidade para cumprirem as finalidades divinas que descem do paraíso no esplendor da própria natureza. Quando não é verdadeiro... não é amor. O casamento foi Deus quem o instituiu. Deve existir, portanto, dentro dos princípios de sublime respeito, mútua compreensão e, sobretudo, de amor" (158).

Entrevista de Myrthis Grisoly - atriz

158. "Sonhei com uma escolinha no interior...", RD-7, 40.

Os personagens de novelas da Rádio São Paulo viveram para confirmar as lições sobre felicidade associada ao amor conjugal. Esta idéia combina diretamente com as opiniões dos astros e estrelas da emissora em Radiolar, como nos mostram seus depoimentos. Assim, num único exemplar da revista, o fã instruia-se pela opinião consensual dos famosos da emissora: o casamento era a concretização material do amor, era a via de acesso à felicidade.

Sabemos que o tema, repetido à exaustão não só nas novelas, mas nos filmes para chorar (latino-americanos) e em certos gêneros musicais como os boleros tinha muita repercussão social. É claro que cada meio de comunicação usou de seus recursos, sua linguagem própria para fazê-lo.

A novela, poderosa em sua arte de sugestão, utilizou Radiolar para imprimir ênfase às mensagens que nos capítulos diluiam-se entre outras motivações das tramas, como por exemplo, conhecer as circunstâncias em que a mocinha encontraria paz no amor pelo galã. A revista, abordando a vida pessoal de seu "cast" de maneira exemplar, deu forma e força às lições moralizadoras veiculadas nas novelas, como já vimos anteriormente.

A maior finalidade dos programas de rádio era a distração, e a novela não era nenhuma excessão. Pelo contrário, ela distraía sem disperdiçar o momento de produzir exemplos sadios a serem compreendidos e repetidos pelos ouvintes.

Indiscutivelmente, num momento de mudanças de valores e comportamento, a novela simplesmente reproduziu as discussões e inquietações da São Paulo urbana. A vida moderna na capital paulista, afetava as relações sociais e, em particular, o papel do homem e da mulher na sociedade industrial. Então, não sem motivos, instituições chave como a família, o casamento, a educação, mobilizam a atenção da sociedade e são polemizadas.

A família patriarcal sofre críticas em alguns de seus fundamentos. Prioriza-se o amor como fator indispensável à concretização da felicidade matrimonial. Nesse sentido, são condenados os "casamentos de outrora", impostos por interesses de família.

Nos anos 40 e 50 existem movimentos da produção cultural nacional veiculando noções que afirmam a importância da responsabilidade na escolha do par amoroso. O noivado aparece então como preparação essencial para o sucesso do matrimônio.

Se o funcionamento do casamento está em discussão, os maiores ataques atingem este ponto: a separação de casais decorre da falta de preparo do homem e da mulher para desempenhar seus papéis. Afinal, qual eram eles e como as novelas de rádio contribuiram na propagação de mensagens direcionadas a atingí-los?

Haydée Ciglione escolheu o tema "separação de casais" para inaugurar seu "bate papo" com as ouvintes. *"Os maridos afirmam que a culpa pertence às esposas e estas procuram demonstrar que os culpados são os maridos. Pergunta-se aí: com quem está a razão? E nós responderemos: com ambos e ao mesmo tempo, com nenhum. Pode parecer uma resposta paradoxal, mas é certa desde que analisemos o problema desde a sua essência, desde os seus primórdios, que nesse caso é o noivado"* (159).

Investida da autoridade de conselheira, a cronista desenvolve a temática proposta, revelando os revezes por que passa a relação homem/mulher. A essência do problema está no noivado que, *"apesar da excessiva liberdade que os noivos atuais gozam; nunca chegam a se conhecer o suficiente para concretizarem um casamento feliz"* (160).

Nestas justificativas existe uma alusão ao noivado dos velhos tempos, sem liberdades no namoro, mas que obrigava o par a uma reflexão mais definida sobre a escolha do cônjuge. As conselheiras da revista saem em defesa do casamento por amor,

159. "O problema do casamento", sessão "Recanto Feminino", RD 6, p. 14.
160. idem.

desinvestido de interesses mesquinhos que não objetivam exclusivamente à constituição de um lar feliz. Nesse sentido, as estórias dos personagens narradas nas novelas se confundem com as inquietações dos ouvintes sobre problemas sociais, como o da "separação de casais".

Como veremos a seguir, as soluções aconselhadas para os ouvintes de "carne e osso" são as mesmas encaixadas aos enredos das novelas de rádio. O assunto recorrente, envolve o amor como temática primordial. O relacionamento amoroso é o substrato preenchendo os enredos construídos para conversar com o amigo ouvinte; entretendo-o com estórias humanas e soluções pertinentes às situações propostas.

3.2. REALIDADE: CASAMENTO NA CULTURA DE RÁDIO

Neste item, procurarei cruzar os ensinamentos veiculados nas novelas com a abordagem da revista Radiolar, em face à um problema bastante discutido com o ouvinte. Trata-se da questão acerca dos papéis feminino e masculino na consolidação do casamento.

Para a exemplificação, escolhí a novela "E os Velhos tempos voltaram", radiofonizada pelo "cast" da emissora e publicada em livro, em 1947. O fato de Nara Navarro ter se tornado conselheira na revista foi um dos critérios pelos quais a escolha recaiu sobre esta novela ([161]).

Seu enredo: Ana Maria e David foram criados juntos, como irmãos. Dona Luiza, mãe de David, viúva há muito tempo, amparou a mãe de Ana Maria, Dona Rosália, quando esta chegou do interior, solteira e sem ninguém. Ambas juntaram suas forças para educarem seus filhos, dentro dos bons princípios. Dona Luíza ajuda na educação de Ana Maria, já que sua mãe é uma humilde costureira. O esforço das mães não é vão.

Dona Luiza chega no "inverno de sua vida" satisfeita com a posição social dos filhos, David e Rafael. David é escritor famoso e Rafael é padre numa pequena comunidade interiorana. Por sua vez, Dona Rosália orgulha-se da filha, moça preparada para a vida, inteligente, culta, sensível, caridosa e equilibrada. Apaixonada por David desde a infância, o relacionamento entre ambos se constrõe em bases firmes: a amizade e dedicação no trabalho (a moça trabalha como sua secretária).

Nas palavras da autora, a estória é dedicada *"mais especialmente à mulher, cujo coração é e será sempre um relicário de bondade, ternura, compreensão e*

---

[161]. Novela de Nara Navarro, irradiada em 1947 na Rádio São Paulo, também publicada pela Papelaria Américo Maffia (Rua dos Gusmões, 126), São Paulo, 322 páginas.

amor (...) "Você, gentil leitora se é noiva, esposa ou mãe principalmente, não o deixará de compreender e apreciá-lo porque(...) é, na realidade, a história de uma mulher (Ana Maria) que viveu toda uma vida de sacrifícios e renúncias pelo homem a quem amou verdadeiramente (David Verney). E também a história de uma família, com todas as suas lutas, com todas as suas alegrias (...) é um romance cheio de humanidade e inspirado na própria realidade da vida" (162).

A estória de Ana Maria será aqui dividida em três momentos:

a) sonhos de moça- fase anterior ao casamento de David com Suzana Mendes,

b) maturidade - sua firmeza de caráter e princípios- vai desde o casamento de David, passando pelo nascimento de seus filhos, Clara e Antonio Luiz (Suzana morre no parto). Nesta fase, David descobre seu amor por Ana Maria, a mulher ideal que sempre esteve a seu lado. A moça resiste bravamente às suas declarações, nunca esquecendo-se que o amado é um homem casado. Finalmente;

c) a esposa - David viúvo e desorientado, sendo destruído pela paixão sensual por Alina Speranto. É este homem que Ana Maria desposará e com muita perseverança o reconduzirá ao papel de bom pai e marido.

Através desta divisão da história de Ana Maria, estudarei o conteúdo das mensagens que visam o ouvinte. A idéia de que "a mulher faz o homem" é difundida pela história desta personagem/mulher que vive na novela situações semelhantes à vida real. Com isso tenciono demonstrar a forma pela qual mensagens do plano ficcional, são transformadas em espaço de discussão de problemas sociais.

No caso desta novela fica um postulado sobre o papel da mulher na sociedade e os meios pelos quais ela alcança seu objetivo. Segundo esta versão, a natureza mais mental da mulher orienta e conduz o esposo pois, só por esta aliança

162. op. citada, "Prefácio", p. 7.

da esposa ao marido, a família pode estar segura. Mostra como, embora as resoluções importantes - o timão do barco - sejam da competência do marido, este só triunfará se estiver assistido por uma esposa competente, equilibrada e carinhosa.

Lição de vida frisada pela novela: é fundamental, portanto, a esposa não esquivar-se de seu papel, da dedicação ao lar acima de tudo, pois é principalmente e por esse empenho feminino que a família se conduz ao porto seguro.

OS PAIS

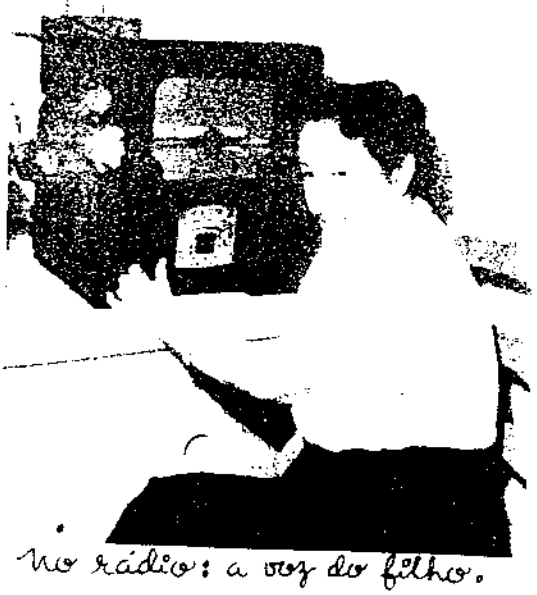
Dona Olília, mãe de Enio...

Coronel Francisco Rocha.

Mãe e filho.

Quando a bondade sorri...

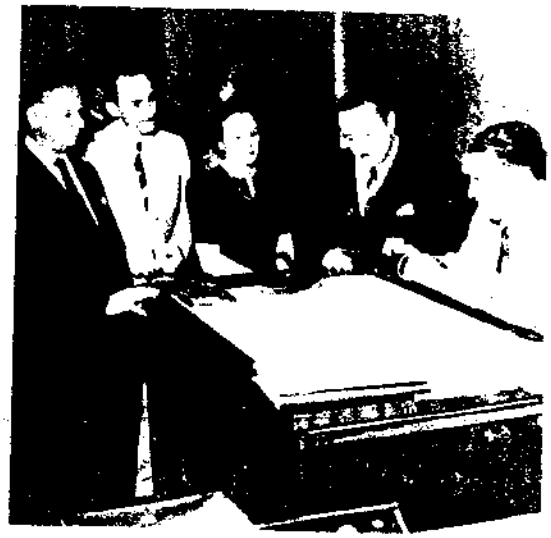
Mãe e filho...



No rádio: a voz do filho.

O artista é apresentado no lar, junto à sua família.
Fonte: RADIOLAR

Pai e filha...



O ato do compromisso.

leitura...

Duas famílias se unem...

Casados, perante a lei.

de minha formatura. É esta é uma de minhas maiores mágoas.

Era um homem que amava a terra em que nascera, amigo da pobreza, não distinguindo raças, côr ou camadas sociais, para êle todos eram iguais, porque sêres humanos. Homem ao comer, levantava-se as cinco horas da manhã para as fainas do dia. Foi prefeito de Itapira três vêzes, e seu primeiro prefeito democrático. Ao assumir a prefeitura de Itapira, pouco mais de um ano antes de sua morte, encontrou a Prefeitura instalada num prédio provisório, e cheia de dívidas. Deu-lhe instalações condignas, bem como à Câmara Municipal, pagou quase tôdas as dívidas da Municipalidade e deixou ainda perto de 500.000 cruzeiros, em caixa, ao falecer. Sua última ordem, no dia de sua morte, foi para que se calçasse a cidade. Itapira não tinha rêde de águas e esgôtos: o capitão Chico Rocha, como papai era

Sequencias do enlace de Ênio Rocha, o galã aventureiro.
Fonte: RADIOLAR

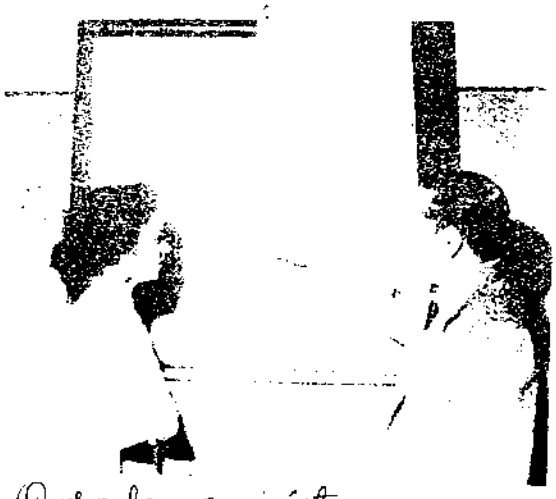
Dois sorrisos... e um sonho.

E o galã sorri...

Ciglioni assina seu nome.

O abraço de uma grande amizade

Dona Haydée assina.



O proclama é êste...

Caminhando para o altar...

Prelúdio...

Junto ao altar...

Um instante inesquecível...

"Conjugo vobis"

Finalmente ligados para sempre.

A cerimônia religiosa do casamento de Ênio Rocha.

Ele ... a noiva ... e as damas ...

Junto a mesa ...

O momento do adeus ...

Cortando o bolo ...

Um sorriso ... entre sorrisos.

E ... o beijo ...

Sequências da festa de casamento de Ênio Rocha.
Fonte: RADICLAR

3.2.1. ANA MARIA, A HEROÍNA DO LAR:
FASE A)

Ana Maria perde seu verdadeiro amor para Suzana Mendes porque David se precipita em sua escolha. Aturdido pelo impacto que a aparência e a condição social de Suzana lhe causaram ele comete seu maior erro: faz sua escolha seduzido apenas pela aparência física, pela exterioridade da moça. Portanto, é o caráter do amado que deve ser medido e não sua aparência, que geralmente é apresentada pelas novelas da emissora, como uma armadilha que produz cegueira e desvirtua o caminho da felicidade no amor.

A excessiva importância dada à aparência pelos homens irrita a radiotriz Cecy de Alencar, em uma crônica de 1955: *"assim o mundo vai por água abaixo". Alguns deles têm suas noivas, moças prendadas, simples e modestas, mas não dão importância. A quem eles valorizam mesmo são as rainhas (referência aos concursos de beleza). Seja do que for, o assunto nos escritórios, nas oficinas, nas escolas, é sempre a beleza do maiô, do biquini. E então, muito naturalmente aquela mocinha humilde que se curva para bordar seu enxoval, que frequenta aulas para aprender economia doméstica, perde diante da atitude de seu noivo a tradicional atitude que o lar exige da mulher. E têm razão, pois se ser prendada, educada, vale muito menos que um corpo espremido entre peças de maiô, é melhor vestir um também e tentar um título de rainha. É bem mais fácil ser rainha das batatas do que ir plantá-las! Os homens esquecem o livro da natureza, onde há lições de profunda sabedoria. A rainha das abelhas, é rainha e mesmo assim é trabalhadora e o que é mais importante: É mãe de toda colméia* (163).

Na "emissora do lar" as heroínas concebidas alí tem aparência de anjo devido à singeleza, à simplicidade de seus modos e aparência natural, sem retoques. Ao contrário delas opõem-se em seus caminhos as "mulheres

163. "Crônica", RD-48, janeiro 1955, p.14.

modernizadas", de poses e sorrisos bem estudados. Esta caricaturização existe também nos filmes feitos para chorar, onde valores da sociedade industrializada se chocam ao mundo rural (164). Neste universo simbólico, a mulher emancipada, americanizada, é loira, como Suzana, enquanto as singelas heroínas de coração e mente puros são morenas de "vasta cabeleira" e olhos verde-azulados, como os de Ana Maria.

Portanto, a beleza física pode ser uma armadilha que, cegando o olhar para os sentimentos, ou seja, para a alma feminina, causará muita dor e desilusão. David, com poucos meses de casado, e já preparado para ser pai, reflete: *"pela primeira vez em sua vida, dêsde que se casara, teve uma vontade louca de ser novamente um homem livre e independente. Se não fosse casado e estivesse naquela vida calma e tranquila de antigamente, ao lado de sua velha mãe, nada disso estaria se passando agora. Tôdas as mulheres ficavam mesmo, assim tão nervosas e incompreensíveis quando estavam para ser mães? Seria sempre assim, cada vez que fôsse para vir ao mundo um filho? Suzana estava horrível de se aturar ultimamente(...). Que vida, Nossa Senhora! E o pior de tudo era que êle continuava loucamente apaixonado por Suzana! Seria verdade o que lhe dissera Ana Maria, que assim que êsse filho nascesse, tudo se normalizaria? Ana Maria! Sem sentir êle começou a fazer comparaçõcs entre uma e outra.Como eram diferentes em tudo e por tudo. Suzana desde o primeiro dia em que o vira o tratara com desembaraço, maneiras expansivas, tôda vivacidade, risos e sem cerimônias. Falava muito, falava sempre, rindo muito, fumando mais ainda, americanizada, "modernizada" como se usava dizer atualmente. Ana Maria sem ser uma anti-social, era de pouco falar, a não ser quando se enveredava por um assunto qualquer que a interessasse. Então se entusiasmava e falava com desembaraço e*

164. Oroz, Silvia, "Melodrama -O cinema de lágrimas da América Latina", Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1992.

naturalidade, horas e horas. Do contrário era por natural reservada, sempre muito calma e controlada, pensando sempre antes de agir e ou falar o que quer que fôsse. Não fumava, não era espalhafatosa, nem ria facilmente como Suzana. Enfim, em Ana Maria tudo era adorável simplicidade, sensatez, compreensão e serenidade. A sua vóz sempre calma, doce e um tanto grave, era a vóz de mulher mais agradável que David conhecia desde pequenino. Mas, embóra sendo assim de natureza simples, modésta e calma, tinha personalidade e opinião. Sabia manter uma qualquer atitude que adotasse com altiva dignidade, sabia sustentar com firmeza e convicção as suas idéias. David suspirou tristonho, se em Suzana, existisse uma alma como a de Ana Maria, êle seria capaz de querê-la duas vezes mais. Mas... ninguém é perfeito neste mundo! Ôle a amava de qualquer maneira e muito breve ela iria lhe dar um filho e por tudo isso sentia-se inclinado a ser complacente, compreensivo e bondoso para com ela"(165).

A mensagem do livro é que as "Suzanas" ardentes, apaixonadas, ingenuamente ciumentas, mas donas de um grande coração não podem, em matéria de amor verdadeiro, equipararem-se às "Ana Maria" sublimes, corajosas e nobres. Ou seja, embora Suzana amasse David, ela não tinha os ingredientes capazes de prendê-lo junto aos interesses do lar, da família. Faltava-lhe principalmente firmeza na manifestação desse amor, enfim nada comparado à garra de Ana Maria que, após saber do noivado de David, segreda à mãe o que é o amor. *"- Amor? Amor deve ser o sentimento que me prendeu a David desde o primeiro instante em que o ví. Deve ser a alegria que sinto quando estou ao seu lado, quando ouço a sua voz, mesmo de longe, quando o vejo sorrir contente e feliz. Deve ser a emoção que sentí quando saiu o seu primeiro livro, a saudade que sinto cada vez mais forte dentro de mim, quando estou longe dêle. Amor?... amor*

165. op. citada, p.p. 30, 31.

deve ser este desêspero, êste aniquilamento que sinto dentro de mim desde a hora em que êle me comunicou o seu noivado... E Ana Maria terminou chorando outra vêz:- Oh! mamãe, ajude-me, aconselhe-me pelo amor de Deus. Eu não suporto a vida sem êle, sem a sua voz, sem a sua presença... Eu não quero sair de perto dêle... eu não quero...(...). Quando Ana Maria despertou no dia seguinte, não se sentia mais, nem desesperada, nem abatida. Sentia-se disposta a continuar a vida tôda ao lado do homem que amava, escondendo êsse grande amor, através de uma amizade sincera e dedicada. Amizade de irmã para irmão. Seu destino era o de ser apenas sua "irmã emprestada" e sua secretária. Pois bem, ela o seria, contanto que nunca, nunca a obrigassem a viver longe dêle" (166).

Numa única palavra: renúncia. For amor, as pessoas deveriam ser capazes de despojar-se de sí mesmas, de seus interesses, dominando sua emoção; mantendo-se em silêncio, mas firmes, fiéis aos seus sentimentos mais puros.

David encantou-se com a beleza de Suzana e precipitou-se em sua escolha. Resultado: não foi feliz em seu matrimônio e trouxe a infelicidade para Suzana e Ana Maria. O arrependimento chegou tarde... por isso: *"é dever iniludível das mães, preparar com cuidado e inteligência os filhos, para a idéia acertada do casamento.Onde haja a base firme dos sentimentos afetivos recíprocos, único modo de haver compreensão mútua e mútua felicidade. Doutra maneira, encare-se sob qualquer ângulo, o casamento é um erro, uma fonte de frustações, incompatibilidades e mesmo de infortúnio"* (167).

Os homens são mais vulneráveis e propensos ao erro pois devido à sua natureza masculina, sucumbem facilmente às paixões sensuais. A beleza física confunde sua razão enquanto que as mulheres quando preparadas para a vida são

166. op. citada, p.p. 15, 16.
167. "Do problema do casamento", Recanto Feminino, RD-6, p.14.

doutrinadas a enxergar e cultivar os sentimentos, as emoções, os valores invisíveis ao olhar humano.

As mulheres de valor, como as "Ana Maria", são de natureza diferente e, por isso, no que se refere à condução da família, podem demonstrar mais firmeza que seu par. De natureza sublime, contêm em sí a vida, pois serão as futuras mães, as perpetuadoras da família e da espécie. Isto justifica o preparo que as moças devem ter para resistir ao lado mau (sensual) dos apelos masculinos. O desejo por si só não reflete as intenções mais puras e verdadeiras da alma masculina. Cabe à mulher se guardar, pois é possuidora da chave que guarda um tesouro: conduzir o par à felicidade conjugal; à constituição de uma família construída em bases sólidas: o verdadeiro amor que nasce da amizade, a compreensão, a dedicação...

O artista amigo aconselha: *"A sua história até parece novela, minha amiga. É ao mesmo tempo um exemplo uma lição para muita moça. Estamos num mundo onde não é mais admissível criar-se uma filha com os ólhos fechados para certas coisas. A moça deve conhecer o bem e o mal, compreender o que é certo e o que é errado para melhor poder guardar-se, defender-se enfim. Você muito ingênua foi vítima de uma armadilha mesquinha e cruel de um homem canalha. E seus sonhos e o seu futuro foram destruídos. Bem... mas tudo é passado. Você é muito moça ainda. Trate de reagir. Tendo juízo, você ainda poderá ter boa sorte. Errar é humano, persistir no erro é que é feio. E outro conselho, não esteja a contar a todo mundo, o seu passado não interessa! Nem todos são honestos, nem todos compreendem as coisas. Quanto a êsse moço, acho melhor você terminar com êle. Uma vez que êle mudou depois que você usou de sinceridade é porque não está bem intencionado. Não se desespere, POEMA, conheço muita moça que passou por momentos amargos como você e que no entanto hoje são casadas, senhoras*

respeitadas, mães adoradas, porque reagiram, tivéram juízo e assim encontraram a felicidade outra vez" (168).

A mulher deve ser racional, "ter a cabeça no lugar" e não se perder (a derrocada moral) porque embora caiba à natureza masculina insistir na sedução, a ela cabe a recusa, e é isso o que um homem correto espera de sua namorada ou noiva.

168. "Consultório Sentimental de Nara Navarro", RD-10, p.38.

FASE B)

A heroína da novela em questão permanecerá 80% do tempo corrido da contagem de sua estória, incondicionalmente ao lado de David, apenas na qualidade de "irmã emprestada" e secretária.

David e Dona Luíza amparam-na no momento de seu único descontrole: trágica coincidência; no mesmo dia que o pai canalha, que não a assumira como filha, é assassinado pela esposa, sua mãe (Rosália), já doente, piora e morre. Profundamente abalada pela morte da mãe, sente-se só e desamparada, e é reconfortada por David e Dona Luiza.

Uma mansão novinha feita para Maria Clara, a filhinha do casal Verney, está em construção mas antes disso Ana Maria já estava convidada para morar com a família do amado. Alí, amiga leal de Suzana, ajudará na criação de Maria Clara, aconselhará a moça em suas crises de ciúme e constante descontrole e levará conforto a David, ajudando-o a enfrentar os problemas com sua esposa.

É a abnegação da moça, renunciando ao amor mesmo sem a possibilidade de concretizá-lo (ele é casado) ou extingüi-lo (o verdadeiro amor não morre nunca) que revela a nobreza de sua alma, a lealdade para com o casal, a aceitação de seu martírio sem jamais revoltar-se.

Neste aspecto, a crença em Deus, aparece nas novelas, algumas vezes de forma mais sutil do que nesta, mas sempre como presença constante. Fica claro que o cunho moral das idéias alí veiculadas devem apegar-se, como já disse anteriormente, à defesa de instituições-chave. E independente da religião dos astros da Rádio São Paulo, o Deus católico para o qual recaia a maior ênfase concordava com os princípios de outras religiões.

As ações dos homens eram sublinhadas, independentemente da religião proferida. As boas ações estão amparadas na crença, no homem temente a Deus. Por isso Ana Maria instrui David nesta verdade: *"E o que faz você para vencer esses momentos terríveis, em que tudo parece negro e triste? Que faz "irmãzinha? Conte-me!(...)- Procuro reerguer a minha fé . Busco à Deus, David! Só em Deus encontro novas forças e novo alento, para me sentir tranquila e confiante em novos dias.Apoiada nele eu torno a sentir vontade de viver, de sorrir, sonhar. De amar às pessoas e cousas que nos cercam, com sinceridade, porque tudo, pessoas e cousas, são espelhos vivos do seu poder e misericórdia imensos. Sem Deus, não somos nada David, nada"* (169).

Tanta firmeza de propósito e o caráter inabalável de Ana Maria vão naturalmente retirando a venda que até ali cegara os olhos de David. Observando, em seu convívio diário, como o comportamento desta difere totalmente de sua esposa Suzana, o moço vai descobrindo que ama Ana Maria e não faz segredo disto. Ela luta bravamente, buscando meios para não cometer atitudes indignas. Chega a ficar noiva do engenheiro Siqueira, o construtor da mansão de Ana Clara, rapaz franco, pelo qual ela nutre amizade e grande admiração. No entanto, em tempo, percebe o erro que cometeria casando-se com Siqueira, sem amá-lo.

Nas novelas da "emissora do lar", as situações de casamento realizados por interesse material, como paliativo à dor ou mero escapismo são desaconselhadas. Existindo essas situações citadas, os autores procuravam encontrar maneiras de evitar que se concretizassem nas novelas. As maneiras buscadas combinavam-se com o tipo de novela: mais românticas, para moças ou dramáticas, para senhoras casadas.

---

169. op. citada, p. 37.

Ana Maria desfaz seu noivado com Siqueira e esta mesma solução é aconselhada por Nara Navarro à "noiva do Ipiranga" e "Amargurada", pseudônimos utilizados por fãs para se dirigirem ao seu "Consultório Sentimental". *"Noto pela sua carta que você está muito indecisa minha amiga. Há uma confusão de sentimentos no seu coração. E na verdade você não ama esse rapaz. Assim sendo acho que déve desistir do casamento.Casamento é coisa séria, sagrada.E não havendo amor de ambas as partes não deve ser realizado(...) Se não houvér em seu coração a certeza de que o ama não se case porque depois será tarde para se concertar as coisas"* (170).

"Amargurada, você tem razão minha amiga. Casamento sem amor não pode dar certo. Mas converse com seus pais. Exponha a êles o que vai em seu coração.Impossível que êles não possam compreender" (171).

Os esforços de Ana Maria não impediram que o casamento do amado se deteriorasse pouco a pouco. Seus problemas com a esposa junto à frustação do amor que sente pela heroína, levam-no ao descontrole. A distância que a honradez de Ana Maria coloca entre os dois o irrita profundamente, pois sente-se rejeitado. Por isso, começa a agir displicentemente, voltando para casa de madrugada, alcoolizado.

Sua situação com David, a faz refletir... *"porque será que, uma mulher apaixonada por um homem comprometido ou mesmo casado, não tem o direito de revelar esse amor aos olhos do mundo? Deve trazê-lo bem oculto no seu coração! Deve escondê-lo até mesmo do próprio ente amado, se não quiser correr o risco, de se ver apontada como mulher sem dignidade, por todos que se julgam no direito de*

---

170. "Consultório Sentimental de Nara Navarro", RD-19, p.35.
171. idem, RD-11, p.26.

atirar a primeira pedra(...). E porque será, no entanto, que encontrando a mulher forças para dominar, ocultar esse amor, vencida pelos preconceitos, pela dignidade de seus sentimentos, pela grandeza de sua alma, que é maior que seu corpo, pelo respeito muitas vezes à família e à religião, porque será que o homem não encontra nunca forças para isso? Não respeita nada? Não se desmerece em nada? Não perde nada? Tanto faz, se solteiro ou casado?" (172).

Ana Maria revolta-se contra sua situação afetiva, mas se conforma, afinal, tudo isto faz parte de sua condição feminina.

Para contrabalançar com o altruísmo de Ana Maria e a fraqueza de Suzana e revestir a novela de veracidade, Nara Navarro criou Alina, uma bailarina, ruiva, amante de David. Sob sua influência negativa este homem será capaz dos piores gestos: Abandonará o lar, a esposa, descuidará de sua carreira literária, da filha pequena e do garoto recém-nascido. Novamente a heroina entra em cena: para disfarçar o estado de embriaguês em que David retornava ao lar, depois de suas noitadas com Alina, esperava-o acordada. Com abnegação, preparava-lhe café forte, amparava-o para que só subisse ao quarto da esposa em bom estado.

Na maternidade, Suzana conversa com Ana Maria, logo depois de "dar à luz" , segredando-lhe que sabia tudo sobre a amante do marido. Morre nos braços da boa amiga, pedindo-lhe que... *"Ana Maria, olhe por meus filhos... não os abandone nunca haja o que houver... .Veja se consegue afastar David da tal bailarina... senão êle... fracassará...(...) Você é mesmo a criaturinha melhor do mundo Ana Maria... e eu a estimo de coração... por tudo....Sei de tudo já há um mês... essas coisas sempre se ficam sabendo... mas... êle é o meu marido....O meu amor Ana Maria!... o pai dos meus filhos!....Tenho mêdo de que um dia êle cisme...de...de casar com essa mulher....Não deixe! se fôr para meus filhos... terem*

172. op. citada, p.p. 121, 122.

outra mãe...que seja alguém que os ame de verdade... e que ame o pai dêles também....Que seja alguém...assim...assim...como você Ana Maria...vo...cê..."(173).

Apenas dois anos após a morte de Suzana, David cada vez mais enfeitiçado pela "mulher-serpente", resolve se casar novamente. Mais uma vez, o amor heróico de Ana Maria é usado como contraponto, como desestímulo ao amor sensual. A boa moça recrimina severamente David por sua má escolha. Explica-se: *"Para você e para essa mulher sem escrúpulos, como para muita gente mais, o amor se resume em muitos beijos, muitos abraços, muito dinheiro!....Dinheiro para comprar tudo, corpos e almas.Alegrias e gozos materiais e até honras e dignidades alheias".*[174]

Para evitar que o leitor desta síntese de "E os velhos tempos voltaram" se engane quanto ao caráter desenhado para David é importante lembrar que um homem, mesmo estando num mau caminho, tem todas as prerrogativas de um senhor absoluto de seus domínios: seu lar, seu escritório, a sociedade em que vive. Embora sua vontade possa ferir as pessoas de sua família e de sua vida, ela é incontestável. Outra mensagem : a companheira ideal sofre com os maus passos do esposo, mas não pode desistir de lutar.

Ana Maria, antes de ser casada, já preenche o papel de esposa. Ela evita que os desregramentos de David, sua degradação moral sejam presenciados pelas pessoas a ele ligadas, por laços familiares, profissionais ou sociais. As atitudes da heroína servem como exemplo a suas contemporâneas da vida real. Ou seja, a mulher sensata nunca interfere diretamente nos "assuntos do marido". *"Você deve estar sofrendo muito, mesmo minha amiga. Quando um homem tem gênio impulsivo, é amante de aventuras, inconstante enfim, a esposa é que sofre. Em todo caso,*

---

173. op. citada, p. 135.
174. op. citada, p. 155.

você afirma que, no entanto, êle é muito bom em casa. Acho que nem tudo está perdido portanto"(175).

O sensato era agir como Ana Maria, ajudando-o a cumprir seus deveres de pai e patrão, encobrindo suas deficiências e erros. David é um homem rico e importante, deve fazer jús ao papel que desempenha na sociedade quer como pai, patrão ou escritor ilustre. Apontar seus erros era desaconselhável, pois só feriria sua dignidade e não solucionaria o problema.

Das pessoas que o amam ele receberá apenas indiretas, ninguém se revestirá da tarefa de incriminá-lo, acusando-o de seus erros. Isto significa que ele sabe em que está errando (não ir ao escritório, não estar na cerimônia natalina junto à família, ausentar-se em momentos graves, como o da doença do filho) mas alguma coisa o impede de parar. É a má influência de Alina Speranto.

"Uma mulher quando ama de verdade um homem, é capaz de todos os sacrifícios e de tôdas as renúncias necessárias, em benefício dêsse mesmo homem! Ela não o afasta dos seus deveres e de sua família em hipótese alguma! Pelo contrário, amiga leal e digna conforta-o em momentos difícies e dolorósos. Aconselha-o nas suas indecisões! Censura-o no seus êrros e o encaminha quando está desencaminhado, mesmo que para isso, seja preciso matar êsse amor que sente por êle. Isso é amor, David! Amor que nasce e vive no coração, na alma! Não apenas nos sentidos! E êsse amor nunca foi,nem nunca será conhecido por essa mulher, nem tão pouco por você, que está seguindo um caminho errado, de mãos dadas com éla!"(176).

Ele tem dois momentos de desajuste; um quando ainda viúvo e outro já casado com Ana Maria. Nestes momentos, afasta-se de seus familiares e procura

---

175. "Esposa desiludida de Santo André", RD-9, p. 31.
176. op. cit., p. 156.

isolamento: um deles quase o leva a ruína total e o outro recupera-o totalmente, preparando seu caminho de volta ao lar. Em ambos os casos sua consciência o acusará.

No primeiro caso, displicente com seus deveres, entrega-se a Alina, sua principal fraqueza. Sente-se culpado pelo derrame sofrido por sua mãe quando notifica-a de seu casamento com a bailarina. Ela, triste e entrevada numa cadeira de rodas, logo morrerá.

O outro momento será de afastamento físico mas não espiritual. No fim da novela, depois de desmanchar sua relação com Alina, embarca para a Argentina, e ali permanece quase por um ano. É o tempo necessário para refletir sobre sua vida, seus erros. É o tempo para se recobrar dos desajustes (da influência perniciosa da "amiga") e reassumir o papel de pai e espôso retornando ao lar plenamente curado.

Resta-nos perguntar por que uma paixão tão ardente como a que David sentia por Alina não se concretizou? Impecilhos de ordem moral, religiosa e sentimental se avolumaram no caminho de ambos, impedindo-os de se unirem em matrimônio.

Moral: desaprovação da ex-esposa, de Dona Luiza e Ana Maria à figura de Alina devido a suas atividades artísticas e espírito aventureiro que resultavam em sua má reputação.

As três repudiavam-na porque julgavam ultrajante vê-la ocupando a posição de esposa à qual esta, em absoluto, não correspondia.

Religiosa: "Quis o destino" e a força divina que Siqueira e Alina tivessem um caso amoroso há vinte anos passados. O engenheiro desconhecia ser o pai de Felipe, seu filho com Alina. Os revezês da trama novelesca tinham o poder de prender o interesse dos ouvintes e também de sugerir semelhanças entre os planos de vida ficcional e real. Como justificar a ocorrência de fatos tão inusitados, tão

surpreendentes, tão necessários para desembaraçar as tramas descritas numa novela? Então, num movimento duplo, de ser modelo e ser cópia, noções de religiosidade já bastante difundidas na sociedade brasileira foram proferidas pelas vozes do rádio. A crença de seus ouvintes serviram para justificar seus descaminhos, bem como o de seus personagens prediletos. *"Que outra coisa, senão o destino, teria feito com que Siqueira e Alina Speranto depois de tantos anos passados, viéssem a se encontrar nóvamente?! Que outra coisa senão o destino, fizéra com que desde muito pequenina, a sua vida seguisse lado a lado a de David?! Que outra coisa poderia ter causado todo aquele estado de coisas, tôdas aquelas amarguras? Quem senão o destino, fizéra com que David Verney e Carlos Felipe Siqueira se viéssem a conhecer? A ser bons amigos, para no fim, estarem agóra, em vias de destruir aquela amizade por causa de uma mulher, que já havia pertencido, primeiro a um e depois ao outro?"* (177).

Não é para pouco que Nara Navarro fez David irmão de padre Rafael. A figura de um padre com sua fé e serenidade veio para impedir que Ana Maria - pilastra mestra das famílias descritas nesta novela - não desmoronasse. Sim, porque é na firmeza de seu amor por David que ela permanecerá junto aos filhos dele, que impedirá que Alina estrague o lar do amado e perceba a necessidade de proteger o filho, casando-se com Siqueira e legitimando Felipe.

Padre Rafael torna-se conselheiro espiritual e confidente de Ana Maria. Eles trocarão uma farta correspondência e, nos momentos mais difícies, suas palavras serão lembradas. Como aqui: *"(...) Quem teria feito nascer aquele grande amor em seu coração por David Verney? Amor que continuava vivo e mais forte que nunca, apesar de tudo? Quem? Então de muito longe, de muito distante mesmo, veio-lhe chegando aos ouvidos a vóz suave, doce e calma do padre Rafael como uma*

177. op. cit., p. 277.

exortação: - Deus, Ana Maria! Deus o Senhor Supremo! Deus que é maior do que o destino, maior que tudo! Deus o Onipotente, o Justo, o Misericordioso! Foi Deus quem determinou! Quem tudo permitiu, até mesmo êsses dias amargos em nóssas vidas, para que dêles tirássemos lições proveitósas e reerguêssemos a nossa fé abalada. Foi Deus quem tudo permitiu, porque êle escreve sempre o direito por linhas tórtas. Porque nós, os que cremos nêle - na sua bondade infinita, compreendemos tudo e saímos dessas terríveis batalhas, desses torturantes conflitos d'alma, mais fortalecidos e mais crentes do que nunca. Porque o sofrimento é a escola da perfeição, pois nos faz chegar muito perto de Deus. Foi Deus, Ana Maria! Desde que nascemos, já Deus tem marcado para cada um de nós, aquilo por que devemos passar e que ninguém poderá passar por nós. Tudo que você vêm passando, Ana Maria, é porque Deus assim determinou. Não deixe que a sua fé esmoreça continue confiando nêle, mesmo nos mais angustiantes momentos, porque os que confiam, não serão abandonados"! (178).

Sentimental: Toda esta intriga somada aos sentimentos de natureza diferente que David nutria pelas duas mulheres (Alina e Ana Maria) resultará em sua escolha: romperá com Alina e viajará sozinho para a Argentina como que num encontro novamente consigo.

Uma outra maneira de discutir como os perfis de mulher apresentados pelas novelas da Rádio São Paulo não se confundiam está neste trecho onde, depois de David saber que Alina é mãe de Felipe, um estudante de medicina, seu olhar se modifica: *"Não, que não mais a desejasse ou amasse. Isso não! Mas aquela antiga paixão, imperiósa, exigente, parecia haver se transformado numa estima tranquila, refletida, amigável e nada mais. Já não sentia o sangue correr-lhe célere nas veias quando a tomava nos braços, alarmado consigo mesmo, que êla já não mais o*

178. op. cit., p.p. 277, 278.

fascinava tanto. Antes, quando a tinha junto a sí não pensava em mais nada, agora já pensava em seus livros, em seu lar, em seus filhos, em Ana Maria, sempre dedicada repartindo-se entre o escritório e a casa" (179).

Vê-se claramente que o fato de Alina ser mãe e ter consequentemente uma família desvia o pensamento de seu "amigo" (que entre aspas significa amante) para a sua própria família, seus filhos, seu lar e para aquela que foi primeiro mãezinha de seus filhos e adquiriu o direito natural de tornar-se sua esposa.

O perfil da mulher sensual e insinuante, representado por Alina não se mistura ao perfil exigido de uma mãe. Entretanto, quis o destino, com sua imperiosa força que de fato, ela fosse mãe e contrariasse a afirmação de Siqueira: *"Seria bem engraçado uma mulher como você, que não tem pena de afastar um pai de seus filhos, ser mãe afinal. Isso só é cabível numa mulher que tenha alma e coração!"* (180).

E serão os fatos da vida a despertar na consciência de Alina e David suas prioridades:os filhos. O amor dos dois por Siqueira e Ana Maria, respectivamente, virá a reboque. E vice-versa: veja-se o que pensa Siqueira sobre seu amor por Alina: *"As vêzes pensava, que não era sensato um homem comedido, inteligente, gozando de uma certa reputação social, amar justamente Alina Speranto, uma criatura sequiósa, de nóvas emoções, populariśsima e nômade por instinto"* (181).

Mas um amor que, apesar de insensato, visa corrigir um erro passado há vinte anos e dar um nome ao seu filho que, caso contrário, sofreria as consequências.

---

179. op. cit., p. 233.
180. op. cit., p. 242.
181. op. cit., p. 283.

"(...)Evocou também a figura de Felipe, agora tão querida para êle, porque ao voltar da viagem que fizéra, trouxéra uma certeza no coração. Compreendeu que por aquele que lá estava distante, entusiasta e inteligente, debruçado sôbre os seus livros de estudos devia impedir que David e Alina se unissem para sempre".[182]

[182]. idem, p. 283.

FASE C)

Coração por que bates tão forte,
Será porque lá fora a primavera canta,
Minha sêde de amôr não tem fim...
Contemplo o jardim.
Há em tudo uma singela beleza
que meus olhos prende, subjuga, encanta.
Já não sinto mais a tristeza
de meus cabelos que embranquecem,
de minhas forças que fenecem...
Pois agora sei, querida,
que o amor é mais forte
que a própria vida
que a própria morte" (183).

Chegamos finalmente à fase na qual Ana Maria, agora com a idade de 40 anos , torna-se esposa de David. É o momento de explorarmos certas analogias fabricadas nas novelas veiculadas pela "emissora do lar". Utilizo o script de "E os velhos tempos voltaram", em especial para confirmar certas estruturas que se repetem no gênero, como numa espécie de regra geral. O cunho moral reveste de semelhanças o percurso dos personagens nas novelas e a versão de Radiolar para a vida particular dos astros.

Estas semelhanças firmam-se na repetição. A repetição dos argumentos dão feição aos personagens, tipificando-os. Como isto ocorre? Cada tipo da novela, seja a heroína, o galã, o centro-dramático, devem ajustar-se ao conteúdo da mensagem combinando-se às ações, as lições de vida transmitidas para o ouvinte, a cada novo capítulo.

Ouvindo o personagem, o ouvinte formava uma imagem de sua pessoa. Ele não podia vê-los como os similares mocinho(herói), mocinha(heroína) ou bandido(vilão) do cinema.

---

183. "Certeza", poema de Macedo de Andrade. "Poemas sem importância", RD-7, p. 18.

Por isso, o timbre de voz de cada radioator precisava ser compatível com a personalidade dos tipos da novela. Por exemplo: O papel de Suzana, a primeira mulher de David Verney, combinava com a voz "sensual" de Ilka Ferreira, pois seu timbre podia desenhar na imaginação do ouvinte a figura de uma mulher bonita, agradável, moderna, mas suscetível e distinguí-la de Ana Maria, que pedia uma voz de heroína (limpida, segura, comovente) (184).

Para as analogias repetidas pelos planos ficcional e real usarei uma "cena de Natal", pois esta comemoração concentra em si família, o espírito cristão e a tradição. Estes assuntos foram bastante decantados nas novelas da "emissora do lar".

Como no encerramento de "E os velhos tempos voltaram" quando o retorno de David ao lar coincide com a chegada da noite de Natal. A revista Radiolar narra, com fotos, a cena do Natal no lar de Waldemar Ciglione.

1- "Nada mais do que uma família feliz... A tradicional árvore ao fundo cintila tanto quanto os olhares... Tranquilidade, paz e amor...eis o que simboliza este quadro, que serve de padrão a todas as famílias cristãs que honram dignamente a noite de Natal... (...)

4- "Eis uma cena que comoveu pela sua simplicidade e singeleza. A família, alicerce da nação, célula básica da sociedade, reunida em torno a mesa, para a tradicional ceia. (...)

5- "Abraçada aos presentes que Papai Noel trouxe, as crianças vão adormecer... Os pais felizes precisam sair... (...)

---

184. As atrizes que interpretaram heroinas na emissora, até meados da década de 50, foram principalmente Cecy de Alencar, Myrthes Grisoly, Sonia Maria, Lenita Helena e Nara Navarro.

6- "(...) E o homem que leva a esposa para essa diversão modesta, não é um galã ... É um pai de família como todos os outros... E o reporter de RADIOLAR notou que a vida é sempre a mesma quando há o espírito cristão que transforma cada família numa celula una e coesa... O galã acima de tudo é pai... e fora do Rádio é esse o unico papel que desempenha com fidelidade e salutar alegria... Este "é o Natal de um galã, e de todas as famílias comuns e normais" (185).

Vejamos a uniformização da descrição de uma cena de Natal. A cena descrita pela revista e a da novela repetem situações idênticas para compor o clima "noite de Natal":

"(...)Tinha a certeza de que êle ia chegar e que sentariam todos juntos e felizes à mesa, para a cêia do Natal. Olhou sem querer para o relógio, faltavam poucos minutos para a meia noite. Ainda assim não perdia a sua crença e continuava a esperar, confiante e ansiósa. Nessa manhã obedecendo às suas ordens a casa toda passara por uma limpeza geral. As cortinas foram trocadas, o assoalho luzia como um espêlho, os cristais foram polidos e flores perfumadas e escolhidas aumentavam ainda mais o aspecto festivo que havia alí. Fôra uma lufa-lufa danada, tanto nos serviços como nos preparativos para a cêia dessa noite, mas valera a pena!David, quando chegasse, haveria de compreender lógo, que todo aquele ar festivo, todo aquele aparato e aquéla rica mesa já pronta, eram por sua causa! Haveriam de brilhar lágrimas nos ólhos dêle, e a sua emoção chegaria ao climax, quando désse com Davirôse ali também. E David a tomaria nos braços desajeitadamente na verdade, mas com o coração transbordando de emoção e ternura. E choraria abertamente, sem se envergonhar. Maria Clara e Antonio Luiz

185. "Natal de um galã", RD - 5, p.25.

saltariam ao seu pescoço cobrindo-o de beijos e depois de haver beijado os filhos êle se voltaria para éla" (186).

Fazem parte do clima "noite de Natal" a comoção, a alegria, o brilho e a harmonia do lar e da festa. É a paz junto à família, é a felicidade no abrigo de seu lar.

O final feliz da novela revela, em si, lições sobre como alcançar a felicidade no matrimônio. Então, casamento é sinônimo de concretização do amor e amor, sinônimo de felicidade. Numa matéria sobre a lua-de-mel, de Odair Marzano, a leitora de Radiolar associará a opinião dele sobre este assunto à sua figura de marido e galã:

"Mas, a procura do amor é tão difícil como a procura da felicidade, talvez justamente porque o amor, de verdade, é o símbolo e a fonte da felicidade. Apesar da rima, isto foi e será sempre cristalinamente verdadeiro" (187).

Ana Maria venceu todos os obstáculos, para chegar à felicidade no casamento. Isto já é outra analogia: A vida impõe muitas lutas e é na transposição dos obstáculos que o homem se prepara, pouco a pouco, para a felicidade. Ela é a compensação pela perseverança e firmeza de caráter e propósitos. No pensamento de Ana Maria a frase: *"Não impórta que a vida seja uma luta, se no final dessa luta um dia luminoso e feliz, surgir trazendo a vitória!"* (188).

Mensagem geral desta novela: a luta de uma mulher pelo seu amor, pelo encontro com a felicidade no casamento. O ouvinte saberá reconhecer o heroismo da moça e seu final feliz o contentará. Existe na novela todo um campo bem demarcado de códigos que o ouvinte domina, como por exemplo: esposa *versus* amante, os filhos como bênção divina, coroando o casamento de alegria, as atitudes de uma mulher digna contra as de uma

---

186. op. cit., p.p. 316, 317.
187. "A vida escreve uma novela de amor - Lua de mel de Odair Marzano", RD-6, p. 25.
188. op. cit., p. 301.

mulher perniciosa, a função da mulher no lar. Agora, a novidade de cada novela está no didatismo de suas soluções, porque são elas as confirmadoras do certo e do errado, do bom e do mau. Assim, no caso em questão, Ana Maria teve serenidade na condução de seu amor por David. Tudo suportou altruísticamente: seu casamento com Suzana, a chegada dos filhos do casal, as responsabilidades de esposa sem na verdade, sê-lo: cuidando dos negócios e da administração do lar - orientando criadas, educando as crianças (dava aula de piano para Maria Clara) e até cuidando de sua "futura sogra". Ela só "perdeu a cabeça" quando tornou-se esposa e não aguentou dividí-lo com a amante, Alina Speranto.

O caráter didático da novela está em discutir soluções plausíveis para problemas reais. Como no caso em questão, mostrando como uma esposa deve proceder em tal situação. É de Siqueira, o bom amigo, que virá esta reprovação: *"Com franqueza, eu sempre pensei que você soubésse levar com mais paciência cértos fatos. Não há homem que não tenha a sua fraqueza. A de David, é Alina. Uma fraqueza e um hábito também. E para um homem perder uma cérta fraqueza e um cérto hábito é preciso dar tempo ao tempo, Ana Maria. (...) Vocês mulheres ainda não aprenderam, que para prender um homem precisam, ser antes de tudo, compreensivas, meigas e controladas, seja a que preço fôr. Homem nenhum é dominado com gritos, chôros, nervos e imprecações. (...) A esposa deve procurar ser, muitas vezes, não a mulher, mas sim um "camarada", um "amigo do seu marido", para poder compreendê-lo melhor"* (189).

No Consultório Sentimental, Nara Navarro aconselha " a esposa desiludida de Santo André" e "Amargurada", que passam por problema semelhante:

"Com paciência, inteligência principalmente, você poderá transformá-lo um homem sensato e fiel. E nada de desânimos. Continue sendo, para ele, esposa dedicada e

---

189. op. cit., p.p. 273, 274 e 274, 275.

apaixonada, e para seus filhos mãe carinhosa. E, um último conselho: enfeite-se, procure ser bonita para os olhos dele! Quem não se enfeita, por si se engeita - diz o ditado - e você é muito moça ainda para se entregar ao desânimo e ficar a um canto, chorando, infeliz."[190]

"Amargurada - (...) Eu penso que o erro de muitas mulheres é desistir sem lutar pelo homem amado... Nada disso... Então se alguém quer nos roubar o marido vamos deixá-lo sem a menor luta? Está errado... Você diz que também é moça, bonita e educada... Pois então? Você não deve ter compléxos nem medo... Lute por êle. Em lugar de discussões, dê-lhe carinhos e atenções, seja inteligente... seja astuciosa... saiba levá-lo e poderá ainda reconquistá-lo... A outra ficará na lembrança dele apenas como uma aventura e nada mais..."[191]

David é disputado numa batalha travada entre a mulher e a amante. Enquanto a amante, amoral, utiliza-se de subterfúgios, a esposa ferida em seu orgulho, luta com dignidade. A amante:

"(...) deixou-o à vontade, ligou o rádio para distraí-lo e foi para o seu quarto mudar de roupa. Sózinho na sala David encaminhou-se para a sacada. Alí ficou contemplando os luminósos dos outros prédios que brilhavam multicôres pela noite a dentro, evocando desesperadamente Ana Maria a sua Ana Maria, louco para sair dalí, voando se possível fôsse, indo aninhar-se naqueles braços carinhósos sempre prontos a recebê-lo com amor e compreensão. Mas quando os dois braços macios e quentes de Alina Speranto rodearam o seu pescoço, e os lábios déla

---

[190]. "Consultório Sentimental de Nara Navarro", RD-9, p. 31.
[191]. idem, RD-15, p. 39.

procuraram os dêle, a figura de Ana Maria foi sumindo, sumindo, até desaparecer completamente de seu pensamento" (192).

A esposa:

"Havia prometido a si mesma que, enquanto soubésse que David e Alina eram amantes, não mais êle a teria como espôsa e cumpriria sua promessa, custasse o que custasse. Se David Verney era caprichoso tambem o era! Se tinha amor próprio, éla o tinha em partes dobradas e, por isso, não cederia de maneira alguma! Haveria de ensiná-lo a respeitá-la, a amá-la de verdade e a esquecer para sempre Alina Speranto, embóra ensinar-lhe essas coisas, saísse à éla mais caro que propriamente a êle" (193).

Em sintese, enquanto a amante age graciosamente, com muita malicia, a esposa perde a calma e se desespera, encontrando um paliativo para sua dor na imposição de castigos ao marido, o que significa, segundo a argumentação do personagem Siqueira, o erro estratégico de priorizar seu orgulho ferido, ao invés de lutar para salvar o casamento.

Embora ainda hoje as traições no matrimônio sejam fato corriqueiro, podemos notar como, no caso, é dado maior ênfase às prerrogativas masculinas se comparadas aos direitos da esposa. Nara Navarro mostra como Ana Maria, tratando o marido com frieza e desprezo, atirou David ainda mais nos braços de sua amante. Pela orientação da novela, corfirma-se uma verdade: em qualquer circunstância, as mulheres devem manter a calma e a serenidade. Sua natureza feminina outorga-lhe um coração imenso que tudo pode esquecer e perdoar.

---

192. op. cit., p.p. 257, 258.
193. op. cit., p. 262.

Para vencer na batalha do amor (...) *"procure ser gentil e calma com êle. Você me paréce um tanto orgulhósa e geniósa também. Ôle outro tanto... Mas à mulher compéte ser mais humilde. Não faça nada que o desagrade e garanto que lógo êle irá falar com sua mãe sériamente sobre o assunto. Felicidades"* (194).

Ana Maria está irredutível em seu orgulho e o marido desesperançado, quase um autômato, está prestes a embarcar com Alina para uma viagem de um ano na Argentina. As verdades afloram e impedem a separação definitiva do casal. Siqueira é o pai do filho de Alina.

Outros fatos da novela, como a admiração de David por Ana Maria, que ao longo da história, dá contínuas provas de amor, como esposa e mulher, não foram suficientes para fazê-lo romper com a amante. É a paternidade de Siqueira o motivo da separação definitiva. Mas em compensação é a constância de Ana Maria no amor e dedicação por David e sua família que a fará vencedora. Ela venceu a batalha porque seu amor verdadeiro provou, ao longo de uma vida de renúncias, compreensão e paciência, toda sua grandeza.

Ela já sabe do rompimento entre o marido e sua "amiga" e mesmo assim não pede sua volta: *(...) "Desejo que êle volte, Siqueira, mas sem que para isso, seja preciso eu chamá-lo, implorando a sua vólta. Nunca pude aceitar siquér, a idéia, de uma mulher que corresse atrás de um homem, para implorar o seu amor. Por maior que seja o amor que dedique à um homem, não deve nunca descer a êsse ponto. Diminue-se, humilha-se, demonstra falta de confiança própria. Como paga, será a vida tôda diminuida, humilhada e infeliz. Não farei isso! David Verney*

194. Resposta à ouvinte Maria de Lourdes no "Consultório Sentimental de Nara Navarro", RD-10, p. 38.

voltará para o meu amor, de livre e expontânea vontade, ou não voltará nunca mais, se fôr esperar pelo meu chamado!" (195).

Espera-o porque uma mulher digna nunca se oferece ao homem; mesmo que este seja seu marido. Até sua gravidez ela omite para não forçar seu retorno, precipitando-o. Ela entrega Davirôse, recém-nascida, aos braços do pai, como um presente por sua volta. O mesmo é aconselhado às fãs: *(...) "Maria de Lourdes, êle gósta de você com toda a certeza. Em todo caso você não déve tomar a iniciativa"* (196).

"Yolanda, com sinceridade, acho que você não devia ter ido visitá-lo, se ele nem sequer era seu noivo. Em todo o caso, o feito está feito. O que há, é que ele se convenceu de que é amado e agora a está tratando com essa displicência, para magoá-la" (197).

"Gaivota Negra, minha amiga, você precisa ter amor próprio... Precisa ter personalidade... Então um moço dá-lhe o fóra e você ainda continua pensando nele. Sei que não é fácil esquecer e que o coração da mulher perdoa sempre..." (198).

Na novela, a estratégia funciona. Um ano distante da família mostrou a David que seus filhos não podiam ficar sem o pai porque:

"Grande é a falta que faz uma mãe, não é menor, porém, a que faz um pai digo-o por experiência própria. Depois, pensei em você. No seu carinho e no seu amor por mim e pelos meus filhos, que tão cêdo perderam sua verdadeira mãe. Na sua eterna paciência para comigo e para com os meus êrros. Tudo isso eu comecei

---

195. op. cit., p. 297.
196. "Consultório Sentimental de Nara Navarro", RD-10, p.38.
197. idem, RD-9, p. 31.
198. idem, RD-15, p. 39.

a analisar detalhadamente, com a maior sinceridade e com uma serenidade inigualável, pela primeira vez, em minha vida. E, então, compreendí que não tinha o direito de abandonar a você a aos "nossos filhinhos", assim sem mais, nem menos. Que eu os amava, que era por vocês amado e que, assim sendo, devia tentar reerguer a minha fé e o meu entusiasmo" (199).

A novela escrita no fim da década de 40 ensina, através do percurso de Ana Maria e David, que a tese sobre a "incompatibilidade de gênios", alegada como motivo de separação pelos casais "modernos", não tem fundamento.

David reviu a opinião sobre separar-se da esposa, provando que Siqueira estava certo quando lhe falou: *(...) "É sempre assim. Tanto o homem como a mulher não hesitam em destruir um lar, arruinando vidas pequeninas e inocentes de filhos que não pediram para nascer, baseados nessa maldita frase: incompatibilidade de gênios! Hoje em dia parece que isso está em móda. É só no que se ouve falar. E lares e mais lares estão sendo friamente, impensadamente, desmoronados, apoiados unicamente nessa frase insensata"* (200).

O retorno de David para a família é o inicio de uma nova fase na vida do casal. Agora sua união, estruturada e madura, os conduzirá a um futuro feliz. Tudo de mau que se passou com eles não foi em vão:

"Nada foi perdido, David. Pelo contrário foi ganho. Ganho em lições preciósas que ambos recebemos e que nunca mais esqueceremos. Somos moços ainda. Iniciaremos uma nóva vida, mais unidos e mais inseparáveis que nunca. Precisávamos passar por tudo quanto passámos, para que, realmente, nos uníssemos e nos conhecessemos. Não basta a um homem e uma mulher se

---

199. op. cit., p. 321.
200. op. cit., p. 279.

conhecerem de longos e longos anos. Não basta serem considerados por todos, como marido e mulher. Para que a união seja perfeita e indissolúvel, é necessário que haja um perfeito conhecimento e uma perfeita união em suas almas também. E crêia, meu querido, essa união perfeita só é conseguida pelo caminho espinhoso do sofrimento e das lágrimas" (201).

Ouvindo novelas os ouvintes podem acompanhar o passo a passo do herói/heroína na superação das dificuldades e aprender com eles. Ele encontra semelhanças entre os problemas que enfrenta e os tramados numa novela, e esta identificação pode ser, além de instrutiva, um conforto. Amigos compartilham momentos bons e tristes, nada omitindo um do outro. Ouvir novela trazia a sensação de participar das dificuldades e alegrias de amigos e repartir com eles, suas emoções.

A cada história que termina vem o alívio, a sensação boa de que tudo tinha acabado bem para aquelas pessoas às quais o ouvinte se familiarizara, se afeiçoara. Lutar pela vitória é buscar recompensa na felicidade. Todo o filão explorado nos folhetins é revisto e reutilizado pela linguagem e técnica radiofônica. Os personagens distantes dos folhetins são corporificados e, desta forma, Ana Maria, na interpretação da atriz, vive entre os ouvintes.

Os noveleiros habituam-se: a cada nova novela, um fim que será sucedido por outra novela, outro final. Ana Maria continuará viva na memória de seu amigo ouvinte e se juntará à enorme galeria de personagens e estórias que, de tão parecidas, quase se confundem, como nas novelas de Pedro Camacho, do escritor Vargas Llosa.

As novelas são escritas para distrair o ouvinte; entretanto, todas embutem à estória mensagens instrutivas, lições de vida e de moralidade. Suas temáticas estão completamente integradas ao universo sócio-cultural do ouvinte e, por isso, este conhece os códigos que resultam de suas lições. Portanto, suas mensagens interessam pelo

---

201. op. cit., p.p. 321, 322.

didatismo. A radionovela instrui seus ouvintes na busca da felicidade e apregoa o valor da paciência nesta espera.

ANEXO 1 - Radioteatro da PRA-5 - Elencos, Dias e Horários

SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS:

"Deslumbramento Valery" - das 10:00 às 10:30 horas. Em cartaz: "Herança do Pecado", novela de Nara Navarro. Direção Geral: Augusto Barone. Patrocinador: Perfumarias Valery Ltda.

"Teatro para Moças" - das 10:30 às 11:00 horas. Em cartaz: "Lar...Doce Lar", novela de Agostinho Aguiar Leitão. Direção Geral: Agostinho Aguiar Leitão. Patrocinador: Phymatosan.

"Teatro Leite de Colônia" - das 13:00 às 13:30 horas. Em cartaz: "Espelho Partido", novela de Raimundo Lopes. Direção Geral: Augusto Barone. Patrocinador: Leite de Colônia.

"Teatro Pond's" - das 13:30 às 14:00 horas. Em cartaz: "O álbum do meu filho", novela de Agostinho Aguiar Leitão. Direção Geral: Agostinho Aguiar Leitão. Patrocinador: Creme Pond's.

"Teatro de Novelas da Casa Marcondes" - das 14:30 às 15:00 horas. Em cartaz: "Vingança de mulher", novela de Nara Navarro. Direção Geral: Augusto Barone. Patrocinador: J.B. Faria, Casa Moraes, Casa Guerreiro e a Feira das Porcelanas.

"Teatro do Laboratório Goulart" - das 16:30 às 17:00 horas. Em cartaz: "Romance da Casa do Bosque", novela de Dilma Lebon. Direção Geral: Augusto Barone. Patrocinador: Elixir de Inhame Goulart.

"Novela da Tarde" - das 17:00 às 17:30 horas. Em cartaz: "Ninho de Víboras", novela de Ciro Pompeu do Amaral. Direção Geral: C. P. do Amaral. Patrocinador: Vários.

"Novela das Oito" - das 20:00 às 20:30 horas. Em cartaz: "O sétimo céu", radiofonização de Macedo de Andrade. Patrocinador: Casa Marcondes, Sedabela e Saponáceo Aurora.

"Teatro Religioso" - das 20:30 às 21:00 horas. Em cartaz: "Joana D'Arc", novela de Cardoso Silva. Direção Geral: Antonio de Freitas. Patrocinador: Companhia Antártica Paulista.

"Teatro de Romance de Modas Clipper" - das 21:00 às 21:30 horas. Em cartaz: "Eu te odeio, meu amor", novela de Cardoso Silva. Direção Geral: Augusto Barone. Patrocinador: Modas Clipper.

"Teatro de Aventuras" - das 21:30 às 22:00 horas. Em cartaz: "Navio Fantasma", novela de Cardoso Silva". Direção Geral: Alfredo Todaro. Patrocinador: Casas Eduardo, J. B. Faria e Indústria Pereira Lopes Ltda.

TERÇAS, QUINTAS E SÁBADOS:

"Teatro de Novelas da Casa Marcondes" - das 9:30 às 10:00 horas. Em cartaz: "Rincão Crioulo", novela de Dulce Santucci. Direção Geral: Augusto Barone. Patrocinador: Casa Marcondes.

"Rádio Drama PRA-5" - das 10:30 às 11:00 horas. Em cartaz: "De amor também se morre", novela de Ciro Pompeu do Amaral. Direção Geral: Ciro Pompeu do Amaral. Patrocinador: Casa Ianqui, Modas Finostil e a Metropolitana.

"Teatro de Novelas Toddy" - das 13:00 às 13:30 horas. Em cartaz: "Contra a lei de Deus", novela de Dulce Santucci. Direção Geral: Augusto Barone. Patrocinador: Toddy do Brasil S.A.

"Teatro Azeite Rita" - das 13:30 às 14:00 horas. Em cartaz: "Só resta uma lágrima", novela de Cardoso Silva. Direção Geral: Cardoso Silva. Patrocinador: Anderson, Clayton & Cia. Ltda.

"Teatro de Contos da Casa Marcondes" - somente às terças e quintas - das 14:30 às 15:00 horas. Em cartaz: Enredos enviados pelos ouvintes. Elenco: Variado. Patrocinador: Casa Marcondes.

"Meia Hora Emocional" - somente às terças e quintas às 14:30 horas. Contos radiofonizados por Urbano Reis. Direção Geral: Antonio de Freitas. Patrocinador: Casa Marcondes.

"Teatro de Urbano Reis" - somente às terças e quintas das 16:00 às 16:30 horas. Em cartaz: Enredos enviados pelas ouvintes. Elenco: Variado. Patrocinador: Casa Moraes, Casa Guerreiro e Feira das Porcelanas.

"Teatro Ovomaltine" - das 19:00 às 19:30 horas. Em cartaz: "O segredo de Vila-Mar", novela de Dilma Lebon. Direção Geral: Alfredo Todaro. Patrocinador: Ovomaltine.

"Teatro de Novela da Casa Marcondes" - das 20:00 às 20:30 horas. Em cartaz: "Rivais", novela de Nara Navarro. Direção Geral: Augusto Barone. Patrocinador: Casa Marcondes.

"Grande Teatro de Novelas do Óleo de Peroba" - das 21:00 às 21:30 horas. Em cartaz: "O Ídolo Partido", novela de Ciro Pompeu do Amaral. Direção Geral: Ciro Pompeu do Amaral. Patrocinador: Óleo de Peroba.

ANEXO II - RESUMO DE CONTOS E NOVELAS PUBLICADOS EM RADIOLAR

"SOL DE INVERNO", CONTO DE CARDOSO SILVA

fonte: Radiolar n. 6, p. 17, 18 e 19.
personagens: o amigo - José de Freitas
Ele - Eduardo Cury
Ela - Noely Mendes

resumo: Um homem tísico, à beira da morte chamar o amigo e pergunta-lhe se este ainda ama sua esposa. Diante da reação do amigo conclui que sim e pede-lhe para casar-se com ela. Quem conta a estória é o amigo (inclusive a mulher em questão também amava o amigo do marido). Eles se casam e a estória inicia com a última visita destes ao morto (no cemitério) que em vida os uniu.

legendas para as fotos/encenação da estória:

1- (ambos rezando na sepultura) - "O sol desaparecia no poente. Sentimos que ele fitava a terra com uma paixão terna de amante insatisfeito! Na penumbra o cemitério parecia imenso fantasma!

2- (a esposa chora de joelhos com o rosto afundado no peito do tísico marido) a morte eminente: "Meu amigo, pálido, tísico, deitado em cômoda cama, esperava a próxima vinda da morte! O pedido do marido: (depois de confirmar que o amigo ainda a ama) "Tão sozinha neste mundo fabuloso!... Não temos filhos. Não temos nenhum parente vivo. Você a respeitou sempre. Ela foi, para mim, uma boa esposa. Carinhosa, amável, mas nunca me amou. O seu coração somente deu agasalho para um amor. Esse amor é você... Eu sabia disso. Você é o meu melhor e mais sincero amigo e sei que, por minha causa, você nunca procurou relembrar na alma o seu amor do passado! Case-se com ela, agora. Dê a ela uma vida feliz, pois, uma vida assim ela nunca pôde conhecer na companhia de um tuberculoso que depravou a existência e foi duramente castigado!..."

"UMA VIDA E TRÊS AMORES", de DULCE SANTUCCI

fonte: Radiolar números 6 e 7.
Produção: Dulce Santucci, com montagem geral de Augusto Barone, Montagem sonora de Francisco Magalhães e Seleção Musical de Celestino Arcari, Efeitos de Antonio de Freitas.
elenco: Flávio - Odair Marzano
Lídia Leblanc - Lenita Helena
Roberto Royer - Waldemar Ciglioni

Sérgio Dupont - Ònio Rocha
Lizette - Leonor Navarro
Artur - Augusto Barone
Dr. Floriano - Antonio de Freitas
Ilda - Dalva Costa
Sônia Royer - Jane Batista
Condessa Royer - Sandra Lia
Madame Lavin - Odete Lys
Elizabeth - Ivone Sampaio

resumo:

Lídia morava com os tios e cresceu ao lado de Flávio na pacata cidadezinha de Roseiral. "Haviam crescido juntos e juntos passeavam, à vista de todos. Mas agora, possuiam noção de seus atos e compreendiam que não era apenas amizade o sentimento que os unia desde a infância".

O pai de Flávio começa a manifestar preocupação pela proximidade dos jovens pois almeja para o filho um casamento mais vantajoso. Para afastá-lo da moça, o pai manda-o cursar a Faculdade de Medicina, em São Paulo e promete-lhe que se casará com a namorada após a formatura. No entanto, isto é apenas uma tática para aos poucos, ver o amor de ambos arrefecido, o que no entanto, não ocorre.

Lídia ouve uma conversa do Dr. Floriano com a esposa, Dona Ilda, onde o primeiro revela seus planos à mulher, o que leva Lídia a desistir do noivado. Para deixar o "caminho livre" para o noivo, Lídia mente que vai à Paris receber uma herança e no navio conhece um homem aventureiro, Sérgio Dupont, pelo qual se apaixona e encontra reciprocidade no amor. Contudo, este viajava em companhia de uma amiga, Lizette que inconformada com sua derrota, arma um plano para denegrir o nome de Sérgio.

Chegando em Paris, a moça inicia uma nova vida, trabalhando como modelo na casa de modas de Madame Lavin, onde conhece Dr. Roberto Royer, homem culto, atraente e o milionário mais cobiçado nas altas rodas sociais parisienses. Este é o terceiro amor da vida da moça.

"Lídia desejava amar Roberto com toda sua alma, precisava esquecer de Flávio e Sérgio e estava fóra de suas cogitações. Mas, certo dia é surpreendida pela presença de Sérgio, que conseguira provar sua inocência, desmascarando Lizette. Explica-lhe tudo mas Lídia recusa-se terminantemente a acreditar em sua sinceridade".

Já pendendo entre o amor de Roberto e Sérgio (o que tudo faz para ganhar seu coração), chega Flávio a Paris pois descobrira todo o plano do pai. Os três dão um ultimato para a moça: ela deve decidir-se por um deles.

Lídia sai para caminhar e pensar quando perde os sentidos devido ao grande sofrimento de seu coração. Acorda no hospital com os três aos pés de seu leito. "Havia decidido tudo, a borrasca havia passado (...) Num esforço supremo, declarou que poucos dias lhe restavam de vida. Pediu-lhes que a compreendessem, pois não poderia casar-se com nenhum. Havia

amado cada um , separadamente, de maneira diferente. Todos haviam lhe proporcionado momentos de intensa felicidade, mas iria para outro mundo, iria para Deus. A morte a levaria, linda, moça, pura e bela. No momento da grande dor, Flávio, Sérgio e Roberto tornam-se amigos..."

Observação: Esta estória aborda um assunto recorrente nas novelas para moças: os diferentes tipos de inspiração para florescer um amor - 1- o da infância, o primeiro amor, 2- o amor pelo aventureiro (Sérgio) e pelo homem maduro e seguro (Roberto, estabilizado financeiramente porque é mais velho).

MULHERES DE MINHA VIDA", de DULCE SANTUCCI

Fonte: Radiolar números 9 e 10.

Produção: Argumento de Dulce Santucci, Direção geral de Augusto Barone, montagem sonora de Francisco Magalhães, Seleção musical de Celestino Arcari e Efeitos sonoros de Antonio de Freitas.

Elenco: Alberto Pinheiro - Waldemar Ciglioni

Kátia Pinheiro - Leonor Navarro
Silvia Magalhães - Lenita Helena
Bárbara Winter - Ilka Ferreira
Rosíris R. Campos- Cecy de Alencar
Rubens Pinheiro - Plínio Camargo
Magalhães - Augusto Barone
Nelson Áires - Antonio de Freitas

Apresentação: Teatro de Romance, às 2as., 4as. e 6as. às 21 horas.

Resumo:

Alberto, rapaz de cidade pequena (Pinheiral), enamorado de Silvia (seu primeiro amor) vai para viver com o tio Haroldo na cidade grande (Rio de Janeiro). Sente saudades de Silvia e comenta com o primo Rubens, "rapaz de temperamento leviano, alegre, habituado às grandes cidades". O diálogo entre ambos na página 40 da revista é revelador: "- Sim, Rubens, eu só tive uma namorada até hoje, desde criança.
- Desde criança? Santo Deus! Que homem constante você é! Mas isso já não se usa mais, Alberto. É muito romântico, muito sentimental, mas nos nossos tempos já não se admitem essas coisas. Olhe, eu tenho diversas namoradas! Aqui no nosso bairro tenho uma loirinha, na Urca tenho uma morena do outro mundo, e no Flamengo uma garota adorável... isto, fóra as conquistas extras na praia, os "flirts" na Cinelândia!..."

Alberto não podia compreender estas coisas, seu espírito estava habituado à vida simples de Pinheiral, à candura de Silvia, seu amor sincero, puro...

Kátia, mãe de Alberto, não queria que este se casasse e por isso tinha interesse em afastá-lo de Silvia. Queria que este conhecesse outras mulheres. O primo é quem o conduzirá aos prazeres da cidade.

"E começam os passeios de automóvel, pelas avenidas ofuscantes de luz, os banhos de mar, as "boites" à meia luz. E foi numa linda manhã ensolarada em que a praia regorgitava de garotas bonitas, de pele tostada pelo sol, que Alberto viu Bárbara pela primeira vez. Bárbara, mulher de grande beleza, cabelos loiros como o sol, riso provocante, olhar feiticeiro. Sedutora e fútil, causou grande impressão no espírito de Alberto. Uma palestra ligeira, algumas frases banais e Bárbara se despediu, prometendo voltar à praia na manhã seguinte. Não voltou. As orgias, a vida mundana que levava, a fazia esquecer das promessas insignificantes."

(...) "Mas aqueles poucos meses causaram grande transformação em Alberto. Cursando a Faculdade, entre rapazes alegres e divertidos, perdera a timidez, tornara-se moderno. E Silvia? Por que não lhe escrevera? Mas tinha milhões de coisas para pensar, não cessára de a amar, mas o turbilhão da grande cidade não lhe dava tempo para evocar a imagem da sua querida companheirinha."

Alberto acaba se apaixonando por Bárbara Winter (é a paixão sensual) e ao saber de seu passado, cheio de ira e levado pelo ciúme, termina o romance com a moça. Conhece Rosíris, uma criatura meiga e terna, encantadora, ingênua e de maneiras delicadas. (...) "Ao perguntar-lhe Rubens se estava apaixonado, Alberto foi sincero: - Junto de Rosíris, minha alma parece encontrar descanso, tudo nela é calma e suavidade. Rosíris não é dessas criaturas que despertam paixões violentas, mas prende os corações pela sua meiguice natural que lembra um lago sereno, de águas claras e plácidas.

Rosíris ama-o com toda ternura e devoção do primeiro amor: Alberto era a sua vida, a realização de seus sonhos de menina-moça.

Um namoro com Rosíris não poderia ser simplismente um passatempo, a mocinha era pura e nada ocultava de seus pais. Alberto tranquilizou-a, dizendo-lhe que a pediria em casamento, se ela consentisse em ser sua esposa".

Mas o cérebro determinado de Kátia Pinheiro, mãe de Alberto, trabalha para separar todas as mulheres que se aproximam do filho e agora, Rosíris em especial. Ela queria que nada atrapalhasse a carreira - fase de formação, estudos de advocacia e por isso ela trama para evitar que Rosíris aceite o pedido de casamento de Alberto. Este se desilude completamente com o amor e é neste clima que reencontra Silvia, a antiga namoradinha. Ela lhe revela que a pessoa responsável pela separação de ambos é sua mãe, Kátia. Ele briga com a mãe e resolve casar-se com Silvia.

Novamente o destino o coloca frente à frente com Bárbara. Este se compadece da decadência em que a moça se encontra, bebendo num "dancing". Este é o trecho deste reencontro (página 31): (...)"Toda a paixão, longo tempo reprimida, explodiu, impetuosa. Bárbara o amava, mais que nunca, mas Alberto já não era livre. E o rapaz passa a dividir seu tempo entre Bárbara e Silvia. Entre as duas mulheres, sente-se indeciso. E quando afinal resolve ser sincero, rompe com Bárbara. Ela tenta o suicídio e Alberto cuida da moça (novamente a compaixão). É num desses momentos que Silvia o surpreende abraçando Bárbara e foge, como que alucinada. É atropelada por um automóvel e vai para o hospital. Não quer mais ver Alberto.

Todos esses eventos fazem a alegria da mãe, Kátia Pinheiro que vai procurar o filho para pedir-lhe que abandone todas as mulheres e parta, com ela, para os Estados Unidos. Diz na página 31 da revista:
"Se fui cruel, foi por amar você, ao seu futuro. Deixemos morrer o passado. Revoltado, Alberto grita-lhe:
- Não, minha mãe! Não tente acobertar com êsse pretenso amor, a sua louca ambição! Minha vida está inteiramente destruída!...
- Meu filho, não seja sentimental. Não me queira mal... Eu o amei mais que todas as mães do mundo!

Gargalhando como um louco, Alberto pede à sua mãe que se retire" e depois de muitas confusões o jovem, retira-se para a pacata Pinheiral. A mãe descobre seu paradeiro e tentando reparar seus erros, comunica o fato às três jovens pretendentes, pois agora apenas quer ver seu filho feliz.
Silvia, a jovem interiorana, dirige-se para o pequeno lago que aprendera a amar, ao lado de Alberto. Desiludida, pensa em morrer, ali. Lança um olhar para os campos, como que despedindo-se e ao fazê-lo, divisa alguém que corre para o seu lado. É Alberto que, em seus braços, chora de felicidade. Os dois casam-se duas semanas depois e a fala final de Alberto à jovem esposa é:
- "Meu amor será como as rochas eternas que resistem aos mais violentos vendavais e a tôdas as intempéries. Você será sempre a única mulher que dirigirá o meu destino, a única, entre todas, AS MULHERES DA MINHA VIDA."

Observação: O tema aparece muitas vezes nas estórias: o rapaz/moça em busca da felicidade que se resume em encontrar o par perfeito para constituir família. A forma de explorar esta busca - tanto do homem como da mulher - também não apresenta novidade. Geralmente aparece uma espécie de contraposições entre a vida (os hábitos) existentes no campo em oposição aos da cidade grande. É o moço/moça que se formam dentro de uma lógica (ambiente) puro e neste ambiente campestre descobrem o amor (o primeiro amor). Estas pessoas, por uma série de desígnios são impelidos a viverem em cidades grandes. Nestes ambientes, cheios de artificialismos, de alta periculosidade para o espírito, eles/elas se perdem em amores

carnais, mundanos. Mas o sofrimento os levam novamente à purificação, ao retorno às suas origens. É onde seus dramas se encerram ao retornarem para as primeiras namoradas/os, no caso dos homens, ou como na novela anterior, em que o destino leva a moça para Deus.

UMA HISTÓRIA DE AMOR E CIÚME, de DILMA LEBON

Fonte: Radiolar número 11
Elenco: Diana - Mirtes Grisóly
Carlos - Waldemar Ciglioni
Autoria: Radioconto de Dilma Lebon

Resumo:
Carlos e Cecília viviam ambos na alta sociedade e dela conheciam todas as futilidades, loucuras e orgulho. Eram noivos. "Quando porém, Carlos começou a gostar seriamente de Cecília, as liberdades que ela concedia aos outros jovens pareceram-lhe qualquer coisa de chocante e de imoral. Sempre concordara com o amor-livre, com o amor-experiência, com a rebeldia contra os códigos de moral, mas desde que descobrira em seu coração um grande amor por Cecília, todas as suas opiniões haviam sofrido uma revisão profunda e radical. Ele resolve se afastar da cidade, indo para a fazenda dos pais. Dirige como louco e sofre um acidente. É acudido na Fazenda São Macário, propriedade do Dr. Martinho Amorim. Ali conhece Diana, enfermeira, filha do proprietário da fazenda. A moça tem voz angelical, sorriso maravilhoso, rosto muito bonito e elegância cativante. Ele trama um plano "pouco honesto e bastante pérfido. Fazer ciúmes em Cecília, usando Diana sem que ela saiba. Mas começa a sentir remorsos depois de já ter marcado para que Cecília viesse buscá-lo na fazenda. A mãe o reprova com vigor: -"Reprovo energicamente o que está fazendo, meu filho. Por tudo quanto me tem escrito a respeito de Diana, julgo essa jovem digna de respeito e consideração. Iludir Diana, fazendo-a crer que você se interessa por ela sentimentalmente, é um ato reprovável e imperdoável. Provocar ciúmes em Cecília, à custa da ilusão de Diana é uma idéia lamentável. Repara teu erro enquanto é tempo e deixe a fazenda o mais breve possível".
Cecília vem buscá-lo e Diana compreende tudo: o rapaz é noivo! Quando a moça chora o amor perdido sente duas mãos fortes e carinhosas segurando-a pelos ombros: -"Perdôe-me, Diana! A verdade é que o enganado fui eu! Quanto mais o carro se distanciava, mais eu sentia que estava deixando minha alma aqui! Expliquei tudo a Cecília e voltei. Voltei para você, Diana! Para você, meu verdadeiro e grande amor!".

Observação: É bom ressaltar, nesta novela, como o preparo da mãe no desempenho de sua tarefa, ajuda o filho a encontrar a verdadeira felicidade. É como se ele estivesse cego e a mãe,

com seus conselhos, ajuda-o a olhar a situação real, isenta de qualquer engano desastroso.

MARIA DO CÉU, de FRED JORGE, especialmente adaptado para Radiolar

fonte: Radiolar número 15
autor: Fred Jorge
elenco:

Maria do Céu	-	Mirtis Grisoly
Nandinho	-	Waldemar de Morais
D. Candinha	-	Odete Lys
Márcio	-	Marino Netto
Julião	-	Plinio Camargo

resumo:

Maria do Céu, 18 anos, morava na Fazenda Santa Clara, no sertão. Nandinho, rapaz forte e honesto, sentia um amor imenso por Maria, recalcado em seu coração de homem rude.
D. Candinha tinha em Maria sua melhor auxiliar. Nandinho declara seu amor à Maria mas ela sente só grande amizade pelo rapaz.
Márcio, sobrinho de D. Candinha chega da cidade. É um estudante de medicina que vem visitar os velhos recantos, onde passara sua infância. O rapaz logo se surpreende ao ver como Maria havia crescido... e como estava bonita...
Maria emocionada com a chegada de Márcio, derrama café sobre o vestido de D. Candinha e é repreendida.
"Márcio, compadecido, segue Maria e tenta consolá-la e, ao abraçá-la, sendo o calor daquele corpo jovem, lindo e simples... E seus olhos buscam o de Maria... sentindo que algo nobre nasce em seu coração..."
Julião, o feitor, ama e deseja Maria em silêncio. Mas seu caráter maligno o leva a atos violentos. Vê Maria abraçada com Márcio no pomar, e quando este se retira, tenta agarrar Maria que reage e grita por socorro..."
Márcio e Julião brigam quando o jovem vem socorrer Maria. Vamos acompanhar o trecho da página 17: "Maria volta a encontrar-se com Márcio, e o amor os arrebata... Vivem um rápido sonho de felicidade... Mas a sinceridade fez com que o jovem Márcio jure fazer de Maria sua esposa... E ele parte, prometendo não esquecê-la..."
O rapaz volta à cidade. Maria está grávida e só Nandinho a socorre neste momento. A velha fazendeira ao saber da verdade só faz por expulsá-la de sua casa. Quando Márcio volta, a tia e Julião iniciam uma série de intrigas. Dizem que Maria estava morando com Nandinho e que ambos amavam-se loucamente. O rapaz vai louco lutar com Nandinho. É a oportunidade de Julião vingar-se, apunhalando Nandinho pelas costas.
"Nandinho morre, vítima de ferimento... E no estertor da agonia, desfaz a terrível intriga. Márcio arrepende-se da precipitação, mas é acusado de haver assassinado Nandinho".

(...) "Márcio é levado à prisão... mas D. Candinha, sabendo do crime, arrepende-se de sua crueldade e prova que Julião era o assassino, levando a faca à polícia, como objeto do crime. Seu coração se compadece da sorte de seu sobrinho... Abençôa-os e permite que o casamento se realize... Agora Maria e Márcio, felizes, vivem lado a lado, na mais completa felicidade".

Observação: Nas entrevistas com as radioatrizes elas ressaltaram a grande importância desta novela ao discutir uma temática tão séria quanto a da gravidez antes do matrimônio, que por sua vez, envolvia-se na intensa discussão sobre os significados sociais para a perda da pureza (virgindade) das moças e a derrota moral que a situação podia conduzí-las..

"O DIREITO DE NASCER", de FELIX CAIGNET, traduzida por EURICO SILVA

fonte: Revista Radioteatro, coleção (40 fascículos), publicados semanalmente em 1952.
Obs.: Em cada fascículo contém, além das estórias, biografias de astros e estrelas de radionovelas em São Paulo e Rio de Janeiro. No fascículo 37 ela se diversifica com seções de correspondência e informações sobre radionovelas em transmissão.

A novela foi produzida por emissoras do Rio e São Paulo e portanto, com elencos diferentes.

personagens:

Albertinho Limonta - filho ilegítimo de Maria Helena
Maria Helena do Juncal - (Mamãe Helena)
Maria Dolores Limonta - (Mamãe Dolores) - serviçal negra
Dom Rafael do Juncal - pai de Maria Helena
Dona Conceição do Juncal- mãe de Maria Helena
Isabel Cristina de Monteverde e do Juncal - sobrinha
Alfredo Martins - pai de Albertinho
Jorge Luiz Delmonte - amor verdadeiro de Maria Helena na mocidade
Dom Pepe Rodriguez
Osvaldo
Ricardo de Monteverde
Dorinha do Juncal

resumo:

"Nascido numa isolada fazenda de café, nos arredores da povoação de Palma Soriano, Albertinho Limonta, filho natural de Maria Helena do Juncal, é salvo da morte às mãos de seu orgulhoso avô, Dom Rafael do Juncal, pela boa e generosa

negra Maria Dolores Limonta, que foge com ele para Havana, onde o cria e educa como seu próprio filho, na ignorância de sua origem, auxiliada e aconselhada por Dom Pepe Rodriguez e Jorge Luiz Delmonte, este um antigo apaixonado de Maria Helena, que auxilia seu filho sem saber.
Com o passar dos anos e por circunstâncias extraordinárias, Albertinho Limonta, já homem feito, vem a conhecer seu pai, Alfredo Martins e seu avô Dom Rafael do Juncal. Nem Albertinho, nem eles tem a menor suspeita do parentesco que os une.
Com trinta e dois anos, já famoso como Dr. Alberto Limonta, que toda Havana conhece e admira, Albertinho vem a conhecer seu irmão Oswaldo, filho legítimo de Alfredo Martins - um estroina, sem moral e sem princípios, frequentador das mais baixas esferas sociais e cujos desatinos estão minando a saúde do pai. À força de conselhos, ação e exemplo, Albertinho regenera inteiramente o irmão, levando a felicidade à casa de Alfredo Martins, justamente do pai que o amaldiçoou e abandonou antes de nascer...
Pela mesma época em que conhece Osvaldo, Albertinho vem a conhecer também sua prima, a linda Isabel Cristina, neta de Dom Rafael do Juncal, e enamora-se dela perdidamente. Dom Rafael e Dona Conceição do Juncal opõem-se imediatamente a esse amor. Acham eles, em seu orgulho, que Albertinho, que sempre evitou apresentar-lhes a sua família, "não era digno de aspirar à mão de uma Juncal!" Isabel Cristina, entretanto, enamora-se igualmente pelo jovem e simpático médico... e Dom Rafael decide ir pessoalmente conhecer a misteriosa família do Dr. Alberto Limonta!
Quando chega, depara com ... Maria Dolores! E, em consequência do choque, sofre uma embolia que o deixa totalmente paralítico e sem fala.
Assumindo o comando da casa dos Juncal, o pai de Isabel Cristina dispensa os serviços do Dr. Limonta para afastá-lo de sua filha, e nem as razões de Sorór Helena da Caridade (Maria Helena) - que trava conhecimento com Albertinho e logo concebe por ele a mais profunda afeição -, nem o sofrimento da filha conseguem abrandar o orgulho de estirpe de Ricardo de Monteverde.
O pobre Dom Rafael está preso ao leito, vendo, ouvindo e compreendendo tudo, mas incapaz do menor movimento e de pronunciar uma palavra para revelar a todos que Albertinho é o filho de Maria Helena, seu neto! Mas eis que um dia em que o doente faz um esforço mais desesperado para se fazer entender, sua velha esposa julga ouví-lo dizer: "Eu quero que venha Albertinho Limonta!" E, contra os indignados protestos de Ricardo de Monteverde, Dona Conceição chama novamente o Dr. Limonta para junto do leito de Dom Rafael".
E o véu que envolve em mistério a vida do Dr. Limonta começa a descerrar-se. Alfredo Martins descobre subitamente que o médico famoso, seu benfeitor e amigo, é seu próprio filho... e convence o orgulhoso Ricardo de Monteverde de que o Dr. Alberto Limonta é perfeitamente digno de sua filha Isabel Cristina!

Pouco depois, Sóror Helena e Dona Conceição descobrem igualmente "quem é" Albertinho Limonta, o que Dom Rafael, já melhor, graças aos esforços e à competência de seu neto, confirma, contando a Maria Helena tudo o que se passou depois do nascimento de seu filho, na fazenda de Palma Soriano, e pedindo-lhe perdão por todo mal que lhe fizera.
Mas nem tudo está esclarecido! Maria Helena está convencida de que a negra Maria Dolores lhe roubou o filho e nunca lhe deu notícias dele para se apoderar inteiramente de seu amor filial... e vai falar com ela! O encontro reveste-se de de extraordinária dramaticidade. Finalmente, porém, Maria Helena compreende a incomparável grandeza de alma da antiga ama que a viu nascer e abraça-a comovida, reconhecendo-lhe o direito, gloriosamente adquirido de "mãe de Albertinho".
E os encontros dramáticos se sucedem. Primeiro é com Jorge Luís Delmonte, que, aproveitando a presença de Sóror Helena na casa do Dr. Limonta, lhe aparece de surpresa e lhe propõe um casamento ao qual se esquivara trinta e dois anos atrás, quando ela lhe confessara honestamente que tinha um filho. Maria Helena rejeita-o. Depois é Alfredo Martins, que a procura com o mesmo fim e, apesar da insistência de toda a família, Maria Helena repele com indignação a proposta do pai de seu filho, o qual, em desespero de causa, lhe sugere seja o próprio Albertinho que decida se acha conveniente que eles se casem para ter direito aos seus nomes e herança. Albertinho, porém, sente-se perfeitamente feliz com o simples fato de conhecer seus pais e nega-se a praticar a ingratidão de alijar o nome que tão generosamente lhe deu a mãe que o criou, quando ninguém queria que ele viesse... e Maria Helena sente-se livre para responder a Alfredo Martins e à sua própria família, que insistem no casamento para salvar as aparências...
Maria Helena sugere que toda a história continue como um grande segredo de família. Continuará freira!
Dom Rafael presenteia Maria Dolores com o seu maior sonho: ter uma pequena granja nos arredores de Havana. O presente visa compensá-la por ter livrado-o do recurso de cometer o assassinato de seu neto.
Albertinho e Isabel Cristina se casam. A história principia e termina com o Dr. Limonta narrando toda sua vida a uma paciente que o procura para fazer aborto. Dá um testemunho de fé, dissuadindo-a a praticar tão bárbaro crime. É sua a última fala: "É que Maria Teresa, a mulher egoísta que veio esta tarde propor-me o assassínio de seu filho foi vencida pela mãe... pela santa mãe, generosa e boa, que soube compreender que entre as leis sublimes de Deus há uma lei sagrada que protege o divino direito de nascer!".

Observação: Esta novela foi a que mais sucesso alcançou no Brasil e ajuda a exemplificar como a novela se configura como um canal de discussão sobre problemas sociais. Nela, a questão do aborto tem um tratamento bastante empalidecido, visto que a grande motivação da estória reside em julgá-la

moralmente, acompanhando a vida de um médico proeminente que se fez, com a ajuda de uma mulher humilde, porque sua verdadeira mãe não pode assumí-lo, visto ser solteira e de "sangue azul".
A estória destes personagens causaram verdadeiro furor, quando discutiu-se e comentou-se calorosamente, a quem Albertinho devia seu amor: a mãe de criação (Mamãe Dolores) que acompanhou-o por toda a vida ou a pobre mãe verdadeira (Mamãe Helena) que, depois do ocorrido na mocidade passou a vida destilando sua dor e seu segredo. A mãe verdadeira purga em vida seu pecado "tomando os votos" e abraça, na vida de religiosa, uma motivação: cuidando dos pequenos órfãos da Casa do Berço, dedicando seu amor, ao menos em intenção, ao próprio filho que nunca conheceu.
O cubano Felix Caignet, autor da novela, confidencia em entrevista dada à revista Publicidade de 01.09.1951 (páginas 30/32) que sua intenção era escrever um libelo contra algo (aborto) que ocorria escondido na sociedade, devido ao orgulho de famílias ricas que não permitiam tal imoralidade, ou seja, macular sua linhagem com a vergonha-condenação sem volta da donzela que, ao gerar um filho denunciava seu defloramento antes de haver contraído núpcias.

BIBLIOGRAFIA

RÁDIO:

AVERBUCK, Ligia (org.) - "Literatura, Rádio e Sociedade: algumas anotações sobre a cultura na América Latina" de Anamaria Fadul in "LITERATURA EM TEMPO DE CULTURA DE MASSA", São Paulo, Nobel, 1984.

BRECHT, Bertold - "Teoria de la radio" in "EL COMPROMISSO EN LITERATURA Y EN ARTE", Barcelona, Peninsula, 1973.

FEDERICO, M. E. Bonavita - "HISTÓRIA DA COMUNICAÇÀO: (RÁDIO E TV NO BRASIL)", Petrópolis, Vozes, 1982.

GOLDFEDER, Miriam - "POR TRÁS DAS ONDAS DA RÁDIO NACIONAL", Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

HERD, Erika Franziska - "Introdução a O amigo da madrugada" in "EXPRESSÕes DA CULTURA POPULAR", Rio de Janeiro, Vozes/Seec, 1978, p. 105 a 115.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana - Cap. I "O rádio no Brasil" in "A INFORMAÇÃO NO RÁDIO", São Paulo, Summus, 1985, p. 13 a 36.

PEDRO, Antonio - "A LOCOMOTIVA NO AR", tese de doutorado, USP, SÇO PAULO, 1988 (mimeo).

SAROLDI, Luiz e Moreira, Sonia - "RÁDIO NACIONAL: O BRASIL EM SINTONIA", Rio de Janeiro, Funarte, 1984.

SILBERMANN, Alphons - "LA MÚSICA, LA RADIO Y EL OYENTE", Buenos Aires, Editorial Nueva Visión, 1957.

SPERBER, George Bernard - "INTRODUÇÃO À PEÇA RADIOFÔNICA", São Paulo, Editora Pedagógica Universitária (EPU), 1980.

TINHORÇO, José Ramos - "MÚSICA POPULAR - DO GRAMOFONE AO RÁDIO E TV", São Paulo, Ática, 1981, p. 9 a 153.

VAMPRÉ, Octácio Augusto - "RAÍZES E EVOLUÇÃO DO RÁDIO E DA TELEVISÇO", Porto Alegre, Feplan, 1979.

RADIONOVELAS:

AMORIM, Edgar e F. Porto - "A HISTÓRIA DA TELENOVELA - 1950/1968", Secretaria Municipal de Cultura, IDART, São Paulo.

BELLI, Zenilda - "RADIONOVELA: ANÁLISE COMPARATIVA NA RADIODIFUSÇO NA DÉCADA DE 40 (através de registros de audiência em S.P.), Tese de mestrado, ECA, USP, 1980.

JORGE, Wanda e SU, Marina - "RADIONOVELAS: DO PASSADO ÀS PERSPECTIVAS FUTURAS", Secretaria Municipal de Cultura, IDART, São Paulo, 1979 (texto não publicado).

LEAL, Ondina Fachel - Cap. II "Sobre a produção e reelaboração do simbólico" in "A LEITURA SOCIAL DA NOVELA DAS OITO", Petrópolis, Vozes, 1986, p. 17 a 29.

MENEZES, Raimundo, MARTINS, Fernando de Barros - "OBRAS-PRIMAS DA NOVELA BRASILEIRA", S.P., 1957 (referência do arquivo do D.P.H.S.P. - Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo.

ORTIZ, Renato, SIMões BORELLI, Silvia Helena e ORTIZ RAMOS, José Mário - "TELENOVELA - HISTÓRIA E PRODUÇÃO", São Paulo, Brasiliense, 1989.

INDÚSTRIA CULTURAL DE MASSA:

ADORNO, Theodor W. - "A indústria cultural" in Gabriel Cohn, "COMUNICAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL", São Paulo, Nacional, 1971, p. 287 a 295.

- "A indústria cultural" in Gabriel Cohn (org.), "THEODOR W. ADORNO", São Paulo, Ed. Ática, 1986, Col. Grandes Cientistas Sociais.

BARBERO, J. M. - "MEMÓRIA NARRATIVA Y INDUSTRIA CULTURAL" (texto apresentado no Seminário sobre Cultura Popular, Universidad Autônoma Metropolitana, Xochimildo, México, 1982).

BENJAMIN, Walter - "A OBRA DE ARTE NA ÉPOCA DE SUAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO", in Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas: Os Pensadores vol. XLVIII, São Paulo, Ed. Victor Civita, 1975.

COSTA, Maria Tereza P. da - "A JUSTIÇA EM ONDAS MÉDIAS: O Programa Gil Gomes", Campinas, Editora da UNICAMP , 1992.

ECO, Umberto - "APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS", São Paulo, Perspectiva, 1979.

OROZ, Silvia - "MELODRAMA: O cinema de lágrimas da América Latina", Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1992.

LIMA, Luiz Costa - "INTRODUÇÃO A TEORIA DA CULTURA DE MASSA", Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 3a. ed., p. 13 a 68.

LIPOVETSKY, Gilles - "O IMPÉRIO DO EFÊMERO - A moda e seu destino nas sociedades contemporâneas", São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

MARCONDES FILHO, Ciro - "QUEM MANIPULA QUEM? - Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil", Petrópolis, Vozes, 1986.

MORIN, Edgar - "CULTURA DE MASSAS NO SÉCULO XX - O ESPÍRITO DO TEMPO", Rio de Janeiro, Forense, 1969.

TINHORÇÃO, José Ramos - "MÚSICA POPULAR: DO GRAMOFONE AO RÁDIO E TV", São Paulo, Ática, 1981.

OUTROS:

ARHEIM, R. "ESTÉTICA RADIOFÔNICA", Barcelona, G. Gilli, 1980.

BACHELARD, Gaston - "Devaneio e Rádio" in "O DIREITO DE SONHAR", Difel, 1985.

BENJAMIN, Walter - "DOCUMENTOS DE CULTURA, DOCUMENTOS DE BARBÁRIE", São Paulo, Cultrix, EDUSP, 1986.

- "EL BERLIN DEM NICO - Relatos Radiofônicos", Barcelona, Icaria Editorial, 1987.

- "TRE DRAMMI RADIOFONICI", Turin, Einaudi, 1978.

FERNANDES, Ismael - "MEMÓRIA DA TELENOVELA BRASILEIRA", São Paulo, Proposta Editorial, 1982.

HABERT, ANGELUCCIA B. - "FOTONOVELA E INDÚSTRIA CULTURAL", Petrópolis, Vozes, 1974 (apres. como dissertação de mestrado em Ciências Sociais - USP).

HAMMER, Franz (editor) - "FRUEHE HOERSPIELE - HENSCHELVERLAG KUNST UND GESELLSCHAF" (contém peças de Brecht, Doeblin, Wolf e outros).

LIMA, Luiz Costa (org.) - "A LITERATURA E O LEITOR: TEXTOS DE ESTÉTICA DA RECEPÇÃO", Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

PALLOTTINI, Renata - "DRAMATURGIA E CONCEPÇÃO DE PERSONAGEM", São Paulo, Ática.

SENNETT, Richard - "O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO - As Tiranias da intimidade", São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

WUERFFEL, Stefan - "DAS DEUTSCHE HOERSPIEL", Ed. Metzler.

VINCENT-BUFFAULT, Anne - Cap. 5 "Os infortúnios do melodrama","HISTÓRIA DAS LÁGRIMAS - Séculos XVIII-XIX", Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

FOLHETIM:

BOLLEME, Geneviève - "LA BIBLIOTHEQUE BLEUE", Paris, Julliard, 1962.

BIOGRAFIAS:

ALMIRANTE, "NO TEMPO DE NOEL ROSA", Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1963.

CABRAL, Sérgio "NO TEMPO DE ALMIRANTE - uma história do rádio e da MPB", Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1990.

LAGO, MÁRIO - "BAGAÇO DE BEIRA-ESTRADA", Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1977.

MURCE, RENATO - "BASTIDORES DO RÁDIO - FRAGMENTOS DO RÁDIO DE ONTEM E HOJE", Rio de Janeiro, Imago, 1976.

DEPOIMENTOS:

LADEIRA, César - "ACABARAM DE OUVIR...(Reportagem numa estação de Rádio)", São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1983.

LOPES, Saint-Clair - "COMUNICAÇÃO - RADIODIFUSÇO HOJE", Rio de Janeiro, Temário, 1970.

ROMANCES:

LLOSA, Mário Vargas - "A ORGIA PERPÉTUA - Flaubert e Madame Bovary", Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

- "TIA JÚLIA E O ESCRIVINHADOR", Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1978.

REY, Marcos - "ÓPERA DE SABÃO", Porto Alegre, L&PM, 1980.

POMPEU, Sérgio R. - "DANÇA, CARMELA, DANÇA", São Paulo, Editora Best Seller, 1991.

REVISTAS:

HISTÓRIA & PERSPECTIVAS n. 3, jul/dez 1990, "CULTURA: SOM, IMAGEM E FORMAS DE SENSIBILIDADE", Revista do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia.

MEYER, Marlyse - "O QUE É, OU QUEM FOI SINCLAIR DAS ILHAS?", Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 14, 1973 e Almanaque n. 8, 1978.

- "Folhetim para Almanaque ou Rocambole, a Ilíada de Realejo" in "MODOS MENORES DE FICÇÃO", Almanaque 14, Revista do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

FONTES DE PESQUISA:

1. **Scripts** de radionovelas

Observação: As fontes de consulta descritas aqui integram uma doação feita pelos autores dos programas relacionados ao Centro Cultural São Paulo e que por não estarem catalogadas e conservadas adequadamente na instituição, preservo algumas informações recolhidas que possam servir como fonte de consulta. Os novelistas são Thalma de Oliveira (TH) e José Castellar (JC) e os números que aparecem à frente das siglas se referem a uma primeira etapa de organização do acervo, feita por mim, que seria a de seu reconhecimento.

Autor: THALMA DE OLIVEIRA
Emissora: Rádio São Paulo
Ano: 1944 a 1948

	Título	Apresentação/Horário	N. Caps.
TH-2	"Senzala"	Rádio Teatro para Moças- 4as.	24
TH-1	"Sonhos Cor-de-Rosa"	Rádio Teatro Regência Imperial	25
TH-4	"Antes de Morrer"	Cia. Rádio Teatral Serenata	27
TH-13	"Os Máias"	Teatro de Novelas Imperial	21
TH-18	"É tarde demais para viver"	Teatro para Moças	26
TH-16	"Um dia...voltarás"	Teatro para Moças	20
TH-7	"Felicidade...	Teatro de Novelas Imperial	27
TH-14	"Inveja"	Cia. Rádio Teatral Serenata	30
TH-15	"Ciúme"	Cia. Rádio Teatral Serenata	19
TH-8	"A outra face da vida"	Horário 22 horas	16
TH-9	"Azas-entre a Terra e o Céu"	Linhas Aérias Natal	25

TH-12	"Cartas de Amor"	Teatro de Novelas Imperial	24
TH-3	"À margem da vida"	Rádio Novelas Toddy-das 13 às 13:30 horas	24
TH-17	"Lagoa Adormecida"	Rádio Novelas Toddy	20
TH-20	"Noite sem estrelas"	Rádio Novelas Toddy 3as, 5as e sábado (13:00)	
TH-10	"Ódio"	Retransmissão	28
TH-11	"Nas garras do ciúme"	Sem instrução	100
TH-21	"Claúdia"	Sem instrução	29
TH-6	"Apenas... um coração"	Sem instrução	31

Observações gerais sobre estas radionovelas de Thalma de Oliveira:

TH-4: são citadas na apresentação algumas novelas do autor: "A canção do Adeus"- canção tema do mesmo nome, "Castelo de Cartas", canção tema "O toureador e a Andaluza", "Isto...Também é Amor", serenata de Haydn gravada pelos músicos da emissora, "Caminhos Proibidos", sem tema musical e "Um dia...voltarás", com tema de mesmo nome.

TH-9: participam os radioatores: Ilka Ferreira, Mary Caldeira, Myrthis Grisoly, Alfredo Todaro, Enio Rocha, Marino Netto e Waldir de Oliveira.

TH-12: Música-tema: "One love". Atores: Nelson Martinez, Lenita Helena, Alfredo Todaro, Mary Caldeira, Antonio de Freitas, Myrthis Grisoly e Nicia Soares.

TH-13: Atores: Nelson Martinez, Lenita Helena, Alfredo Todaro, Mary Caldeira, Antonio de Freitas, Sandra Lia, Carlos de Araújo, Ilka Ferreira, Eduardo Roberto, Waldir de Oliveira, Guiomar Gonçalves.

TH-14: No diálogo inicial faz-se um retrospecto pela ouvinte Silvia Maria de Jundiaí das criações do escritor para este horário radioteatral. São elas: "Um estranho casamento", "A canção do adeus", "O castelo de cartas", "Isto também é amor", "Caminhos Proibidos", "Um dia...voltarás", "Antes de Morrer", "Almas em Revolta" e "Ciúme". A última se enquadra à

idéia de fazer novelas baseadas em sentimentos humanos: maldade, compaixão, ódio, etc.

TH-18: Todas as novelas do Teatro para Moças caracterizam-se por um nome único. Assim, as anteriores são: "Infâmia", "Senzala", "Quimera", "Vida", "Destinos", "Ambição" e "Simplicidade".

TH-20: Ciro Bassini substitui Thalma de julho de 1947 a fevereiro de 1948, terminando com "Garoa".

Autor: José Castellar
Ano: 1943 a 1955

	Título	Apresentação/Horário	n.Cap.
JC-21	"Regeneração"	Teatro Romance Marca Peixe	26
JC-33	"O Caminho do Pecado"	Teatro Colgate/Palmolive	12
JC-1	"O anjo das trevas"	Horário: 21:15 às 21:30	40
JC-9	"As irmãs Mason"	Programa Colgate/Palmolive	12
JC-20	"A lei do coração" de Leandro Blanco	Rádio Teatro Colgate (adaptação)	41
JC-38	"O terrível segredro de Luiza Martins" de Leandro Blando	Radioteatro Colgate Hor. 21:00 às 21:30 (adaptação)	21
JC-2	"A flexa da vingança"	Horário 21:30	15
JC-5	"Um encanto em cada vida" (estórias "verdadeiras" publicadas)	patrocínio da Revista Encanto- 2as., 4as. e 6as. às 15 horas	
JC-15	"André Kmita"	Teatro de Aventuras 2as., 4as. e 6as. às 21:30 horas	21
JC-17	"Um homem bom"	Novela Toddy - 3as., 5as. e sábados - 13:00 horas	26

JC-18	"O filho do Sheik"	Teatro de Aventuras - 2as., 4as., e 6as. às 21:30 horas	
JC-22	"O Sheik"	Horário de 21:30 horas	31
JC-14	"O máscara de san-	Horário de 21:30 horas, de 2as., 4as. e 6as.	25
JC-19	"Parecida com a Felicidade"	Horário das 19:00 horas Incompleta	10
JC-25	"Ela, a feiticeira" de Rider Haggard gue" de T.Gautier	Teatro de Aventuras	17

Observações: Existem cerca de trinta scripts deste autor, apresentados em outras emissoras como a Difusora e a Tupi e que por esse motivo não são fontes diretamente consultadas por mim, mas que integram o acervo. A consulta à listagem deve ser feita no Centro Cultural São Paulo, que mantêm a cópia dos programas desta catalogação prévia.

1. Scripts de radiocontos - Rádio São Paulo:

autor: Thalma de Oliveira
anos: 1945 a 1948, sendo que muitos não estão datados.
Listagem de acordo com a legenda abaixo:

Programa Arco Íris (*)
Deslumbramento Valery (Água de Colônia Dolores) (**)
Teatro de Contos Fátima (***)

"Há sempre um outro amanhecer" (*), "Oh!" (*), "À maneira de Cyrano" (*), "A doença de Lídia" (*), "Um sonho para viver" (*), "O curioso caso de dois indivíduos que na realidade eram quatro e do que lhes aconteceu..." (*), "A ação e o coração" (*), "O homem que teve tudo para ser feliz" (designação de série maluco-absurdo-incongruente), "Saudade...em flor" (*), "Boa gente" (*), "Estação de Águas" (*), "O homem da boina marron" (*), "A ciência de conversar" (*), "Uma estória de Natal" (*), "A arte de perder" (*), "O homem difícil" (quadro cômico), "As vezes é bom ser bom" (*), "É tarde demais... para viver" (*), "Don Juan" (*), "Quando faltavam duas para as dez" (*), "Desilusão" (*), "Triângulo" (**), "A outra metade do limão" (***), "Nem sempre o amor é mesmo o amor" (*), "Uma lição de amor" (***), "Quando o destino não quer..." (*), "Mulher" (*), "O golpe" (*), "Nossos tempos" (*), "O direito de amar" (*), "Apenas teu amor" (*), "Os poetas também se casam" (*), "Primo Raul" (*), "Direitos

iguais" (*), "Não é proibido sonhar" (*), "O diário da senhorita" (*), "Há dois caminhos para o amor" (*), "O amor vem depois" (*), "Eterno problema" (*), "Há sempre um chinelo velho pra um pé doente calçar" (*).

- Scripts de radiocontos -
Autor: José Castellar
Anos: de 1950 a 1952, sendo que muitos não estão datados.
Emissoras:

Rádio São Paulo (*)
Rádio Difusora (**)
Rádio Tupi (***)

"Inspiração" (*), "A sombra do corvo!" (*), "A condenada" (*), "Susana salva-vidas" (*), "O último telegrama" (**), "Música de Deus (Novela Velman), "O presente de Deus" (**), "A última noite de um covarde" (sem instrução), "A esposa e a secretária" (**), "Encontro no aeroporto" (**), "Casamento de Conveniência" (sem instrução), "O indiferente" (Novela Velman), "Eu não era culpada" (**), "A medalha de ouro" (sem instrução), "O retrato de Dolores" (**), "Eu suspeitei de meus pais" (***), "Abandonada" (sem instrução), "O homem que viu demais" (***), "Desespero" (Rádio romance), "Dedicação" (sem instrução), "Consultório Sentimental" (sem instrução), "As mãos da morte" (**), "Fim de semana" (Novela Velman), "O segredo do tio Cornelio" (sem instrução), "O meu último beijo" (sem instrução), "A peça rejeitada" (**), "Bailarina de Dégas" (**), "O nome em voz baixa" (**), "Um homem igual aos outros" (**), "O cão raivoso" (sem instrução), "Desamparo" (**), "Os astros não podem mentir" (sem instrução), "Bernardete" (sem instrução), "A condenada" (sem instrução), "As flores vivas do meu coração" (**), "As mãos que não me pertenciam" (sem instrução), "Esta mulher me persegue", "O médico à força", "As mulheres é que mandam", "João bobo", "Meu filho é mais velho do que eu", "O gigante e o egoísta", "Sonho de uma noite de verão", "O último verão sobre a Terra", "Uma vida e dois amores", "La cachirra", "A medalha de ouro", "Um coupê verde", "Carta a papai Noel", "O monstro", "A tragédia de Salomé", "Abandonada", "Desespero", "Cem mil dólares para uma esposa", "O espírito de Natal", "Casa de Doidos", "A bela adormecida", "O homem que fazia milagres", "Pensão... doce pensão", "O príncipe feliz", "O patinho feio", "A galinha dos ovos de ouro", "Ih! eu estou com uma vergonha", "Histórias de Corupira", "A tartaruga faladeira", "Joe volta da guerra", todos sem instruções, "Eram todos iguais" (*), "Algo sobre bomba atômica" e "Sacrifício de uma vida" (***).

Além destes, existe uma longa série de programas que não foram diretamente pesquisados, como por exemplo, o "Radioteatro dos Bichos", contos destinados ao público infanto-juvenil que narrava estórias humanizadas dos animais e os episódios do programa "O crime não compensa" que narrava estórias que envolviam crimes, muitas vezes saídos da página policial.

REVISTAS:

A coleção de Radiolar, revista da Rádio São Paulo, de seu lançamento até 1955, cedida para a pesquisa pela radioatriz Ilka Ferreira.

A coleção de Radioteatro das novelas "O direito de nascer", "O direito de amar" e "Presídio das Mulheres", material sem catalogação, cedido para a pesquisa pela antiga Divisão de Comunicação de Massa da Casa das Retortas (ligada ao Centro Cultural São Paulo).

A coleção da Revista Publicidade e Publicidade & Negócios do ano de 1947 a 1957, disponível à pesquisa na Associação Paulista de Propaganda - A.P.P., em São Paulo.

Revista do Rádio:

Número	Reportagem	Data
78	"Novela de rádio não é sub-literatura"	13.03.51
86	"Revolução nas novelas"	07.05.51
95	Editorial: "Escola de Rádio Teatro"	03.07.51
96	"Como artistas vivem seus papéis no microfone"	10.07.51
98	"Mário Lago-um novelista contra novela"	24.07.51
101	Sessão: "Pelo telefone" - Os ouvintes preferem novelas e mais novelas!	07.10.52
107	"Afirma J. Silvestre- as melhores novelas são as da Tupi"	25.09.51
111	"Eles são de matar!" - Os vilões	23.10.52
114	"2 milhões de cruzeiros pelo Direito de Nascer"	13.11.51
125	Sessão: "O Rádio em revista"	29.01.52
126	"Mamãe Dolores tem um filho na vida real - Yara Salles"	05.02.52
225	Sessão: Cada cabeça, cada sentença	02.01.54
143	Censura nas novelas, página 8	03.06.52
147	"Grande número de rádios desligados porque o ouvinte está saturado de novelas", página 7	01.07.52

150	Muitas reportagens sobre a novela "O Direito de Nascer"	22.07.52
163	Matérias sobre o final "O Direito de Nascer"	21.10.52
164	"Pergunta da semana: Qual o melhor radioator"	29.10.52
174	Sessão: Pelo Telefone: "Acabarão as novelas"	06.01.53
176	"Uma casa de campo no radioteatro da Nacional.	20.01.53
177	"As sensações do Rádio de 1952"	27.01.53
184	"Programas à base de teatro"	17.03.53
185	"Rádio de Minas:novela e auditórios	24.03.53
186	"São Paulo: cem mil cruzeiros por uma novela!"	31.03.53
195	Sessão: Cada cabeça, cada sentença "Pior do que uma novela, só mesmo uma novela urbana"	02.06.53
200	Sessão: Cada cabeça, cada sentença" - "Grande parte do radioteatro está precisando da intervenção das autoridades que não devem permitir que sejam ouvidas"	07.07.53
207	Entrevista com Cardoso Silva - "Escreve três novelas ao mesmo tempo"	25.08.53
210	"Nos 17 anos da Rádio Nacional"	15.09.53
215	"Ouvi dois capítulos de duas novelas diferentes"	20.10.53
253	"Os novelistas e a censura"	17.07.54
254	"Tão real e humano quanto o bandido Lampião" - estória produzida por Thalma de Oliveira para "O Crime não compensa"	24.07.54
263	"Quem é o preto velho das novelas"	25.09.54
376	"Novela para causar sensação"	24.11.56

JORNAIS:

Matérias publicadas pelos novelistas Thalma de Oliveira na "A Platéia" e "O Tempo" e as de José Castellar, publicadas na "Folha da Noite" e "Hoje" em São Paulo, que estão citadas no decorrer do trabalho.

DEPOIMENTOS:

Transcrições que fazem parte da pesquisa "A História do Rádio" em entrevistas concedidas à divisão de pesquisa da antiga Casa das Retortas, do Centro Cultural São Paulo:

ALVES, Vida - radioatriz

FORSTER, Walter - radioator

FREITAS, José de - radioator e contra-regra

LEBON, Cristina - escritora de novelas

SANTUCCI, Dulce - escritora de novelas

TOLEDO, Alcina de - escritora de programas de rádio

Depoimentos concedidos no mês de julho de 1991 pelas atrizes:

ALENCAR, Cecy de - radioatriz

FERREIRA, Ilka - radioatriz